



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE
CASCAVELCENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

SILVANA DE ARAÚJO VAILLÕES

**“VOCÊ NUNCA SERÁ UMA MULHER DE VERDADE!” EFEITOS DE SENTIDOS
NAS TIRAS DE MURIEL TOTAL**

CASCAVEL

2022

SILVANA DE ARAÚJO VAILLÕES

**“VOCÊ NUNCA SERÁ UMA MULHER DE VERDADE!” EFEITOS DE SENTIDOS
NAS TIRAS DE MURIEL TOTAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Cascavel, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares.

Linha de pesquisa: Estudos da Linguagem: descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade.

CASCADEL

2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

de Araújo Vaillões, Silvana
?VOCÊ NUNCA SERÁ UMA MULHER DE VERDADE!? EFEITOS DE
SENTIDOS NAS TIRAS DE MURIEL TOTAL / Silvana de Araújo
Vaillões; orientador Alexandre Sebastião Ferrari Soares. --
Cascavel, 2022.
133 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade
Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Sujeito trans. . 2. Sentido.. 3. Formação Discursiva
Binarista de Gênero.. 4. Memória Discursiva.. I. Sebastião
Ferrari Soares, Alexandre, orient. II. Título.

SILVANA DE ARAÚJO VAILLÕES

**“VOCÊ NUNCA SERÁ UMA MULHER DE VERDADE!” EFEITOS DE SENTIDOS
NAS TIRAS DE MURIEL TOTAL***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa “Estudos da linguagem: descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade”. APROVADA pela seguinte banca examinadora:



Orientador(a) - Alexandre Sebastião Ferrari Soares
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Luciana Thomé Schröder
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Dantelli Assunção Garcia
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Giovanna Gertrudes Benedetto Flores
Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)



Alexandre Felipe Fiuzza
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Cascavel, 30 de março de 2022

Dedico este texto a todas as pessoas trans, mas, em especial, às que morreram de Covid-19 nesses dois anos de pandemia, as quais nem sequer foram dignas de nota na mídia ou nas estatísticas. Invisíveis.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, à Força Criadora, à Fonte de Tudo que há, que me permitiu estar nesse plano, nessa encarnação, evoluindo e tendo a possibilidade de diminuir meus carmas. Agradeço à Espiritualidade, ao meu Mentor Amigo, por terem permitido que eu chegasse viva até este momento importante de finalização deste trabalho. Agradeço por não ter perdido minha fé.

Agradeço, mais do que a todos, ao meu pai, João Maria Pedroso Vailões, e à minha mãe, Iracema de Souza Araújo (*in memorian*), os quais me ensinaram com exemplo e luta de todos os dias, os quais me criaram dando o seu melhor, os quais me mostraram que sou capaz. Gratidão por terem sido meus pais, pois eu só sou o que sou, pois os tive como exemplo. Gratidão por cada faxina feita, minha mãe. Gratidão por cada dia trabalhado, meu pai. Eu amo vocês e os honro até o fim dos meus dias. A resistência de nós, pobres, é o conhecimento.

Gratidão aos meus irmãos, Sirley e Sílvio (ainda que este último não fale comigo há quase sete anos). Gratidão aos meus sobrinhos, Gledson (e Nat) e Geferson. Gratidão ao meu cunhado, Gerson. Agradeço, também, à Nice, minha mãe do coração, que sempre cuida do meu pai e de todos nós com tanto carinho. Família é para onde a gente volta quando todos nos abandonam. Obrigada por estarem sempre comigo, quando precisei.

Gratidão àqueles que moram comigo, meus gatinhos, minha família, que me motiva, me dá carinho e fica comigo em todos os momentos: Mimi, Negão, Tiquinha e Morceguinho, por serem as fofuras que são e trazerem alegria para a minha vida.

Gratidão imensa ao meu filho querido, Renato, por ser a razão e motivação dos meus dias, por querer construir um mundo melhor para esse pequeno grande homem que ele está se tornando. Obrigada, meu filho. Você é o amor da minha vida.

Obrigada, minha mãe de alma, Barbara Rachid, por ter me ensinado a ser melhor, não porque você tivesse essa pretensão, mas só porque você é maravilhosa mesmo e seu exemplo me ensinou a ser um ser humano melhor. Te amo. Obrigada por tanta sabedoria.

Obrigada, em especial, à Eleandra e à Eloísa, pois são minhas amigas, minhas chefes, minhas irmãs, minha força, meu exemplo, meu refúgio em tantas vezes. Eu amo vocês imensamente. Obrigada por acreditarem no meu trabalho, em mim e no que posso fazer para melhorar esse mundo.

Gratidão aos amigos queridos, família que escolhi para continuar a vida: Jaque, Tasca, Fernanda Terra, Luiz Haab, Rodolfo, André Boniatti, Wally, Horácio, Roni, Sabana e Maria Clara (*in memoriam*), Clau e Lindomar, Guto Mugnai, Márcio Athaíde, Marco Sella, Camila Safranski, Valter Mazo, Caroline Bredt e Murilo, Jéssica e Felipe (e ao Tintin também), Ana Paula e Fábio, Leila e Ana Santos, Carol Petry, Poty, Louise, Karine, Talyta, Camila e Beto Jacob, Aline Krois, Crébis Dornelles, Marcão, Renan, Val Gursky, Andrews Drinks, e à galera de todas as bandas e projetos musicais que tenho e tive, pois me mantiveram viva e sã (não muito) em dias difíceis que foram esses dois últimos anos.

Aos colegas de turma e do grupo de pesquisa: Renan Lorenzato, Lohanna, Agnes, Ivan, Fabio Zanella, Jaque Denardin, Alex, Alcemar, Guilherme e a todos que participaram dos nossos encontros regados a muita comida boa e leituras na AD.

Agradeço ao amigo e ex-orientador, professor exemplo, Alexandre Fiúza, bem como à sua companheira, Adriana, por ter aceitado ser banca desta tese, bem como por ter me alugado sua antiga residência para morar. Vivi dias tranquilos, felizes e pude concluir esse período com a paz de que precisava.

Agradeço aos outros membros da banca, os quais aceitaram ler meu trabalho, orientando-me da melhor forma possível: Luciane Thomé Schröder, Giovanna Benedetto Flores, Dantielli Assumpção Garcia; obrigada. Sem vocês, eu não teria chegado até o final deste texto. Acima de tudo, vocês são mulheres que me inspiram e são exemplo. Obrigada.

Por fim, gratidão infinita ao professor e amigo Alexandre Ferrari, que teve paciência, que me acolheu e ajudou imensamente nesses quatro anos. Obrigada, querido professor. Você é um grande exemplo para mim e sempre será. Muito obrigada por absolutamente tudo que você fez por mim.

Agradeço à autora Laerte, pela genialidade e coragem de, com sua Muriel Total, abordar temas tão importantes em nossa sociedade, como a transgeneridade.

Ao final desses quatro anos, só tenho a agradecer ao ex-presidente Lula e à ex-presidenta Dilma, pois, em seus anos de governo, pude fazer mestrado com bolsa, o que não se efetivou no governo do ser inominável que está no poder. Concluo este doutorado com muita luta, muito trabalho, justamente pelos desmandos, desrespeitos e política de extermínio efetivados por esse governo. Fora, Coiso! Lula 2022!!!!

“Olha ali o traveção!”

Luísa Marilac

VAILLÕES, Silvana de Araújo. **Você nunca será uma mulher de verdade** – efeitos de sentidos nas tiras de Muriel Total. 2022. 133 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

Orientador: Alexandre Sebastião Ferrari Soares

Defesa: 30 de março de 2022.

RESUMO

Este texto teve como objetivo perceber os efeitos de sentidos mobilizados pelas tiras da série Muriel Total, da autora trans, Laerte. Para isso, baseamo-nos na teoria de Análise de Discurso, de orientação francesa, efetivada por Pêcheux (1995; 2006; 2011), Orlandi (2009; 2011; 2017) e Mariani (1996), entre outros, que considera que o sujeito é constituído em seu discurso, o qual é atravessado pela ideologia, que o interpela como sujeito. Também, para efetivar as análises, consideramos autores que abordam sobre gênero como um processo de constituição discursiva, a saber: Bento (2006;2008), Butler (2011; 2018), Foucault (1984; 1985; 1988), Lanz (2015), entre outros. A série Muriel Total foi veiculada, durante um curto período de tempo, no jornal Folha de São Paulo, tendo, após, sido alocada em um espaço virtual da autora. É composta por mais de oitocentas tiras, as quais versam sobre variados temas, no geral, envolvendo a transgeneridade, no caso, efetivada por Muriel, que era Hugo Baracchini. A fim de desenvolver o estudo, fizemos o levantamento da teoria sobre conceitos que foram mobilizados pelo *corpus*, como Formação Discursiva, Interdiscurso, sujeito, sentido, ideologia, Memória Discursiva, Denominação, entre outros. Também, embasamo-nos em autores que discutem os temas veiculados pelas tiras da série, a saber, transgeneridade, identidade de gênero, orientação sexual, heterossexualidade, heteronormatividade, etc. O percurso de estudo permitiu que percebêssemos o funcionamento discursivo a respeito dos sujeitos trans, nas tiras de Muriel Total, de maneira que tais discursos estariam filiados a uma FD, que nomeamos como Binarista de Gênero, termo apresentado por Leticia Lanz (2015), em seu livro “O corpo da roupa”. Os objetivos específicos versaram sobre a apresentação dos conceitos mobilizados pelo *corpus*, com base na teoria da AD francesa, assim como explicação sobre questões de gênero que possam ter sido consideradas nas tiras da série. Ademais, encontramos as regularidades no *corpus*, a saber, as Memórias Discursivas mobilizadas em relação ao sujeito transgênero (aquele que se adequa ao Dispositivo Binário de Gênero; aquele que resiste ao Dispositivo Binário de Gênero), bem como efetivamos os gestos de leitura; também, observamos a regularidade, nas tiras em questão, que produzem os efeitos de sentidos sobre a necessidade de Denominação por parte desse sujeito trans, seja no que se refere à sua orientação sexual, relação com os outros, formas de se comportar, do que gostar, entre outros, o que é efetivado com a filiação a uma FD Binarista de Gênero.

Palavras-chave: Sujeito trans. Sentido. Formação Discursiva Binarista de Gênero. Memória Discursiva. Denominação.

VAILLÕES, Silvana de Araújo. **You will never be a real woman** - effects of meaning in *Muriel Total's* strips. 2022. 133 p. Thesis (Doctorate in Languages) – Graduate Program in Languages, Western Paraná State University - UNIOESTE, Cascavel, 2022.

Advisor: Alexandre Sebastião Ferrari Soares

Defense: Defended on March 30th 2022.

ABSTRACT

This text aimed to understand the effects of meaning addressed in the comic strips of the series *Muriel Total*, by the trans author Laerte. For this, we based ourselves on the theory of Discourse Analysis, French-oriented, effected by Pêcheux (1995; 2006; 2011), Orlandi (2009; 2011; 2017) and Mariani (1996), among others, which considers that the subjects are constituted in their discourse, crossed by ideology, which questions them as subjects. Besides, to effect the analyses, we considered authors who address gender as a process of discursive constitution, namely: Bento (2006; 2008), Butler (2011; 2018), Foucault (1984; 1985; 1988), Lanz (2015), among others. The series *Muriel Total* was broadcast, for a short period, in the newspaper Folha de São Paulo, having, afterwards, been allocated in a virtual space of the author. It comprises more than eight hundred strips, which, in general, deal with various themes involving transgenderism, in this case, carried out by Muriel, who was Hugo Baracchini. In order to develop the study, we surveyed the theory about concepts that were mobilized by the *corpus*, such as Discursive Formation, Interdiscourse, subject, meaning, ideology, Discursive Memory, Denomination, among others. We also based ourselves on authors who discuss the themes conveyed by the strips of the series, namely, transgeneracy, gender identity, sexual orientation, heterosexuality, heteronormativity, among others. The study path allowed us to perceive the discursive operation regarding trans subjects in the *Muriel Total* strips so that such discourses would be affiliated to a DF, which we call Gender Binarist, a term presented by Leticia Lanz (2015) in her book *O Corpo da Roupa*. The specific objectives were about the presentation of the concepts mobilized by the corpus, based on the French DA theory, as well as an explanation about gender issues that may have been considered in the strips of the series. Furthermore, we found the regularities in the corpus, namely the Discursive Memories mobilized concerning the transgender subject (the one who conforms to the Gender Binary system; the one who resists the Gender Binary system) as we performed the reading gestures. Moreover, we observe the regularity that produces the effects of meanings about the need for Denomination by this trans subject, whether for sexual orientation, relationship with others, ways of behaving, what to like, among others, which are effected by the affiliation to a Gender Binary DF.

Keywords: Trans subject. Meaning. Binary Gender Discursive Formation. Discursive Memory. Denomination.

LISTA DE TIRAS

TIRA 1 - Hugo se veste de mulher por causa da máfia.....	18
TIRA 2 - A máfia anuncia que vai embora.....	18
TIRA 3 - A Máfia vai embora, mas Muriel continua	20
TIRA 4 - Hugo continua a se vestir de mulher.....	20
TIRA 5 - Me chama de Gilda	21
TIRA 6 - Hugo e o caderno de informática	58
TIRA 7 - Hugo ainda se vestindo de mulher.....	58

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - MEME SOBRE A MULHER DE VERDADE	43
---	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Sequência Discursiva Imagética 1	30
FIGURA 2 - Sequência Discursiva Imagética 2.....	40
FIGURA 3 - Sequência Discursiva Imagética 3.....	48
FIGURA 4 - Sequência Discursiva Imagética 4.....	68
FIGURA 5 - Sequência Discursiva Imagética 5.....	72
FIGURA 6 - Sequência Discursiva Imagética 6.....	77
FIGURA 7 - Sequência Discursiva Imagética 7.....	81
FIGURA 8 - Sequência Discursiva Imagética 8.....	92
FIGURA 9 - Sequência Discursiva Imagética 9.....	93
FIGURA 10 - Sequência Discursiva Imagética 10.....	95
FIGURA 11 - Sequência Discursiva Imagética 11.....	96
FIGURA 12 - Sequência Discursiva Imagética 12.....	101
FIGURA 13 - Sequência Discursiva Imagética 13.....	101
FIGURA 14 - Sequência Discursiva Imagética 14.....	104
FIGURA 15 - Sequência Discursiva Imagética 15.....	112
FIGURA 16 - Sequência Discursiva Imagética 16.....	114
FIGURA 17 - Sequência Discursiva Imagética 17.....	117

SUMÁRIO

LISTA DE TIRAS	12
LISTA DE IMAGENS	13
LISTA DE FIGURAS.....	14
PARA INICIAR O BATE CABELO	16
1 “HÁ DISCURSOS QUE FUNCIONAM COMO ARMAS DE GUERRA”	27
1.1 QUEM É QUE DIZ O QUÊ?	36
1.1.1 Sujeito individuado pelo Estado e os sentidos moventes.....	44
2 “MEU NEGÓCIO É PÉ NA CARA. E LEVO O HUMORISMO A SÉRIO” – PERCURSO METODOLÓGICO	57
2. 1 QUEM É MURIEL? PAUSA SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	57
.....	58
2.2 AS TIRAS E OS EFEITOS DE SENTIDO	60
3 “ESSE NEGÓCIO DE ROSA E AZUL É COISA DE GENTE CINZA”	63
3.1 MEMÓRIA DISCURSIVA – PAUSA PARA DEFINIÇÕES.....	65
4 “EU ACHO QUE DIFICILMENTE UM CORPO TÁ RESOLVIDO PARA TODO SEMPRE.”	85
4.1 MEMÓRIA DISCURSIVA SOBRE O SUJEITO TRANS/HOMOSSEXUAL	85
4.1.1 Sujeito trans – transformar para se enquadrar.....	90
4.1.2 Sujeito trans – corpos que resistem.....	98
5 “BICHA ESTRANHA, LOUCA, PRETA, DA FAVELA”	104
5.1 TRAVECO, VIADO, BICHA E OUTROS	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS.....	125
SITES.....	131

PARA INICIAR O BATE CABELO¹

Quando vi Laerte na tv, lá pelos idos de 2006, vestida de mulher, pensei: “Que é que esse maluco tá fazendo?”. Não entendi nada. Sempre admirei o trabalho de Laerte. Suas tiras, cartuns, quadrinhos e charges me fizeram, durante anos, pensar sobre a realidade e questionar a vida. Então, diante daquela mudança, só podia dar um crédito, afinal, ela sempre tinha sido um “gênio” para mim.

Minha história com a Laerte inicia na graduação, lá em 2001, visto que admirava muito seu trabalho. Tive acesso à sua obra por meio de uns livros que vi na casa de um amigo. Lembro bem quando abri a coletânea de quadrinhos “Gatos ao léu” (genial) e eu, que não gostava de gatos à época, amei tudo aquilo. Hoje, sou amante dos gatos, um pouco por causa da Laerte também (li uma matéria da revista *piauí* – com “p” minúsculo² porque é a forma como se grafa na impressão da revista³ - que contava sobre os dois gatos da cartunista e entendi muita coisa). Depois, li a coletânea de tiras do Hugo Baracchini, personagem de Laerte, que, na época, fazia parte do caderno de Informática da *Folha de São Paulo*.

Já pensava em estudar quadrinhos quando terminei a graduação, mas não sabia bem o quê. Estava bem perdida. Acabei ficando um tempo sem estudar, para tentar amadurecer perspectivas e entender o que estava fazendo. Então, no caminho, conheci a obra do Henfil. Se eu amava a Laerte, Henfil foi uma paixão arrebatadora, daquelas que tira da gente o chão onde pisar. Fiquei ensandecida com aquele traço, com aquela genialidade, com aquela sabedoria. Lia seus livros e chorava, querendo ter vivido aquilo com ele, querendo estar lá. Identificação total. Pura energia. Precisava estudar aquele cara.

Acabei por fazer o mestrado em educação, sendo minha formação em letras. Não me arrependo. O processo foi tranquilo, lindo, apaixonante. Todos os dias daqueles dois anos, eu tive alegria por estar envolvida com um projeto que eu simplesmente amava. Henfil foi referência de homem, artista, militante, escritor, humorista. Ele era “O cara”. Terminei o mestrado feliz, satisfeita por ter me envolvido nesse casamento de dois anos com um ser tão incrível.

¹ O “bate cabelo” é um momento do show, das drags queens, em que a artista sacode a cabeça até levar a plateia à loucura. É o ponto alto da performance.

² Disponível em: <https://medium.com/singular-plural/a-piauí-de-moreira-salles-46938cb2bffb>. Acesso em: 21 out. 2019.

³ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/a-revista/>. Acesso em: 21 out. 2019.

Durante esse tempo, fui acompanhando o trabalho da Laerte e a sua transição. Foi ela quem, primeiro, me mostrou o que era transgeneridade; o que era gênero, sexo, orientação sexual. Por causa de Laerte, fui ler Simone de Beauvoir e me vi feminista, sem nunca ter entendido bem o que era o feminismo. Foi por causa dela que eu comecei a pensar nas questões tão importantes que a *performance de gênero*⁴ desperta. Minha vida mudou.

Tudo isso mexeu muito comigo. E não seria para menos. Por isso, quando vi Laerte se dizendo *crossdresser* (e, aqui, abro um parêntese para o que ela diz, depois de alguns anos, a respeito desse termo: “O crossdresser é um travesti. Só que de classe média. Se lhe aplicarem a pecha de travesti, ele morre. Eu? Sou fina. Sou educada, não faço barraco na rua!” REVISTA *piauí*, 2013, p. 18), compreendi que algo mais havia. Entendi que essa cartunista que sempre admirei jamais trataria tal questão de maneira leviana. Ainda mais, do alto dos seus quase 60 anos.

Ao final do mestrado, em 2014, tentei um projeto de doutorado para um programa em Pelotas. Queria estudar a Muriel, da Laerte. Mas estava perdida, não sabia o que observar nessa obra tão rica. Não fui aceita; ainda bem. Meu projeto não tinha pé nem cabeça. Comecei a estudar a transgeneridade, pois sentia necessidade de compreender melhor essas vivências e o percurso de sua constituição.

As tiras da Muriel Total consistem em uma série que Laerte escreveu sobre transgeneridade, questões de sexualidade e o que envolve o universo trans. Há muitos temas, como preconceito, orientação sexual, prostituição travesti, relacionamento, dúvidas sobre mudanças no corpo trans, hormônios, intervenções cirúrgicas, comportamento, roupas, entre outros. São mais de oitocentas tiras, produzidas entre 2009 e 2014. De início, tratava-se de Hugo Baracchini, um personagem que fazia parte do caderno de Informática da Folha de São Paulo. Hugo era um rapaz que vivia situações inusitadas de dinheiro, enfrentando dilemas com sua namorada, Beth, estudante de psicologia, com quem dividia as tiras. Em certo momento, ele arrumou uma confusão com a Máfia; para se esconder, começou a se vestir de mulher, eventualmente, com a intenção de se disfarçar. Apresento, aqui, as primeiras tiras de Hugo, travestindo-se de Muriel⁵, por meio de um princípio de análise (um delineamento analítico), que permite compreender as minhas inquietações à

⁴ Todas as definições em itálico estão em um glossário, organizado ao final do trabalho.

⁵ Apresento, aqui, as tiras apenas a título de conhecimento, pois não são o foco do trabalho de análise. Por isso, não as nomeio como Sequências Discursivas-Imagéticas, mas sim apenas como tiras.

época do descobrimento do meu *corpus*:



TIRA 1 - Hugo se veste de mulher por causa da máfia



TIRA 2 - A máfia anuncia que vai embora

Na Tira 1, Hugo aparece com um vestido preto, cuja fenda na perna mostra seu pé com sapato de salto alto. Beth, ao vê-lo assim, surpreende-se. Observemos que Hugo diz ser apenas um “disfarce” porque “tem um gorila da máfia” que quer matá-lo. Ele não surge com qualquer roupa, mas com um vestido preto, longo, com fenda ao lado, para que a perna apareça. Ele usa um sapato de salto alto. Carrega, nas mãos, duas luvas que, no segundo quadrinho, vai vestir, de forma lenta, enquanto conversa com Beth. Hugo usa brincos e uma peruca rosa (ou vermelha), de forma que esses elementos remetem não apenas a uma mulher comum, como Beth, por exemplo. Os cabelos vermelhos são naturalizados como de uma mulher nos padrões do que se considera como “fatal”, vide a personagem Jéssica Rabbit, do filme “Uma cilada para Roger Rabbit”, da Disney, a qual é representada graficamente com exagero de curvas, vestido com brilho, tomara que caia, fenda lateral, salto e cabelos vermelhos. Hugo remete à imagem de uma mulher naturalizada como “fatal”, “única”, “sexy”; ao aparecer com um vestido preto longo, com fenda lateral, Hugo está se vestindo de

acordo com a imagem de mulher, que circula no imaginário social, a qual seria sexy, maravilhosa, ímpar. Não é uma mulher do cotidiano, como a Beth, que está com roupas comuns do dia a dia. Hugo traça um vestido de gala, de festa, passa batom, usa brincos e luvas, o que remete a uma imagem de mulher que não é qualquer. É uma mulher especial. Também, sua fala, no segundo e terceiro quadrinho, mobiliza sentidos diversos ao que ele afirma no primeiro quadrinho: ele diz que está apenas **disfarçado**. Não seria mulher, mas sim um disfarce. Entretanto, no segundo quadrinho, ele afirma que está se disfarçando porque é muito jovem para morrer; e completa, no terceiro quadrinho: “jovem, cheia de vida, na flor dos meus encantos”. Ora, aí está uma contradição: se Hugo mesmo diz estar apenas disfarçado de mulher, por que há a necessidade, no último requadro⁶, de usar o adjetivo no feminino? “Cheia” de vida, no feminino, não no masculino, o gênero que Hugo performa. Ao usar o feminino, nesse caso, Hugo cai numa contradição, ou em um ato falho que diz sobre o seu desejo, entre sua primeira fala, que é a de ser apenas um disfarce, e, ao final, dizer ser “cheia” de vida, não “cheio” de vida. Assim, os efeitos de sentido produzidos, nessa primeira Tira, mostram que Hugo estaria gostando de performar o gênero feminino e não apenas se disfarçando da máfia.

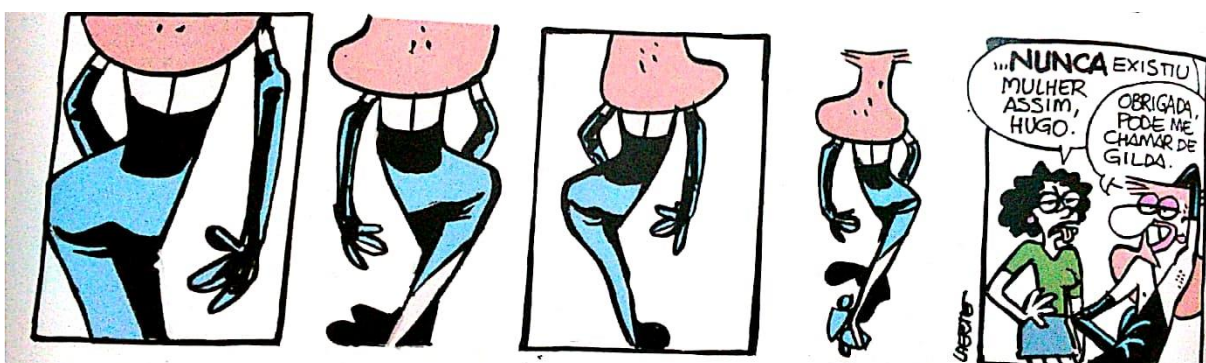
Na Tira 2, Hugo aparece juntamente com o “gorila” da máfia. Ele é chamado assim, por Hugo, na Tira 1. Ora, trata-se de um homem alto, forte, daí a pecha de “gorila”; usa terno, roupa que remete ao imaginário dos “integrantes” da máfia, vide filmes como “O Poderoso Chefão”, em que os personagens da máfia estão sempre usando esse tipo de traje. Também, as expressões faciais desse “gorila” são desenhadas como se não tivesse olhos, sendo feito apenas um “risco”, no local do olhar. Isso mobiliza uma imagem de pessoa carrancuda, sisuda, de forma que os olhos não “mostram” nada. Se os olhos são expressivos, ao não estar desenhado com olhos, na sua forma clássica de expressão, o personagem remonta a alguém que é “enigmático”, misterioso, ameaçador. Da mesma forma, não possui cabelos, ou seja, mais uma vez, mobiliza o sentido de ser um integrante clássico de grupos assim, como a máfia, já que é grande, alto, forte, não demonstra sentimentos. Hugo ainda está com seus trajes de gala: vestido preto, luvas, usa brincos e peruca rosa (ou vermelha).

Assim, Hugo não parou mais de se vestir como mulher e, após isso, começou

⁶ Um requadro é o espaço no qual o cartunista desenvolve os momentos da história. Um requadro é um instante da história contada. Também pode ser chamado de quadrinho.

Já na Tira 4, Hugo está diante de um espelho, vestido, ainda, com roupas consideradas sensuais; ele está dialogando com Beth sobre o fato de a máfia ter ido embora ou não, já que poderia parar de usar as roupas de mulher. Hugo, mais uma vez, apresenta um ar despreocupado em relação a isso, mostrando-se mais interessado na sua produção: arrumar o brinco que está usando e retocar a maquiagem, sempre de frente para o espelho. Assim, mobiliza-se o efeito de sentido de que Hugo, na verdade, já não se importa mais com a máfia, mas sim com o prazer de se vestir de mulher, de performar o feminino, que encontrou graças a essa situação.

Durante um tempo, a cartunista mesclou as tiras entre Hugo e Muriel. Mas a personagem foi ganhando força e vida, tomando conta de todo o espaço da coluna. As tiras foram chamadas de MURIEL TOTAL, o que, de certa forma, pode produzir o efeito de sentido de que, agora, seria expressada “totalmente” essa persona, em tempo integral. Não sobrou espaço para Hugo.



TIRA 5 - Me chama de Gilda

Na Tira 5, Hugo está desfilando, vestido de mulher. Beth, mais uma vez, questiona suas posturas, ao dizer que “nunca existiu mulher assim”. Ele está representado em cada requadro como se estivesse rebolando, em um caminhar sensual, usando seu vestido preto, longo, com fenda, seus saltos e suas luvas, sua peruca vermelha, ou seja, remetendo à imagem de mulher única, ímpar; no último quadrinho, surge uma representação de Hugo, ainda com o vestido, com as luvas, maquiado, com a peruca, numa pose “sexy”, encostado no requadro (supostamente uma parede), com uma das mãos na cintura e outra atrás da cabeça. Essa pose mobiliza o sentido de mulher sexy, inclusive, com base nas posturas da própria atriz, Rita Hayworth, no filme “Gilda: nunca existiu mulher assim”⁷, clássico do cinema em

⁷ Trata-se de um filme estadunidense, de 1946, do gênero drama *noir*, dirigido por Charles Vidor.

que a referida atriz interpreta uma mulher maravilhosamente linda, inigualável. Ao usar a peruca “vermelha”, Hugo pode estar tentando imitar essa mulher maravilhosa, Gilda, representada com cabelos ruivos. Isso se confirma pela fala final, no último quadrinho, por parte de Hugo: “pode me chamar de Gilda”. Ou seja, produz-se um jogo entre os efeitos de sentido mobilizados pela tira em relação à obra cinematográfica. Entretanto, Hugo apresenta uma expressão facial que, em nada, parece ser sexy, além do fato de, na sua axila à mostra, haver uns pelos aparecendo. Ora, essa imagem não remete ao que é naturalizado como sexy em uma mulher, o que produz um efeito de sentido humorístico, já que há uma contradição entre a tentativa de ser uma mulher sexy e realmente ser. E, assim, chego à Muriel.

Para além das tiras, que envolvem a temática, sempre admirei as travestis. Confesso que me fascinavam; sua figura, seus trejeitos, o seu jeito de enfrentar a vida. Nas boates, ficava vendo como se comportavam, pois queria conversar, tirar minhas dúvidas. Nunca consegui me aproximar de nenhuma, já que os próprios amigos “viados” diziam: “Não mexa com as travestis. Elas são perigosíssimas!” Mais tarde, Luana Muniz, conhecida travesti da Lapa e referência entre as mais jovens, disse em um programa de tv: “Travesti não é bagunça!”⁸ Isso impõe respeito às outras pessoas, à sociedade, que tende a tratar esse grupo com exclusão e desrespeito, para além dos fetiches.

Como a temática sempre me interessou, comecei a buscar material teórico para ler, a fim de entender melhor essas questões. Com isso, uma nova realidade foi apresentada. Dediquei-me à leitura de livros sobre *peessoas trans*, que me mostraram uma nova perspectiva⁹. Li o livro da Nany People, artista *transformista*, atriz, humorista e passei a vê-la e a entendê-la de outra forma. Chorei lendo sua história. Conheci a história de Amaira Moira, doutora em teoria literária, ativista da causa trans, escritora e professora de literatura, com seu livro “E se eu fosse puta?”, que transformou a forma como eu via a prostituição. Passei a ver e ler o que fosse possível sobre pessoas trans¹⁰.

⁸ Programa Profissão Repórter, exibido em 18/11/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d9xHzTeYguo>

⁹ É essencial destacar que os termos aqui utilizados para explicar conceitos são aqueles aos quais nos filiamos em termos de teoria, considerando os estudos de gênero. Entretanto, obviamente, existem outras definições; não seria possível esgotar a discussão, nesse âmbito, dentro desta pesquisa, porém, nem é essa a nossa intenção.

¹⁰ Segundo Lanz (2015): “[...] o que identifica e distingue a pessoa transgênera dentro da sociedade é a transgressão de gênero, a sua ousadia, insistência e determinação em confrontar o dispositivo binário de gênero, instituído e mantido pela sociedade como forma de classificação e hierarquização dos seres humanos, tendo como referência única e exclusiva o órgão genital que cada indivíduo traz entre as pernas ao nascer” (LANZ, 2015, p. 69).

Certo dia, ouvi Laerte falando de Leticia Lanz, psicanalista, especialista em Gênero e Sexualidade. Fiquei surpresa com a quantidade de conhecimento que me foi apresentada em sua obra. Noções, como “*passabilidade*”, foram explanadas por essa autora, sem falar nas discussões sobre o *binarismo de gênero*, considerado pela autora como uma prática muito tóxica. A partir disso, li também o “Problemas de gênero”, da Judith Butler, uma das maiores escritoras de gênero da atualidade, e passei a entender mais o que era o *gênero* nessa sociedade. Mas a grande identificação aconteceu quando li o livro do João Nery: “Erro de pessoa” e, depois, “Viagem solitária”. João foi o primeiro homem trans do Brasil a se submeter a procedimentos médicos para fazer sua transição de gênero e sua história é muito comovente. Foi o livro do João que me fez pensar: chega de enrolação; preciso estudar o sujeito trans.

Mas não só. Decidi que iria, a partir, dali, militar também pela causa trans¹¹. Apesar de não ser trans e de não saber, não sentir na pele o que uma pessoa trans sente, eu passei a lutar para que as coisas mudassem¹². Sendo professora, o que eu poderia fazer era militar em sala de aula, trabalhando a binaridade tóxica de gênero e explicando que tudo culmina na violência física, mas que há muito mais.

Essa necessidade se fez premente e tentei um projeto de doutorado nas Letras, Unioeste, na linha de pesquisa “Estudos da Linguagem: descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade”. Ao me deparar com uma nova teoria, que eu não havia aprofundado muito na graduação, senti um desespero, pois tudo era diferente das análises (de conteúdo) que eu estava habituada a fazer. O próprio percurso, para mim, foi difícil. Não fosse a paciência e orientação sábia do professor Alexandre, certamente, não teria conseguido desenvolver meu estudo.

Eu pensava partir do tema “transgeneridade”, “travestilidades”, “identidade de gênero”, mas fui entendendo que, na AD, o corpus mobiliza a teoria: na verdade, é um batimento entre eles, de maneira que nada acontece antes do corpus e, ao selecioná-

¹¹ “Uma pessoa cisgênera não sofre nenhum dos bloqueios, interdições e constrangimentos que são impostos pela sociedade a uma pessoa transgênera. Não há nenhum obstáculo ou restrição sociopolítica-cultural ao pleno exercício da sua cidadania, ao contrário do que acontece com a pessoa transgênera, constantemente cerceada nos seus direitos mais elementares, simples e corriqueiros” (LANZ, 2015, p. 72). Essa proibição, de acordo com Butler (2018), efetiva-se por meio da linguagem: “[...] a linguagem é um conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos de realidade que acabam sendo percebidos como “fatos”. Considerada coletivamente, a prática repetida de nomear a diferença sexual criou essa aparência de divisão natural” (BUTLER, 2018, p. 200).

¹² “[...] ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar” pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 1995, p. 281).

lo, já estamos realizando um gesto de leitura, ou seja, fazendo a AD. Isto é, para pensar no sujeito transgênero, é preciso compreender ou observar as discursividades que o envolvem: quais são os sentidos que circulam em relação a ele, como acontece o embate entre as diversas formações discursivas, quais são as naturalizações a seu respeito, a fim de perceber as circularidades e naturalidades que *dizem* esse sujeito. Isso envolve que o analista do discurso observe o funcionamento do discurso, as relações do homem com suas condições materiais de existência. Com essa contextualização, quis mostrar que, de uma forma ou de outra, o pesquisador escolhe seu *corpus* ou é escolhido por ele por causas que lhe são alheias, ao menos a princípio, uma vez que essa “escolha” (ou qualquer outra) diz alguma coisa de nós que talvez possamos descobrir depois, no decorrer do processo de estudo; não escolhi as tiras da Muriel de forma aleatória, pois, para mim, elas são caras. São tiras que abordam um tema importante na sociedade, sobre um grupo que vive à margem, excluído do acesso de todos os seus direitos. Essas temáticas sempre me tocaram profundamente, pois tenho, em mim, uma necessidade muito grande de lutar por justiça e igualdade nesse mundo. A produção e divulgação dessas tiras pode efetivar um efeito de compreensão, oferecendo a possibilidade de reflexão sobre o tema e uma nova forma de perceber tais vivências. Isso, inclusive, efetiva-se como uma dificuldade, tendo em vista que o analista do discurso está também constituído ideologicamente, visto que é interpelado pela ideologia, o que o torna sujeito.

Diante disso, iniciei os estudos, fazendo as disciplinas da área, para tentar entender e conhecer melhor a AD. Também foi muito importante o trabalho efetivado no grupo de pesquisa, pois muitos conceitos foram “clareados” quando da leitura e discussão de textos teóricos com os colegas. Nos dois primeiros anos, dediquei-me a esse levantamento da teoria, cursando as disciplinas obrigatórias e eletivas, bem como efetivei a prática de estágio de docência. Produzi uma parte do texto para o Seminário de Teses e, até esse momento, ainda não sabia muito bem o que fazer. Então, em uma conversa com o meu orientador, Alexandre, ele me disse: “Sil, você precisa observar a regularidade nessas tiras. O que sempre volta? O que sempre reaparece?” E ele mesmo emendou: “É a definição!” Assim, comecei a revisitar as tiras e era isso: “Quem sou?” “Como me veem?” “De quem eu gosto?” “Como meu corpo deve ser?” São questionamentos, na verdade, feitos por toda a humanidade. Essas perguntas iam e voltavam, em variadas tiras, em variados momentos, de diversas formas. Dessa maneira, Indursky (2011, p. 77) afirma que “se, por um lado,

a repetição é responsável pela cristalização dos sentidos, por outro, também é a repetição que responde por sua movimentação/alteração. Ou seja, os sentidos se movem ao serem produzidos a partir de outra posição-sujeito ou de outra matriz de sentido”. Pêcheux (2020, p. 48) ressalta que “haveria, sob a repetição, a formação de um efeito de série pelo qual uma “regularização” (termo introduzido por P. Achard) se iniciaria, e seria nessa própria regularização que residiriam os implícitos, sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase”. Isso expressa que a definição, a necessidade de saber quem é, ser denominado pelo outro, ser significado pelo outro, constitui-se como uma regularidade nas tiras de Muriel Total.

Como parte de um trabalho para uma das disciplinas cursadas, efetivei o estado da arte, que foi muito relevante, no sentido de possibilitar maior conhecimento, tanto sobre a teoria quanto sobre os trabalhos que já foram desenvolvidos até então, a respeito dos descritores pesquisados. Esses textos estão sendo considerados como apoio teórico e, apesar de não estarem mencionados de forma direta, aqui, na tese, ficaram alocados nas referências, tendo em vista que foram importante material de suporte para entender o tema discutido.

A temática que envolve o estudo pretendido é de extrema importância e tem sido, cada vez mais, abordada em meios midiáticos, bem como no meio acadêmico. Hoje, há uma maior diversidade de trabalhos que versam sobre identidade de gênero, além de livros, artigos e outras produções que envolvem o tema.

Dessa maneira, a pergunta que norteia nosso trabalho versa sobre: quais são os sentidos mobilizados e que Memória é aventada em relação ao sujeito trans, nas tiras de Muriel Total? O objetivo geral deste texto é perceber os efeitos de sentidos produzidos nas tiras de Muriel Total, que envolvem a transgeneridade. Como objetivos específicos, consideramos: apresentar conceitos mobilizados a partir do *corpus*, com base na teoria da AD francesa; efetivar a explicação sobre questões de gênero, que são mobilizadas a partir do *corpus*; encontrar as regularidades no *corpus* escolhido, a saber, tiras da série Muriel Total; concretizar os gestos de leitura, ou seja, as análises, com base no *corpus* e na teoria mobilizada.

Em conversa com a banca, no Seminário de Teses¹³, decidimos nomear esta

¹³ O Seminário de Teses consiste em uma disciplina a ser cursada durante o período da formação no doutorado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Os discentes apresentam, a uma banca, parte da sua pesquisa, a fim de que façam já algumas orientações, mesmo que ainda no início da escrita.

primeira parte do texto como “Para iniciar o bate cabelo”, ao invés de “Introdução”, tendo em vista que não há características específicas, apenas, de uma introdução, nos moldes acadêmicos. Faço um recorte sobre o estudo, apresento o estado da arte, justifico a discussão, mas também falo de mim, de meu percurso como estudante e amante dos quadrinhos. Dessa forma, o texto não estaria, de acordo com a metodologia, adequado apenas a uma “Introdução”. Ressalto, ademais, que o discurso em primeira pessoa será abandonado, a partir da constituição das seções do texto, em que adotarei a primeira pessoa do plural.

Dessa forma, em um primeiro momento, apresentamos um capítulo teórico, a fim de evidenciar os conceitos mais utilizados pela AD francesa, de maneira que haja suporte para construir, mais além, as análises em torno do *corpus* selecionado. Apresentamos um capítulo sobre a metodologia, historicidade e percurso de análise, que é nomeado como capítulo dois. Também, efetiva-se uma seção sobre Memória Discursiva e Interdiscurso, em que há a diferenciação de tais conceitos, já apresentando algumas análises para perceber tais efeitos de sentido em relação às tiras de Muriel Total. Ademais, um quarto capítulo, em que buscamos perceber os efeitos de sentido produzidos pelas diferentes FDs, em relação ao sujeito trans, com as variadas Memórias Discursivas mobilizadas a respeito desse sujeito, como aquele que tenta se enquadrar à norma de gênero e, paradoxalmente, como aquele que resiste a essa mesma norma. Por fim, um quinto capítulo, sobre os sentidos mobilizados que se relacionam à necessidade de denominação por parte desse sujeito trans, nas tiras de Muriel Total, em que há questionamentos sobre a orientação sexual a seguir, seus posicionamentos em relação aos outros seres humanos, como deve agir nas diversas situações da vida, como deve se vestir em cada momento apresentado, de maneira que essas regularidades apontaram para uma produção de efeito de sentido de “denominação” desse sujeito em relação ao seu contexto.

Por fim, apresentamos as considerações finais, que resgatam o percurso do trabalho desenvolvido, bem como as percepções produzidas no decorrer da escrita desta tese.

1 “HÁ DISCURSOS QUE FUNCIONAM COMO ARMAS DE GUERRA”¹⁴

“É muito mais difícil destruir o impalpável do que o real”.

Virgínia Wolf

Iniciamos com essa citação do enunciado de Berenice Bento, estudiosa da área da sexualidade no Brasil, tendo em vista que o objeto maior da Análise de Discurso é o discurso. Em 1983, eu nascia, em Matelândia, Paraná, Brasil. Michel Pêcheux desaparecia, na França, no mesmo ano. Sua obra, hoje, por lá, não é muito lembrada. Mas, aqui no Brasil, a estudiosa Eni Orlandi trabalhou arduamente para que não deixássemos morrer os conceitos desenvolvidos por ele.

Ferreira (2003) lembra que é “no discurso, precisamente, que se encontram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito” (FERREIRA, 2003. p. 39). É o discurso que possibilita a reflexão sobre toda a história da humanidade, seu percurso, suas paixões, descobertas e possibilidades. O discurso é o ponto de partida de tudo que foi construído pelos homens.

Tendo isso em vista, Michel Pêcheux desenvolveu a Análise de Discurso (AD), na França, em fins da década de 60, justamente como uma teoria que se contrapõe à forma como o estruturalismo pensava/produzia conhecimento. De acordo com Ferreira (2003), durante todo o tempo em que o estruturalismo se fez ecoar, não foi considerada a presença do sujeito nos estudos e análises. Ele era normalizado, a fim de que não impedisse ou perturbasse as análises do objeto científico, uma vez que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada.

É fato que as manifestações de 68 e toda a efervescência intelectual da época influenciaram a construção de uma nova forma de pensar; assim, a AD surgiu como uma possibilidade de intervenção, visando combater o formalismo linguístico, compreendido até então.

¹⁴ Tal enunciado encontra-se em Bento (2017, p. 30), cuja referência completa está ao final do texto, nas referências bibliográficas. Escolhi, para os títulos das seções, discursos que circulam em diversos meios, a respeito da sexualidade, gênero, transgeneridade, enfim, tudo aquilo que, por algum motivo, tenha chamado minha atenção e produzido interrogação, bem como reflexão sobre o tema.

A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo é abrir um campo de questões no interior da própria linguística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época (FERREIRA, 2003, p. 40).

Nesse contexto, busca-se colocar em cena esse sujeito que foi excluído até esse momento histórico; Pêcheux efetiva uma nova visão, ao considerar os estudos em Psicanálise, em que o sujeito é clivado, do inconsciente, descentrado, diverso do sujeito consciente, considerado até aquele momento. Nesse sentido, Pêcheux também vai se pautar no Materialismo Histórico, por meio da leitura de Althusser, pensando em um sujeito assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e interpelado pela ideologia.

Portanto, destacamos que:

O sujeito do discurso vai, então, colocar-se estratégica e perigosamente entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção de inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem (FERREIRA, 2003, p. 40).

Assim, o que diferencia a AD das outras possibilidades de leitura e análise é justamente essa forma de perceber o sujeito, constituído pela ideologia e inconsciente do que diz. Nesse contexto, é correto afirmar que a AD produz uma ruptura diante de toda uma conjuntura política e histórica, tendo em vista que se articula a outras áreas das ciências humanas (FERREIRA, 2003).

Ferreira afirma que uma das grandes críticas feitas à AD é a de que ela não considera a língua em suas análises, quando, na verdade, a materialidade linguística é um dos pontos principais a serem utilizados. É, assim, a língua da “ordem do material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua” (FERREIRA, 2003, p. 42).

Diante disso, ao efetivar a análise, o analista de discurso não objetiva esgotar todas as possibilidades, de forma que também os conceitos-chave da teoria são reorganizados, reconfigurados a cada nova análise. Isso porque se constitui como um dispositivo teórico, cuja marca maior é a incompletude, a qual também está presente no sujeito e no discurso, abrindo possibilidade para essa falta. Orlandi (2017, p. 12) afirma que: “Com isso, compreende-se que o método da análise de discurso [...] procura expor o olhar leitor à opacidade do texto, que leva em conta que algo fala

antes, em outro lugar e independentemente, faz contínua retomada da teoria, no processo analítico”.

Com o intento de retomar o conceito já apresentado acima, é preciso lembrar que esse sujeito, além de incompleto e inconsciente, é assujeitado: “Assujeitar-se é condição indispensável para ser sujeito. Ser assujeitado significa antes de tudo ser alçado à condição de sujeito, capaz de compreender, produzir e interpretar sentidos” (FERREIRA, 2003, p. 43). Assim, abre-se possibilidade para a noção de que esse sujeito, sendo dividido e assujeitado, constitui-se entre lugares diferentes, ou seja, ele é determinado pelas posições que ocupa, por sua classe, raça, enfim, por toda uma gama de fatores que o constituem. Não há lugar para um sujeito que não seja interpelado pela ideologia, atravessado pela linguagem, que o constitui. Ser sujeito é ser interpelado por essa ideologia; é ser “chamado” para essa vida, ainda antes de nascer. Lá, no útero materno, esse sujeito já está sendo definido, determinado, pensado, nomeado. Não há lugar para um sujeito sem esse já-assujeitamento.¹⁵

Observemos a seguinte Sequência Discursiva-Imagética. Aqui, fazemos uma pausa para abordar os motivos de nomear tal SD como Discursiva Imagética. “Uma sequência discursiva são essas reformulações tomadas na rede dos enunciados e na rede de lugares enunciativos que instauram o sujeito no fio do discurso” (COURTINE; MARANDIN, 2016, p. 51). Ademais, baseamo-nos em Lagazzi (2020, p. 139), que afirma “a importância de o analista considerar o conjunto das diferenças materiais, mobilizando as especificidades de cada materialidade significativa no jogo entre descrição e interpretação”. Essa autora ressalta que, ao nos depararmos com um objeto simbólico, materialmente heterogêneo, devemos investir nosso gesto de descrição, como analistas, na composição das linguagens que o constituem (caso das tiras usadas nesta tese). Deve-se buscar, no jogo de remissão entre os elementos das distintas materialidades, “a possibilidade de compreender o funcionamento discursivo” (LAGAZZI, 2020, p. 139). E mais: “O funcionamento da imbricação material se dá na incompletude simbólica constitutiva das linguagens em composição, em suas diferentes estruturações materiais” (LAGAZZI, 2020, p. 140). Dessa forma, é nesse jogo entre visual e verbal que o analista deve se ater, tendo em vista que essa imbricação é que possibilita a materialização do discurso em questão. No caso das

¹⁵ “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2018, p. 69).

tiras usadas nesta tese, há que se observar o material simbólico representado por linguagem não-verbal, bem como a linguagem verbal e tudo que envolve a representação gráfica em questão (cores, formas, desenhos, expressões de cada personagem, ambientação do espaço em que acontece a tira, seus quadros, o uso de balões de fala ou não, legendas, títulos, onomatopeias, entre outros recursos), afinal, todos esses elementos produzem efeito de sentidos e possibilitam os gestos de leitura efetivados.

Consideremos a Sequência Discursiva Imagética 1 para pensar a interpelação do sujeito:



FIGURA 1 - Sequência Discursiva Imagética 1¹⁶

Na Sequência Discursiva Imagética 1¹⁷, há discursos que dizem esse sujeito antes mesmo até de ele nascer. Em nossa sociedade, somos já sempre sujeitos da ideologia, a respeito de nosso gênero, o que, conseqüentemente, irá impor formas de pensar, agir, falar, viver a vida. Muriel volta à vida, o que é representado, no primeiro quadrinho da tira, sendo que ela está “descendo”, em posição de pulo, como quando pulamos numa piscina ou rio. O quadrinho está preenchido pela cor preta, o que remonta à Memória sobre a morte ou a reencarnação, de maneira que passaríamos por um “túnel”, pela escuridão, nesses dois momentos. Essa Memória é mobilizada nos filmes e em outros gêneros de arte, em que, frequentemente, são representados esses dois momentos dessa maneira. Ao nascer, de um parto chamado de “natural” ou “normal”, ou seja, em que não houve cirurgia, Muriel retorna como homem, o que é baseado no seu genital, desenhado na

¹⁶ Liberado pela autora para esta pesquisa.

¹⁷ Na tira de Muriel Total, Muriel surge como personagem principal, após Hugo Baracchini ter decidido viver sob a identidade de gênero feminina, de maneira definitiva. Ela vivencia realidades, descobre-se aos poucos, por meio das tiras. Assim, a história vai acontecendo, até que é assassinada por transfóbicos e vai ao céu. Entediada, ela decide reencarnar, mas há, apenas, novamente, duas possibilidades de gênero: homem ou mulher. Assim, ela escolhe uma das identidades e volta. A tira em questão é o seu momento de volta à Terra, reencarnando como menino, mais uma vez.

tira: um pênis e saco escrotal. O homem que segura a câmera é o pai; naturaliza-se a “participação” do pai em um nascimento de um filho apenas como um “espectador”, ou seja, aquele que filma, que assiste, mas não participa. Ainda ligada ao cordão umbilical, ao ouvir que “será o macho do milênio”, Muriel pula novamente para o corpo da mãe, querendo “voltar para o útero” ou, talvez, voltar ao local de planejamento de sua reencarnação para começar de outro jeito: começar novamente sem as imposições do Dispositivo Binário de Gênero, sem as necessidades de se enquadrar em apenas duas identidades, que são, por ela, questionadas. Aqui, abrimos um parêntese para destacar que o Dispositivo Binário de Gênero será um dos termos mais importantes de nosso trabalho, tendo em vista que é sua imposição e seus discursos que produzem as determinações, denominações, exclusões, preconceitos e até violências usualmente voltadas às pessoas trans. A necessidade de adequação a um ou outro gênero produz uma abjeção ao corpo e performance que não se enquadra em uma ou outra possibilidade, o que, por sua vez, reforça preconceitos, dificulta acesso a direitos básicos, efetiva violência e até mortes.

Como afirma Butler (2018, p. 128): “Desde sempre um signo cultural, o corpo estabelece para os significados imaginários que ocasiona, mas nunca está livre de uma construção imaginária.” Ou seja, o que está inscrito no corpo, por exemplo, a genitália, define os papéis sociais, a vida, os atos, as respostas, a profissão, os gestos, a fala, o pensar, o rir, o caminhar, tudo que pode estar envolvido com a performatividade desse sujeito na sociedade. Tal imposição dessa norma de comportamentos, baseada no corpo, inscreve-se por meio do discurso.

Quando a posição-sujeito-pai, da tirinha, afirma que seu filho será “o macho do milênio”, baseia-se em uma Memória de corpo e orientação heterossexual, binária, de identidade de gênero que deve estar em congruência com o corpo em que se nasceu. Dessa forma, por Memória Discursiva, entendemos, baseado em Pêcheux:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2020, p. 48).

Diante disso, a Memória é tudo aquilo que já diz do sujeito antes mesmo dele existir. A Memória Discursiva são os discursos mobilizados em diferentes FDs, para se referenciar a um sujeito, a uma realidade, a uma vivência. Portanto, há uma memória sobre como deve ser um corpo masculino ou feminino. Essa memória

baseia-se na norma de gênero, ou seja, na congruência entre genital e performatividade de gênero adequada àquele sexo (pênis ou vagina). O corpo não existe fora do discurso; ele é interpelado, sofrendo a imposição da norma de como ser ou não na sociedade em que vivemos. Se é menino, precisa ter atitudes que corroborem a condição de menino, nessa sociedade. Esse pode ser considerado um “enunciado performativo” (BUTLER, 2011), já que impõe ao sujeito como ele deve/pode ser. Nesse sentido, ao considerar esses discursos que são socialmente estabelecidos, os quais definem o sujeito, portanto, uma identidade de homem ou mulher, podemos perceber o funcionamento de uma Memória Discursiva, a saber, baseada na FD Binarista de Gênero, visto que a fala do pai da criança efetiva-se como a voz da sociedade – aquela que institui apenas duas performances de gênero (que se excluem): menino ou menina. Assim, ao afirmar, ainda, que o neném possui “pintão”, produz o efeito de sentido de que, por causa do corpo que tem, precisa agir de acordo com determinado padrão imposto. Ter “pintão”, “saco roxo”, “aquilo roxo”, coloca esse bebê na condição de macho biológico, o que lhe imputa uma condição de identificação ao fato de ser homem, dentro dos moldes da memória binarista de gênero que nos constitui: viril, forte, poderoso, predador, provedor, dominador, insensível, ou seja, ele não pode/deve apresentar, para ser macho, nenhuma característica que remeta à feminilidade. Essa memória binarista de gênero efetiva-se como a norma que rege nossos corpos, nossas ações, nossa performance de identidade de gênero, além de impor seus padrões às nossas formas de agir, de pensar, de falar, enfim, de existir nesta sociedade.

Todas essas afirmações, mobilizadas pela Memória Discursiva, baseada na binaridade de gênero, que existe antes desse corpo em questão, inscrevem-se em uma Formação Discursiva Binarista de Gênero e não em outra. Pensamos nesse termo, ao nos basearmos em leituras de gênero, como em Lanz (2015), Butler (2018) e Bento (2006; 2008; 2017), teóricas que discutem a temática da performatividade de gênero, considerando a sociedade patriarcal, machista, classista, racista, capitalista em que vivemos, ou seja, uma sociedade que impõe o poder do pai perante a família; o poder do homem perante a mulher; o poder do rico em relação ao pobre; o poder do branco em relação ao preto, o poder de um modo de produção que visa unicamente ao lucro e ao consumo. Aqui, abrimos um parêntese para versar, de forma resumida (será isso possível?) a respeito do termo “sociedade patriarcal”; Pateman (1993) explana, no livro “O contrato sexual”, sobre como o contrato social considerou apenas

o direito à liberdade do homem. A mulher, nesse caso, é propriedade não apenas do pai, mas de todos os homens, que reivindicam direito ao seu corpo no espaço público e no privado. Dessa forma, a sociedade patriarcal é a sociedade da opressão e objetificação do corpo e dos direitos da mulher em detrimento dos direitos de posse do homem. Esse conceito é muito importante para a discussão feita neste trabalho, por isso, necessário se fez explicar um pouco sobre tal definição. Ainda, é preciso lembrar que tal conceituação pediria, como já pediu, um trabalho, um livro, um estudo apenas sobre isso, entretanto, em nosso caso, não é a intenção esgotar os sentidos e discussão sobre tal termo. Por meio de seus estudos, as estudiosas referendadas acima chamaram à atenção para o fato de que há uma imposição de performances de gênero, a saber, a masculina e feminina. Se há “furos” dessas performances, é porque o corpo é também um discurso e, como afirma Pêcheux (1995), todo ritual possui falhas. Entretanto, o que é padronizado é esse comportamento binarista de gênero, imposto, inclusive, já antes do nascimento do sujeito. Ou seja, o sujeito é interpelado por um discurso que o nomeia como homem ou mulher, antes mesmo de nascer. As possibilidades, para além dessas duas definições, são possíveis por um movimento de resistência do sujeito, comumente, iniciado por ele mesmo, diante de sua não identificação com essa FD binarista. De acordo com Orlandi (2009): “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2009, p. 43). Portanto, percebemos que, ao sujeito, é permitido dizer apenas o que é cabível de acordo com sua posição social, com o contexto histórico vivenciado. “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder” (ORLANDI, 2009, p. 42). A FD mobilizada, aqui, envolve conceitos cristalizados que se baseiam em religião, conservadorismo, tradicionalismo, heterossexualidade compulsória, binaridade de gênero, ou seja, não há possibilidade de ser outro que não homem ou mulher, apenas. O discurso, o qual materializa o conjunto de FDs, que constituem os sentidos para o conceito de binarismo de gênero, a partir de uma Memória Discursiva, permite afirmar que o sujeito, que nasce com o órgão masculino, não pode ser outra coisa se não macho, homem, como muitos afirmam, com “H”, que produz o efeito de sentido de que não há possibilidade de expressar qualquer ato que seja feminino. Assim, efetiva-se

uma divisão entre o que é feminino (também mobilizado como negativo, nessa FD) e o que é masculino (visto como positivo); por isso, em contraponto aos aspectos femininos, a necessidade de se impor, a esse corpo macho, que seja viril, sério, nada sensível, que não chore, que seja musculoso, forte, protetor, provedor, dominador e outros tantos adjetivos que podem expressar essa masculinidade, que, aqui, chamamos de Formação Discursiva Binarista de Gênero. Também, é preciso lembrar que essa masculinidade não é uma expressão de gênero qualquer, mas obedece às normas de uma filiação à FD patriarcal, machista, de classe média alta, branca, heteronormativa (ou seja, em que o pai domina a todos na família; o homem domina a mulher; o rico domina o pobre; o branco domina o preto; o heterossexual tem mais poder e visibilidade do que o homossexual e outras orientações). É essencial considerar o que foi discutido por Pateman (1993), quando expressa que o direito, na sociedade patriarcal, é o direito do homem. À mulher, fica relegado o espaço de objetificação de seu corpo, de suas vontades, sob o jugo do homem, seja o pai ou seja o marido. Nesse sentido, quando se cita a sociedade patriarcal, é nesse lugar que se considera a mulher: ela não ocupa o papel principal e, mesmo a organização da família, está vinculada à sua dominação e submissão. A história da sociedade patriarcal, segundo Pateman (1993), é a história da sujeição do corpo, dos desejos e dos direitos da mulher ao jugo do homem.

O sujeito, sendo assim, é interpelado pela ideologia, que lhe impõe uma norma de conduta, de como ser, baseada em uma Memória Discursiva. Aqui, chamamos a atenção para o funcionamento da memória, que é construída histórica e culturalmente pela sociedade, a qual também se pauta na biologia do corpo – significado para e por uma sociedade binária de gênero (apenas possível homem e mulher, muito bem definidos em seus corpos) e heteronormativa (heterossexualidade como norma).¹⁸

Nesse sentido, é preciso pensar a análise, que deve atender aos seguintes quesitos, de acordo com o que foi proposto por Pêcheux: “[...] sob uma trílice aliança, entre (1) a historicidade, (2) a interdiscursividade e (3) (de novo Saussure) a sistematicidade da língua” (FERREIRA, 2003, p. 44). Não há de se considerar a língua tal qual Saussure a considerou (tendo em vista que ele não efetivou análise do social/histórico, na língua), mas a respeito da sua sistematicidade enquanto signo. É essencial, efetivamente, considerar a língua tal qual Pêcheux a mobilizou, pensando

¹⁸ Esses conceitos serão melhor discutidos no segundo capítulo deste trabalho.

os sentidos das palavras não em si mesmos, mas sim, determinados pelas posições ideológicas, pelo jogo socio-histórico, suas condições de produção, por quem discursiviza tal palavra ou expressão (PÊCHEUX, 1995).

Assim, considera-se, para as análises, que o discurso é a palavra em movimento, quando se observa o homem falando (ORLANDI, 2009). “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2009, p. 15). Ou seja, a linguagem usada pelo homem, o seu discurso, só pode ser considerado em relação à história, às condições materiais de produção, à posição que esse homem ocupa dentro dessa realidade. “[...] os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 30). De acordo com Lagazzi (1988, p. 52):

A Análise do Discurso tem por objetivo colocar em evidência os traços dos *processos discursivos*, já que esses processos estão na origem da produção dos efeitos de sentido, constituindo-se a língua como o *lugar material* onde se realizam esses efeitos de sentido.

Portanto, é muito importante retomar o conceito de sujeito a ser considerado para a análise de discurso, de orientação francesa, visto que essa noção irá influenciar a maneira como se procedem as análises. Como afirma Orlandi (2009): “[...] não há discurso sem sujeito” (ORLANDI, 2009, p. 47). Da mesma forma, é preciso entender que: “O discurso se apresenta desse modo como o projeto – o estado significativo – pelo qual o sujeito se lança em “seu” sentido em um movimento contínuo” (ORLANDI, 2007, p. 70). A referida autora ainda ressalta que “[...] os processos discursivos se realizam necessariamente pelo sujeito, mas não têm sua origem no sujeito [...]; ao falar o sujeito se divide: as suas palavras são também as palavras dos outros” (ORLANDI, 2007, p. 78). O sujeito, nesse caso, é o sujeito do inconsciente. Dessa forma, sua posição é resultado de interpelação ideológica, que determina o que se pode ou não dizer, da posição em que se está. Também, o sujeito constitui-se ao dizer, quando se inscreve em uma dada formação ideológica.

Após discorrer sobre a noção de sujeito para a AD francesa, passamos às noções imbricadas de sujeito e sentido, a fim de perceber como a teoria os conceitua.

1.1 QUEM É QUE DIZ O QUÊ?

Sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, para a AD. Quando o sujeito diz, ele diz mais de si do que sobre o que está dizendo. Assim, o sujeito só é sujeito porque pode dizer, porque faz uso da linguagem, que já estava inscrita na história antes mesmo dele se constituir.

Dessa contradição, inerente à noção de sujeito (e de sentido), resulta uma relação particularmente dinâmica entre identidade e alteridade: um movimento ambíguo que distingue (separa) e ao mesmo tempo integra (liga), demarcando o sujeito em sua relação com o outro (ORLANDI, 2007, p. 78).

Orlandi (2009) afirma que, quando nascemos, os sentidos já estão postos na história e nós apenas passamos a fazer uso do que já está constituído. “[...] é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras” (ORLANDI, 2009, p. 36). Aiub (2015, p. 106) ressalta que: “[...] há sempre interpretação, pois não há sentido que não passe por um gesto interpretativo do sujeito. [...] sujeito e sentido se constituem de forma mútua”. Diante dessa afirmação, também Lagazzi (1988, p. 51) destaca que: “A linguagem configura as pistas para que possamos chegar um pouco mais perto do sujeito, e a Análise do Discurso possibilita que o conhecimento se constitua além do ‘achar’ de cada pesquisador e fora de qualquer modelo pré-concebido”.

Todo nosso trabalho encontra aqui sua determinação pela qual a questão da *constituição do sentido* se junta à da *constituição do sujeito*, e não de um modo marginal (por exemplo, no caso particular dos “rituais” ideológicos da leitura e da escritura), mas no interior da própria “tese central”, na figura da *interpelação* (PÉCHEUX, 2014, p. 140).

Assim, Orlandi (2007) explana sobre:

A esse domínio dividido da constituição da unidade textual e da unidade dos sentidos corresponde um domínio de incompletude do sujeito. Assim como o texto não se esgota em um espaço fechado, o sujeito e o sentido também são caracterizados pela sua incompletude (ORLANDI, 2007, p. 77).

Diante disso, Orlandi (2009) afirma que sentido é história, de maneira que o

sujeito do discurso “[...] se faz (se significa) na/pela história” (ORLANDI, 2009, p. 95). O sujeito, dessa forma, é interpelado pela ideologia. Ele deixa de ser indivíduo quando passa a ser simbolizado pela linguagem. “[...] os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 2014, p. 147). Para Orlandi (2009): “[...] é também a ideologia que faz com que haja sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 48).

Na verdade, o que a tese “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” designa é exatamente que “o não-sujeito” é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia. Ora, o paradoxo é, precisamente, que a interpretação tem, por assim dizer, um *efeito retroativo* que faz com que todo indivíduo seja “sempre-já-sujeito”; [...] (PÊCHEUX, 2014, p. 141).

Dessa forma, assim como não há uma cisão entre sujeito e sentido, não haveria uma divisão entre sujeito e ideologia, visto que há um imbricamento entre esses dois conceitos. A ideologia inscreve-se no discurso, que se inscreve na língua. Assim, não há sentido sem ideologia. A FD, que está inscrita em uma ideologia, determina o que pode e deve ser dito por esse sujeito, que se assujeita à sua condição, sem ter consciência de que vivencia tal identificação (ORLANDI, 2009).

o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (PÊCHEUX, 2014, p. 149).

De acordo com Orlandi (2009), o sujeito pensa que sabe o que diz, mas não tem poder ou controle sobre a maneira como os sentidos vão se constituindo nele. Os sentidos estão já construídos ainda antes do nascimento do sujeito, o qual apenas passa a fazer uso da língua.

A linguagem já está posta, cabendo ao sujeito apenas fazer as escolhas pertinentes ao momento, à situação, ou seja, o que pode dizer, em conformidade com sua posição-sujeito.

o sujeito constitui-se pelo “esquecimento” daquilo que o **determina**. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os *traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (PÉCHEUX, 2014, p. 150). Grifos nossos (em negrito).

Dessa forma, “[...] mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras” (ORLANDI, 2009, p. 34). Ou seja, a noção de que pode escolher as palavras, que sabe o que diz, que é responsável pelo que diz, não se faz presente na análise de discurso de orientação francesa. O sujeito não tem consciência, visto que é clivado, dividido, assujeitado, interpelado pela ideologia. Ele pode dizer o que diz, pois lhe é permitido, por esse contexto, história, posição social, entre outros.

No entanto, se há um apagamento necessário para a constituição do sujeito – e isso constitui sua incompletude -, há também um desejo, ou, antes, uma injunção à completude (vocação totalizante do sujeito) que, em sua relação com o apagamento, desempenha um papel fundamental no processo de constituição do sujeito (e do sentido). (ORLANDI, 2007, p. 78).

Também, há aquilo que não pode dizer, considerando as condições de produção, o lugar de onde fala, o momento histórico, sua posição-sujeito, o que se espera que ele diga (formação imaginária). Ou seja: “[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2009, p. 39), assim, sujeito e sentido se constroem ao mesmo tempo. Ainda: “Discursivamente, não há nem sujeito-absoluto, autossuficiente, nem um sujeito-complemento, inteiramente determinado pelo fora” (ORLANDI, 2007, p. 78).

Assim, trata-se de um sujeito “**é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso**. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: **pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la**. Essa é a base do que chamamos assujeitamento” (ORLANDI, 2009, p. 50, grifo nosso).

O sujeito não faz uso da linguagem de maneira consciente, mas “escolhe” dizer isso ao invés daquilo, uma vez que a ideologia permeia a linguagem e, também, suas supostas “escolhas”. A ele, é permitido dizer o que diz, mas não lhe é permitido dizer

outra coisa. “[...] o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 20). O sujeito é consciente, incompleto, sujeito de desejo: “[...] não há como o sujeito escapar da incessante busca pela completude, pela incessante e eterna vontade de preenchimento. Somos sujeitos do desejo” (AIUB, 2015, p. 109). Orlandi (2007) reitera: “O apagamento e o desejo de completude desempenham, em conjunto, um papel fundamental no processo de constituição do sujeito (e do sentido)” (ORLANDI, 2007, p. 84).

É nesse reconhecimento que o sujeito se “esquece” das determinações que o colocaram no lugar que ele ocupa – entendamos que, **sendo “sempre-já” sujeito, ele “sempre-já” se esqueceu das determinações que o constituem como tal.** Isso explica o caráter não fortuito, mas absolutamente necessário, da dupla forma (“empírica” e “especulativa”, na terminologia de Th. Herbert) do assujeitamento ideológico, que permite compreender que o *pré-construído*, tal como o redefinimos, remete simultaneamente “àquilo que todo mundo sabe”, isto é, aos conteúdos de pensamento do “sujeito universal” suporte da identificação e àquilo que todo mundo, em uma “situação” dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do “contexto situacional” (PÊCHEUX, 2014, p. 159, grifo nosso).

Sendo assim, o próprio processo de assujeitamento e de funcionamento da ideologia fazem com que o sujeito não perceba que está limitado a apenas usar algumas formas de discurso em detrimento de outras, sendo, a ele, permitido dizer o que diz. São “esquecimentos” que fazem com que ele não consiga perceber que está sendo atravessado, todo o tempo, pela ideologia. Orlandi (2009) afirma que: “No entanto, nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente” (ORLANDI, 2009, p. 48).

Diremos que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos etc., e as noções de *asserção* e de *enunciação* estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante (PÊCHEUX, 2014, p. 159).

Portanto, ao sujeito, para a análise de discurso de orientação francesa, é permitido falar o que é possível, considerando as condições de produção em que se

encontra. O sujeito, sob a transparência da linguagem, pensa que o que diz é o que tem que dizer; ele filia-se a uma FD e acredita que aquilo que diz é apenas o que pode dizer, não havendo outras possibilidades. A FD é o que permite que o sujeito, da posição que ocupa, possa dizer isso e não aquilo; é a FD que determina como esse sujeito pode dizer de si e do mundo, dentro daquele lugar que ocupa, do contexto em que vive, da posição em que está.

Uma FD como heterogênea em relação a si mesma: o fechamento de uma FD é fundamentalmente instável, ele não consiste em um limite traçado de uma vez por todas que separa um interior e um exterior, mas se inscreve entre diversas FD como uma fronteira que se desloca em função das questões da luta ideológica (COURTINE; MARANDIN, 2016, p. 39).

Assim, uma mulher, na posição-sujeito de mãe, estará filiada a uma FD, que mobiliza sentidos possíveis de serem expressados; entretanto, esse processo não é fechado, de maneira que pode “furar”, o que lhe colocará em outra FD. Isso é o que permite que tal sujeito, na posição de mãe, filie-se à outra FD e passe a dizer novas coisas, que antes não eram permitidas. Como afirma Orlandi (2009): “[...] o sujeito é linguístico-histórico, constituído pelo esquecimento e pela ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 91).

Consideremos a seguinte Sequência Discursiva Imagética 2 para observar o funcionamento dos efeitos de sentido a respeito da expressão “mulher de verdade”:



FIGURA 2 - Sequência Discursiva Imagética 2

Muriel está se arrumando para sair. Ela está se “montando”¹⁹ para curtir uma

¹⁹ A expressão utilizada refere-se à língua “pajubá” ou “bajubá”, variação do iorubá que é falada pelos homossexuais, pessoas trans e travestis; “se montar”, nesse contexto, seria se arrumar para sair, ir à balada com as amigas. Seria: vestir roupas de festa, sapato de salto, usar peruca, fazer a maquiagem,

noite, quando ouve uma voz que diz: “**Você nunca será uma mulher de verdade**”. A tira é dividida em quatro quadros, em que há uma sequência de representações de Muriel, com elementos que remontam a uma pessoa que está se preparando para sair de casa. Entretanto, Muriel não está se vestindo como uma mulher comum, visto que uma mulher, no seu dia a dia, na atualidade, não usaria um espartilho. O espartilho, já muito usado em outras épocas por mulheres, é uma peça de vestuário que aperta a cintura, a fim de deixá-la mais definida. Consiste em uma indumentária extremamente desconfortável, de forma que seria impossível ficar com tal roupa durante todo o dia, vivendo a vida que as mulheres vivem hoje: cuidando dos filhos, da casa, trabalhando fora, tendo várias atividades.²⁰ Ela está produzindo e vestindo um corpo para performar o gênero feminino em um contexto diferente, não o do dia comum. Poderia ser uma festa, um evento, mas não é um momento cotidiano. Ela está se maquiando, buscando se transformar naquela mulher fatal, sensual, maravilhosa, que usa vestidos sexy, peruca, acessórios, maquiagem; uma mulher que aperta a cintura com espartilho para ficar com as curvas mais definidas por debaixo da roupa. Uma mulher que investe na maquiagem pesada, em cílios postiços, ou seja, em recursos para estar dentro de um padrão naturalizado como sensual, fatal. Ora, esses recursos não são usados apenas por mulheres trans, mas por quase todas as mulheres, quando querem ir a um evento ou festa (ou para outros momentos específicos). Nesse sentido, a afirmação “você nunca será uma mulher de verdade” não se aplicaria apenas às mulheres trans, mas sim a todas as mulheres, visto que tais recursos são empregados por quase todas as mulheres. Se, para ser uma mulher de verdade, usar esses recursos não deveria ser uma realidade, então, não poderemos encontrar “mulheres de verdade”, já que quase todas nós nos utilizamos de tais recursos em alguns contextos. Tal afirmação produz um efeito de sentido que envolve o condicionamento de estar assujeitado à binaridade de gênero, ou seja, esse outro, que enuncia, está filiado a tal FD, tendo em vista que, para afirmar isso, tal sujeito confirma uma série de suposições cristalizadas culturalmente: **existe uma mulher DE VERDADE**. Quem seria essa mulher de verdade? Bento (2006, p. 104) afirma: “Não existe uma forma mais verdadeira de ser mulher ou homem, mas configurações de práticas que se efetivam mediante interpretações negociadas com as idealizações do feminino e do masculino.” Para essa FD binarista de gênero, só é

usar acessórios, enfim, se vestir para performar o gênero feminino.

²⁰ “A morte do espartilho está intimamente ligada à Primeira Guerra Mundial. Com os homens ocupados, lutando na frente de batalha, as mulheres foram convocadas a assumir os trabalhos nos campos, nas cidades e nas fábricas. O trabalho operário exigia espartilhos menores, mais confortáveis e simples. Além disso, a burguesia não contava mais com grande criadagem, o que fez com que as damas optassem por modelos de corpetes mais simples e fáceis de vestir.” Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/espartilho_historia.htm. Acesso em: 04 fev. 2022.

possível ser mulher e homem “de verdade”, performando o gênero dentro dos moldes impostos: delicadeza, meiguice, submissão, beleza, obediência, paciência, afeto, magreza, corpo malhado de academia, sem gorduras, bronzeado, ou seja, um corpo adequado e educado para as práticas performáticas do que se considera como feminilidade. Na outra ponta, encontra-se o “homem de verdade”, que vai performar as características contrárias a essas: rudeza, força, raiva, liderança, magreza, impaciência, corpo malhado de academia e definido, sem gorduras, bronzeado, protetor, provedor, preparado para estar educado às práticas performáticas dessa visão de masculinidade. As masculinidades e as feminilidades, assim, concretizam-se não somente nas atitudes e práticas do cotidiano, mas na forma que é dada a esse corpo, visto que é também discurso.

Considerando os sentidos que são produzidos, tendo em vista o funcionamento da ideologia dominante, uma mulher “de verdade”, dentro da FD binarista de gênero (que é atravessada, constituída por várias outras FDs, como a religiosa, conservadora, de direita, classe média etc.), jamais poderia ter nascido com sexo biológico de macho. Uma mulher de verdade, para essa FD, precisa, além de ter nascido biologicamente com vagina (e outros órgãos reprodutores de mulher), ser mãe, ser esposa dedicada, submissa, temente a Deus, recatada, do lar (já enunciava uma conhecida revista: “Bela, recatada e do lar!”²¹). Essa mulher de verdade não pode/deve efetivar discursos que contradigam tais valores, pois estaria, nesse caso, caindo em contradição. Sua condição pode ser colocada sob suspeita.

Para essa FD, ser *mulher de verdade* produz o efeito de sentido de um sujeito que não pode estar fora dos padrões definidos, pela sociedade patriarcal, para ser *mulher de verdade*. Assim, o que pode caber à *mulher de verdade* é efetivar algumas práticas e enunciar alguns discursos, mas nada disso envolveria uma mulher trans, uma travesti, afinal, se o corpo define a *mulher de verdade*, mesmo que não somente isso a define, ainda que Muriel fizesse todas as modificações corporais possíveis e performasse o gênero feminino 24 horas por dia, ela não seria considerada *mulher de verdade*, pois não nasceu com vagina, nem tem útero ou ovários. Ainda que Muriel, um dia, viesse a ser mãe, pela adoção, ela não seria uma *mulher de verdade*, pois é

²¹ Alusão à revista Veja, que produziu uma matéria com esse título, na qual exaltava as qualidades de Marcela Temer, esposa do ex-presidente Michel Temer, o qual foi ao poder após o Golpe que retirou a presidenta Dilma Rousseff do cargo. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

esse discurso biológico que a define.

Consideremos a imagem a seguir:

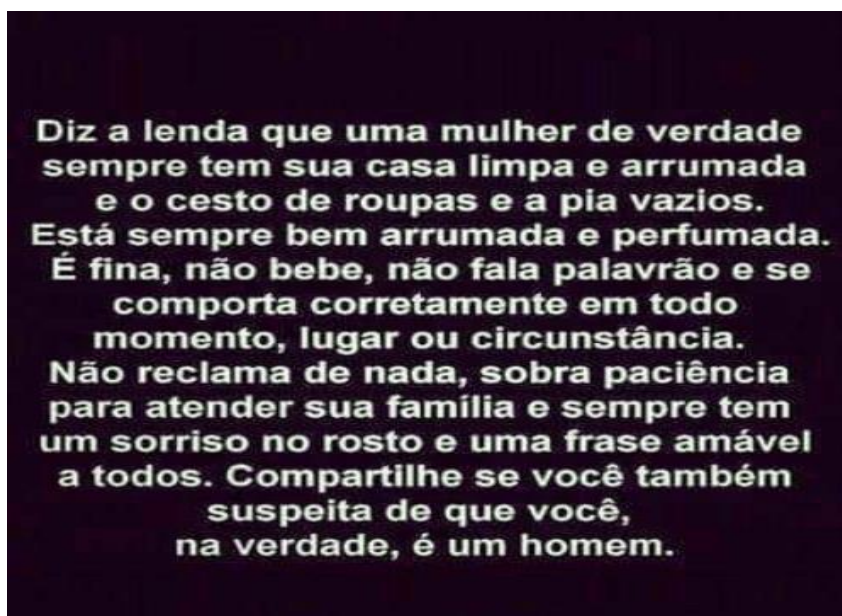


IMAGEM 1 - MEME SOBRE A MULHER DE VERDADE

A imagem em questão foi divulgada como uma postagem que possui sentido irônico, nas redes sociais, a saber, Facebook e Instagram, por várias mulheres, no ano de 2020. Ser uma mulher de verdade, nessa FD, seria atender a esses moldes impostos; entretanto, seria possível performar esse gênero, 24 horas por dia? Os efeitos de sentido mostram que ter todos esses atributos e performar tal gênero o tempo todo transforma-se em uma atividade de proporções hercúleas, quase que impossível. Isso também produz o sentido de que, para ser uma mulher “de verdade”, não é necessário apenas ter útero, vagina e ovários, seios, mas também se comportar de acordo com um modelo de mulher que já não existe mais na sociedade atual. A mulher de verdade, para essa FD Binarista de Gênero, seria um resgate do que foram as avós e mães de muitos de nós, as quais, apenas, em sua maioria, podiam trabalhar em casa, deviam ser obedientes e viviam ou sob o jugo do marido, ou sob o jugo do pai. Nesse contexto, não havia lugar para desobediência, ideias próprias, impaciência, desafeto e outras características consideradas como não femininas. Esse modelo de feminilidade deixou de existir, em sua maioria, há muito tempo, até pelo advento das ideias feministas, bem como pela reorganização da família, hoje, com características diversas das que tínhamos há tempos. Um universo de possibilidades foi colocado diante delas, de maneira que não há como vivenciar apenas uma forma de

feminilidade. Muitas mulheres, atualmente, se desidentificaram dessa FD binarista de gênero, passando a performar o gênero feminino de maneiras outras, além do que está imposto por essa memória do que deve ser a mulher 'de verdade'.

Diante disso, para entender melhor o funcionamento desse discurso que tenta, também, definir o sujeito trans, precisamos perceber como se efetiva o processo de "individuação" do sujeito, visto que ele está condicionado a assujeitar-se à linguagem. O sujeito já é "sempre-já sujeito", portanto, sempre-já significado pela linguagem.

1.1.1 Sujeito individuado pelo Estado e os sentidos moventes

A ideologia interpela o indivíduo em sujeito, por meio da linguagem. Antes mesmo de nascer, esse sujeito já está submetido a uma língua, que lhe define, lhe significa, expressa. Quando uma mãe está grávida, logo perguntamos a ela: "Qual é o sexo do bebê?": "A marca do gênero parece "qualificar" os corpos como humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta "menino ou menina?" é respondida" (BUTLER, 2018, p. 193). A partir da resposta, passamos a definir aquele ser como sujeito, dentro de possibilidades: é menino ou menina? Diante disso, como deve se comportar? Agir? Falar? Pensar? Significamos cada gesto, chute, grito, choro, resmungo daquela criança, que não tem consciência do que lhe está acontecendo. Aos poucos, ela vai sendo inserida no mundo, permeado pela ideologia. Assim, vão se definindo seus limites e possibilidades para uma vida. "[...] o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, é também neste momento que ele passa a se identificar com uma formação ideológica e, conseqüentemente, a uma FD" (AIUB, 2015, p. 106).

A essa criança, é legado o status de "sujeito de direitos", no sentido jurídico do termo, de responsabilização por seus atos dentro de uma sociedade. No que tange à linguagem, como já evidenciamos, o sujeito faz as escolhas que lhe são permitidas, dentro de um contexto histórico específico, de acordo com sua posição na sociedade e com aquilo que se espera que ele diga.

O sujeito-de-direito não é uma entidade psicológica, ele é efeito de uma estrutura social bem determinada: a sociedade capitalista. Em consequência, há determinação do sujeito, mas há, ao mesmo tempo, processos de individualização do sujeito pelo Estado (ORLANDI, 2009, p. 51).

Dessa maneira, o sujeito tem apenas a noção de que é um indivíduo. Como

afirma Orlandi (2009): “Submetendo o sujeito, mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade” (ORLANDI, 2009, p. 51). Diante disso, Orlandi (2011) afirma que as formas de individuação do sujeito pelo Estado são estabelecidas pelas instituições, como a escola, a igreja, a família, entre outras, de maneira que há a tentativa de “individualizar” o sujeito (apenas no sentido jurídico e não para o que considera a AD) “ao mesmo tempo livre e responsável, dono de sua vontade”(p. 42). Assim, o sujeito é individuado, de natureza sócio-histórica ideológica, afetado pela ideologia e língua, que se identifica pela sua inscrição nas diferentes formações discursivas “de que resultam distintas posições sujeitos, relativamente às formações sociais. A noção de sujeito individuado não é psicológica, mas política, ou seja, a relação indivíduo-sociedade é uma relação política” (ORLANDI, 2011, p. 42)

Nesse sentido, com recursos, como documentação pessoal, a saber, nome, certificação, registro pessoal, o Estado efetiva um processo de individuação desse sujeito, propiciando a falsa noção de que ele seria responsável por suas escolhas. Como a ideologia está em funcionamento constante, há um esquecimento desse processo, o que faz com que o sujeito admita que é um indivíduo, que pode fazer escolhas com relação à linguagem que o expressa.

Assim não são sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição (ORLANDI, 2009, p. 40).

Orlandi (2009) afirma que o sujeito pensa ter a capacidade de escolha, de regular sua argumentação, de acordo com aquilo que espera do seu interlocutor, mas que, no entanto, isso não se efetiva, uma vez que a ideologia está em funcionamento nesse sujeito, constituindo os sentidos que pode utilizar, quando e como utilizá-los.

De acordo com Grigoletto (2005, p. 05): “O sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso. Então, é pela prática discursiva que se estabiliza um determinado lugar social/empírico.” Dessa forma, como afirma a autora, ao sujeito, só é permitido dizer aquilo que já está em funcionamento, de acordo com a ideologia e

com o lugar social que ocupa.

o lugar discursivo é determinado não só pelo lugar social, mas também pela estrutura da língua, materializada no intradiscurso. Assim, tanto o lugar discursivo é efeito do lugar social, quanto o lugar social não é construído senão pela prática discursiva, ou seja, pelo efeito do lugar discursivo. Isso significa dizer que ambos, lugar social e lugar discursivo, se constituem mutuamente, de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso. Um não é anterior ao outro, já que um necessita do outro para se instituir. O lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso (GRIGOLETTO, 2005, p. 06-07).

Nesse sentido, o sujeito acredita que o sentido está em si, naquilo que diz, bem como pensa fazer escolhas originais e conscientes, o que não se efetiva, tendo em vista o funcionamento da ideologia, o lugar que ocupa na sociedade, toda a Memória mobilizada em relação aos diversos efeitos de sentido. Ou seja, o efeito da ideologia é exatamente este: fazer parecer ser natural aquilo que é identificação com uma Formação Discursiva. Esse trabalho ideológico, no caso da FD Binarista de Gênero, é justamente fazer parecer normal que só existam duas possibilidades de performar o gênero, o que abjeta os corpos que não se enquadram nesse discurso e tende a provocar preconceitos, exclusões e violências de toda a ordem.

De acordo com Aiub (2015):

a relação indissociável entre sujeito, linguagem e ideologia, mas com uma articulação com falhas. Enfim, uma articulação deveras heterogênea. No entanto, não está se dizendo com isso que o sujeito ao questionar fica livre da interpelação ideológica. Ao contrário, é justamente aí que se dá a interpelação, ou seja, todo sujeito é “livre” para se sujeitar (AIUB, 2015, p. 110).

Ou seja, nessa relação indissociável entre sujeito, linguagem/sentido, ideologia, o sujeito está inserido em uma ou outra FD. Quando questiona sua realidade, ao não se identificar mais com uma FD, passa, automaticamente, a outra FD; assim, o sujeito está sempre sob o jugo de uma ou outra Formação Discursiva. A noção de questionar uma FD só passa a existir quando ele não mais se identifica dentro daquela referida Formação Discursiva, o que faz parte de um processo de constituição de identificação com outra Formação Discursiva.

Assim:

O sujeito não adere às formações discursivas automaticamente e elas, por sua vez, não se apresentam como espaços maciços de sentido. Há espaços de silêncio que são o índice da história particular do sujeito em sua relação com a linguagem, ou melhor, de sua história em face da articulação entre as diferentes formações discursivas e de seus deslocamentos (ORLANDI, 2007, p. 87).

Dessa forma, é possível afirmar que, tanto sujeito quanto sentido são moventes. Orlandi (2007) assevera que:

como o sentido é errático, o sujeito também é movente: o que o mantém em sua identidade não são os elementos diversos de seus conteúdos, nem sua configuração específica (ele tem muitas), mas seu estar (ser) – em silêncio. O sujeito tem um espaço possível de singularidade nos desvãos que constituem os limites contraditórios das formações discursivas diferentes. Aí trabalham processos de identificação do sujeito que não estão fechados na sua “inscrição em uma formação discursiva determinada” mas justamente nos deslocamentos possíveis – trabalhados no e pelo silêncio – na relação conjuntural das formações (ORLANDI, 2007, p. 90).

Portanto, os processos de individuação, empreendidos pelas instâncias estatais, oferecem a ilusão de que o sujeito é responsável pelo que diz. No entanto, é preciso atentar ao fato de que essa é apenas uma noção, que não se concretiza, uma vez que “[...] a identidade do sujeito resulta de processos de identificação. Com efeito, o silêncio trabalha as diferenças inscritas nos processos de identificação do sujeito, produzindo seu sentimento de unidade, integrando os diversos aspectos de um sujeito que “diz”” (ORLANDI, 2007, p. 89-90). Todavia, não podemos esquecer que “face à interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, não há como resistir, caso contrário não nos constituiríamos em sujeitos, entretanto, no modo de individuação do sujeito pelo Estado há rupturas e, na falha da ideologia, o indivíduo pode resistir. E, muitas vezes, resiste” (ORLANDI, 2011, p. 42).

Consideremos a Sequência Discursiva Imagética 3, a seguir, para observarmos como os sentidos são moventes:



FIGURA 3 - Sequência Discursiva Imagética 3

Na SDI3, podemos observar Muriel passeando pela rua, sendo chamada e significada como Muriel, seu nome social²², escolhido para representá-la como pessoa do gênero feminino. Os personagens, ao fundo, estão representados em cor cinza, o que pode mobilizar o efeito de sentido de que o foco não está neles, mas sim nela. No terceiro quadrinho, há uma quebra, em que alguém atira um tomate e grita “Bichona”; logo em seguida, as pessoas que, segundos atrás, estavam chamando Muriel por seu nome social, automaticamente, voltam a chamá-la de Hugo, seu nome de registro, como se representassem a sociedade, o que se constitui em um movimento de avanço e retrocesso. Muriel recebe um “tomate na cara”, que se desmancha e provoca uma espécie de “máscara” sobre o seu rosto. Inclusive, “Bichona” está grafado em vermelho, como uma afronta mesmo. Ao levar o tomate na cara, ou seja, uma fruta, muitas vezes podre, remonta-se ao hábito que as pessoas tinham de atirar frutas ou comida, quando não ficavam satisfeitas com um espetáculo teatral. Essa prática tem origem no século 19, em que era costume atingir criminosos com ovos podres, frutas e verduras, visto que os alimentos eram uma arma acessível.

No início do século 19, na Itália e em outros lugares da Europa, era comum expressar aprovação de uma montagem teatral jogando agrados nos artistas – como poemas de amor ou flores. O lançamento de tomates como forma de protesto tem seu primeiro registro mais ou menos aí: em 1838, o poeta Giuseppe Belli afirmou no final de um poema: “Deus nos salve dos tomates!”²³

²² O nome social é a possibilidade que foi criada, pelo Estado, para “nomear” o sujeito trans, que não se identifica com o gênero que lhe foi imputado ao nascer. Como os nomes refletem os gêneros, as divisões existentes em nossa sociedade, há sempre uma necessidade de “adequação” desse nome (se é homem biológico, recebe um nome de homem; se é mulher biológica, recebe um nome de mulher) quando o sujeito trans decide fazer sua transição e performar outro gênero (LANZ, 2015). Seria, nesse contexto, uma “adequação” ao gênero performado, pois há nomes de homens e de mulheres e seria, dessa forma, um absurdo usar um nome de mulher, sendo homem.

²³ Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/de-onde-vem-o-habito-de-jogar-tomates-no-palco-apos-apresentacoes-ruins/>. Acesso em: 01 fev. 2022.

Nesse sentido, o tomate na cara de Muriel é uma representação da insatisfação com o que ela está performando, ou seja, o gênero feminino.

Ademais, de acordo com Mariani (2014 p. 132), o nome próprio nos inscreve “em uma linhagem, em uma cultura, na lei”. O nome porta discursos que nos antecedem, de maneira que inscreve o sujeito em uma escrita, o que funciona como “uma marca inicial que nos especifica e nos determina com as cores do imaginário de que nos nomeou” (MARIANI, 2014, p. 132). A importância do nome próprio é apresentada por essa autora:

é o sistema jurídico que dá existência, e torna visível um recém-nascido em seus passos iniciais como membro de uma dada formação social a partir da necessidade de uma nomeação feita em cartório. Um registro que o localiza em uma descendência familiar, em uma localidade geográfica e em um tempo histórico. É a partir desse nome legalmente validado que podemos ser designados socialmente, mesmo que à nossa revelia (MARIANI, 2014, p. 133).

Diante disso, o nome “Hugo” possui toda essa carga, por isso, também, há uma resistência para manter esse nome e uma tendência a negar “Muriel”, que já não seria um nome dado pelas instâncias jurídicas, ao nascer (pois é um nome social), o que inscreve o sujeito no lugar de “existência”; isso não seria possível sem essa nomeação efetivada pelo Estado.

Assim como o nome, o gênero, que nos é imputado ao nascer, é uma categoria estatal (termo apresentado por Letícia Lanz, 2015, em seu livro), que também serve para nos representar como pessoas na sociedade (não somente em nossa expressão diária, mas até nas estatísticas – mulheres e homens que possuem gostos e realidades diferentes). É possível afirmar, assim, que a categoria de gênero é um dos processos de individuação produzidos pelo Estado, que nos propiciam o efeito de sentido de que somos indivíduos, temos escolhas, podemos dizer e ser o que quisermos (dentro do respeito às leis). Diante disso, afirma Orlandi (2009, p. 32): “O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Assim como o nome, o gênero é uma definição, uma categoria solicitada para preencher formulários, quando se vai candidatar a uma vaga de emprego, quando se vai preencher o CENSO, ou seja, para vários momentos de nossa vida, é exigida essa definição de gênero, que é muito mais

do que apenas um preenchimento aleatório de um documento. Na definição do gênero tal ou tal, também definimos toda essa gama de comportamentos, que tipo de corpos estamos autorizados a ter, quais nossas preferências, visto que há diferenças entre as preferências masculinas e femininas. Inclusive, estamos nos inscrevendo em um grupo e não em outro, o que também define as políticas públicas de saúde, de atendimento, pois todos esses atos são baseados na definição de gênero, masculino e feminino. Que tipos de procedimento serão permitidos ao homem, num atendimento de saúde? Quais os protocolos para atender a uma mulher, na área da saúde? Tudo isso se baseia nas definições de gênero, por isso, há a noção de que somos únicos, indivíduos, donos de nós mesmos.

Diante disso, usamos uma citação de Bento (2006) para pensar como os discursos nos definem, antes mesmo de nascermos e independentemente de nossos corpos:

Não há corpos livres, anteriores aos investimentos discursivos. A materialidade do corpo deve ser analisada como efeito de um poder, e o sexo não é aquilo que alguém tem ou uma descrição estética. O sexo é uma das normas pelas quais “alguém” simplesmente se torna viável, que qualifica um corpo para a vida inteligível (BENTO, 2006, p. 89).

Nesse contexto, para sermos considerados enquanto homem ou mulher, precisamos ser significados pelos outros, por seus discursos. Assim, Muriel só é Muriel quando é vista como mulher, quando é interpelada por seu nome feminino. Entretanto, o sentido se move e, nesse caso, está baseado na biologia, que soa como natural, transparente, como se as palavras tivessem sentido nelas mesmas e não baseadas em história, condições de produção, classe, entre outros fatores: ora, caso se nasça com vagina, é preciso se comportar como mulher; se nasce com um pênis, tem que se portar e viver como homem. Isso é naturalizado como verdade, quando ouvimos do médico: “É menina!” Não há outra possibilidade para esse ser. É nesse sentido que a pessoa trans constitui-se como resistente, diante de uma norma biologizante, mas que está pautada no discurso.

O corpo já não é uma rota segura para posicionar os sujeitos no mundo polarizado dos gêneros, e a realidade de gênero se fragiliza. O corpo transexual põe essa verdade em um labirinto. Já não será possível ter um juízo sobre a anatomia que se supõe estável partindo da roupa que cobre e articula o corpo (BENTO, 2006, p. 108).

O sujeito trans pode ser visto como resistente, já que não se identifica com a definição baseada na biologia, que lhe foi imputada no nascimento; ademais, também se efetiva resistência quando faz modificações de ordem corporal, a fim de se “adequar” ao gênero que deseja performar. Como afirma Souza (2015, p. 136), “no roçar do que é posto em discurso e do que não entrou nele, há intervalo possível para a emergência de fendas, fissuras, rachaduras em espaços de resistência de/para dizer.” A autora afirma que, talvez, não se efetive a resistência do sujeito como algo simplório, visto que o sujeito é “sempre-já-aí assujeitado em sujeito pela ideologia”, mas que se faz possível uma resistência aos discursos considerados como dominantes, únicos, possíveis e naturalizados, no caso, a binaridade de gênero.

A sociedade tenta materializar nos corpos as verdades para os gêneros por meio das reiteraões nas instituições sociais (a família, a igreja, a escola, as ciências). A necessidade permanente do sistema de afirmar e reafirmar, por exemplo, que mulheres e homens são diferentes por sua natureza indica que o sucesso e a concretização desses ideais não ocorrem como se deseja (BENTO, 2006, p. 92).

Uma pessoa trans performa um gênero diferente do que lhe foi inculcido ao nascer, como algo natural; entretanto, como mostra a Sequência Discursiva Imagética 3, esse sentido não é estático; a sua performance de gênero deve ser aceita e reiterada pela sociedade. Porém, os sentidos produzidos pela tira não são fixos; a qualquer sinal de uma ruptura (no caso, o termo “bichona”), todos já voltam a chamá-la por seu nome de registro, Hugo, como que ressaltando que ela não pode ser uma mulher, já que não tem o genital feminino (vagina). Esse sentido é naturalizado, colocado como normal, talvez, por isso, a aceitação aos trans na sociedade seja tão problemática. “[...] os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 30). Dessa forma, como resalta Orlandi (2009), o sentido só se efetiva quando se relaciona com o todo, com o que foi dito antes, com a história, com sua memória (ou seja, com aquilo que se disse dele antes, em diferentes FDs e por diversos sujeitos), com os falantes, com a posição que ocupam e tudo que envolve a produção desse discurso. Ademais, é preciso considerar o que Orlandi (2017), ao tratar sobre o preconceito aos imigrantes, resalta:

É importante salientar que o preconceito é de natureza histórico-social. Ele se realiza individualmente, mas não se constitui no indivíduo em si. Ele se constitui nas relações sociais, administradas pelo político, pela maneira como são significadas, na formação social capitalista, em que a questão da diferença é uma questão tematizada pelo próprio exercício das práticas sociais. Não é um processo consciente e o sujeito não tem acesso ao modo como os preconceitos se constituem nele. Vêm pela sua filiação a sentidos que ele mesmo nem sabe como se formaram nele. Isto se dá pelo funcionamento do interdiscurso, saber discursivo, na relação com a ideologia: saber que fala por si mesmo (ORLANDI, 2017, p. 94).

Nesse sentido, a autora afirma que o preconceito, vivenciado por Muriel, na representação analisada, é uma discursividade, visto que há um imaginário que atravessa e um poder dizer que silencia sentidos. Dessa maneira, os sentidos podem sempre estar se movendo, de forma que

os mesmos fatos, coisas e seres têm sentidos diferentes de acordo com as suas condições de existência e de produção. No entanto, há um imaginário social que vai constituindo direções para esses sentidos, hierarquizando-os, valorizando uns em detrimento de outros, de acordo com as relações de força e de poder que presidem a vida social, e a relação com a alteridade (ORLANDI, 2017, p. 94).

Ou seja, o preconceito direcionado a Muriel é veiculado, visto que se baseia nas relações de poder e hierarquia, dentro das Formações Discursivas, de acordo com a Memória já mobilizada em relação a esse sujeito.

Além disso, há que se considerar o termo “Bichona”, usado na SDI3 para expressar uma ruptura, que leva as pessoas a chamarem Muriel de Hugo. Apesar das roupas, dos acessórios, dos sapatos, cabelo, forma de caminhar (consideradas as imposições dentro de cada gênero), Muriel é chamada de “Bichona”; ou seja, ela não é uma mulher, mas sim, uma “bicha”, termo historicamente utilizado para desqualificar os homossexuais na sociedade (e que foi ressignificado pelos grupos LGBTQIA+²⁴, de maneira a se tornar um termo político de orgulho). A confusão entre a orientação sexual (homossexual, heterossexual, bissexual, pansexual, entre outras) e expressão de gênero (identidade de gênero) materializa-se no uso do termo “Bichona”, bem como com a atitude de atirar o tomate, que acerta em cheio a cara de Muriel. Assim, ela não pode ser mulher, ela não pode ser Muriel; ela é, naturalmente, bichona, Hugo, e de

²⁴ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais.

nada adiantou sua transformação corporal e de performance de gênero. O termo “bichona” serve para desqualificar toda a sua transição, toda a sua busca por performar um gênero que lhe identifique mais como pessoa. “A linguagem entra em pane, em colapso. E, nessa falta de “texto”, o nojo e a violência se instauram” (BENTO, 2017, p. 50). Orlandi (2017), ao discursar sobre os corpos imigrantes, afirma:

como são significados os sujeitos que vivem, hoje, este processo, na conjuntura deflagrada de guerra e de rejeição total da existência desses corpos, e de outros, pelas formações sociais geridas pelo capitalismo, conjuntura atualmente agravada pelo seu compromisso como nacionalismo patriótico, avesso à entrada em contato com qualquer corpo/sujeito ‘estranho’. Reações que vão desde a ação que ignora esses corpos, com um olhar que não os vê, até práticas de violência simbólica ou física, de inaceitação, de extermínio, de fabricação de muros, ou de leis que barram pura e simplesmente a existência desses corpos e seu direito de ir-e-vir em qualquer lugar do mundo (ORLANDI, 2017, p. 91).

Ou seja, esses corpos são vistos como abjetos, inaceitáveis e, por isso, dignos de aversão “tomate na cara”, violência de todas as formas. Filiados ao discurso da binaridade de gênero, sentem-se desrespeitados ao terem que ver um corpo que não se enquadra em uma ou outra performance e, assim, direcionam, a esse sujeito que não se adequa, o “tomate na cara”, representação do nojo, do asco, do ódio.

Ao não saber “definir” aquele sujeito que se está vendo, pois possui características físicas masculinas, mas está vestido de mulher, entra-se no âmbito da não aceitação àquela pessoa, tida como abjeta; daí, o “tomate na cara”, que, na realidade, efetiva-se como violência bem mais perigosa:

O sentido que se atribui às roupas e aos acessórios liga-se a um campo mais amplo de significados que extrapola a ideia de um “gosto pessoal”, vinculando-se às normas de gênero que estabelecem determinadas formas de cobrir os corpos-sexuados. As roupas não cumprem exclusivamente um papel funcional (BENTO, 2006, p. 162-163).

Trazemos a citação de Bento (2006) para exemplificar o quanto as roupas e acessórios são importantes no processo de transgeneridade. A autora pesquisou várias pessoas que estavam na fila para fazer a cirurgia de redesignação sexual²⁵, mas

²⁵ Operação cirúrgica feita pelas pessoas trans que desejam modificar seus genitais, adequando-os à determinação de gênero, a saber: homens precisam ter pênis; mulheres precisam ter vagina. Assim, são feitos procedimentos de retirada de órgãos reprodutores, bem como construção de vagina e falo,

que, entretanto, já haviam começado a transição muito antes, principalmente, pelas roupas. Todavia, buscavam a redesignação, pois diziam não se sentir “**mulheres de verdade**”. Isso mostra o quanto o biológico (apesar de não ser só esse elemento o responsável por tal naturalização, visto que há outros) é naturalizado nos nossos discursos, a ponto de não haver nada mais importante do que o corpo, modificado para estar adequado ao gênero que se deseja performar. Ferreira afirma (2013, p. 78): “o corpo seria o lugar de simbolização onde se marcariam os sintomas sociais e culturais desses equívocos – tanto os da língua quanto os da história.” A autora ressalta que o corpo ocupa lugar de linguagem, como “uma forma de subjetivação” (p. 77), de maneira que possui relação estreita com o discurso. Isto é, o corpo é simbolização do sujeito, bem como discurso.

O gênero só existe na prática e sua existência só se realiza mediante um conjunto de reiterações cujos conteúdos são frutos de interpretações sobre o masculino e o feminino. O ato de pôr uma roupa, escolher a cor, compor um estilo, são ações que fazem o gênero, que visibilizam e posicionam os corpos-sexuados, os corpos em trânsito ou os corpos ambíguos na ordem dicotomizada dos gêneros. Vestir-se é um dos atos performativos mais carregados de significados para a construção das performances dos gêneros (BENTO, 2006, p. 178-179).

Dessa forma, o gênero se efetiva também nas práticas; Muriel não é Muriel apenas porque diz ser, mas porque se porta como tal (vestido, brincos, anéis, pulseiras, sapatos, cabelos, bolsa, postura, jeito de andar). O gênero é um ato discursivo, no sentido de que expressa e reitera saberes e “verdades” a respeito de como uma mulher, por exemplo, deve ser: “É o desejo de serem reconhecidos(as) socialmente como membros do gênero identificado que os/as leva a realizar os ajustes corporais” (BENTO, 2006, p. 195). Um ato discursivo porque “ser mulher” ou “ser homem”, ou seja, performar aquele ou outro gênero, mostra desejos, posicionamentos, “diz” sobre o sujeito, sobre a forma como vê o mundo, sobre seu contexto, sua realidade, seu lugar na sociedade. Um ato porque há um posicionamento diante do que se pode ou não dizer, do que se pode ou não fazer, do que se pode ou não expressar. É um discurso porque a performance se efetiva no corpo, mas, para além dele, em suas expressões, atitudes, posicionamentos, trejeitos, vestimentas, intervenções,

a fim de que o sujeito possa ter o corpo que está em congruência com o gênero que deseja performar (LANZ, 2015).

papéis sociais. Assim, quando Muriel performa o gênero feminino, quer ser reconhecida como mulher, ser chamada de mulher; no entanto, o sentido é movente, baseado em muito mais do que tudo que ela pode expressar. Ele é histórico, social, econômico e está sendo, continuamente, construído e reconstruído. “O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história” (ORLANDI, 2009, p. 47).

Gênero está relacionado à performance, à prática e ao reconhecimento social. Para que eu seja reconhecida socialmente como uma mulher, preciso desempenhar um conjunto de práticas, de performances que possibilitam esse reconhecimento. Nesse sentido, a roupa que eu uso, o jeito que posiciono minha mão, a maneira como cruzo as pernas, são esses indicadores e visibilidades de gênero que fazem o gênero. Não existe gênero em uma estrutura corpórea, existe na prática. Nós fazemos gênero no dia a dia (BENTO, 2017, p. 108).

Portanto, muito mais do que ser aceita, Muriel precisa confirmar, o tempo todo, que é mulher. Entretanto, por qualquer que seja o deslize (ainda que venha de uma ofensa, exterior à sua performance de gênero), o sentido de “ser mulher”, de “ser Muriel” pode mover-se, voltando a Hugo, homem. O sujeito trans está, como todo sujeito, no âmbito do discursivo, movendo-se entre aquilo que performa e aquilo que a sociedade aceita ver. É nesse sentido que o gênero se faz como uma categoria de individuação: o sujeito parece ter escolha e direito a performar a identidade de gênero que quiser, mas, na verdade, só o faz dentro das possibilidades que possui. Ora, quando um sujeito trans performa uma identidade que não lhe foi imputada ao nascer, com base no biológico, ele está “transgredindo” uma norma de gênero, mas o faz apenas baseado naquilo que pode transgredir, ou seja, ele irá performar o outro gênero, não um novo gênero. Não há desidentificação e fundação de uma outra FD, no sentido da criação de um terceiro gênero, ou algo que ainda não se tenha nomeado em termos de performance de gênero. A identidade fica limitada à performance do masculino ou do feminino. É dessa maneira que há a noção de que o sujeito trans está transgredindo a norma; assim, ele estaria sendo individuado pelo Estado, porém, apenas está limitando-se a performar aquilo que já é possível. Como já apontado no decorrer desta tese, o sujeito pensa que controla o que diz. Mas não há esse controle. Ele está fadado a escolher dentre as opções que já existem e são possíveis dentro do jogo ideológico que já está posto, antes mesmo dele nascer.

Diante disso, passaremos, na próxima seção, a discorrer sobre o percurso

metodológico que compôs a reflexão e construção desta tese.

2 “MEU NEGÓCIO É PÉ NA CARA. E LEVO O HUMORISMO A SÉRIO”²⁶ – PERCURSO METODOLÓGICO

“[...] antes da análise de discurso, a linguagem era um apêndice no estudo das ciências humanas. Depois da análise de discurso, nenhuma ciência se pensa sem pensar o discurso. Essa é a força desse objeto discurso e do que pode fazer uma boa teoria.”

Michel Pêcheux

Nesta seção, trabalhamos os procedimentos metodológicos que nos levaram às reflexões a respeito do corpus considerado para a análise. Iniciamos com uma breve explicação sobre as tiras, como objeto de estudo selecionado; após, apresentamos um pouco sobre o percurso e a teoria que embasa nossa tese.

2. 1 QUEM É MURIEL? PAUSA SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Muriel é fruto de uma transformação vivenciada pelo personagem Hugo Baracchini, o qual fazia parte do Caderno de Informática da *Folha de São Paulo*. Essa tira foi publicada durante muitos anos, com temas como: problemas de dinheiro, a vivência de um trabalho do qual não gostava, a relação com os computadores e outras máquinas, a convivência com a namorada, Beth, as peripécias que efetivava como boêmio em festas e bares, entre outros temas; era muito recorrente que Hugo apresentasse sua visão bem humorada sobre o mundo, além de suas dúvidas. Hugo, inclusive, ganhou uma coletânea com suas tiras, após um tempo de publicação na Folha, com o título: “Hugo para principiantes”, que foi publicado pela editora Devir.

Depois de um certo tempo, que não sabemos precisar, visto que não temos acesso a todas as tiras que foram produzidas na *Folha de São Paulo*, Laerte, a autora, começou a travestir Hugo (como já evidenciado neste texto); o personagem surge travestido, pois está fugindo da máfia. Castro (2017) afirma que os leitores começaram a reclamar do fato de Hugo estar vivenciando temas que não eram mais relacionados

²⁶ Fala do cartunista Henfil, sobre humor subversivo: “(...) A época do humor pelo humor já passou. Hoje o humor é jornalístico, tem de ser engajado, tem de ser quente. A fase da comunicação pura e simples acabou. O humor agora é de identificação. O meu objetivo é a identificação. Procuro dar o meu recado através do humor. Humor pelo humor é sofisticação, é frescura. E nesta eu não estou: meu negócio é pé na cara. E levo o humorismo a sério.” Henfil

à informática, passando a se vestir de mulher e a apresentar situações inusitadas que vivia. Laerte, diante disso, passou a publicar a tira de Muriel em seu blog pessoal, intitulado Muriel Total.



TIRA 6 - Hugo e o caderno de informática

Na Tira 6, a autora usa a tira para responder às reclamações dos leitores, mas acaba por ceder e criar um espaço único para trabalhar as questões sobre transgeneridade que vinha apresentando. Laerte declara, mais tarde, em uma entrevista, que Muriel foi sua tira batidora, ou seja, muitos dos questionamentos que Muriel fazia, eram também da pessoa Laerte.²⁷



TIRA 7 - Hugo ainda se vestindo de mulher

Na Tira 7, a autora ainda permaneceu mais algum tempo mesclando os temas entre a identidade de gênero feminina e os conflitos do personagem Hugo. Após um

²⁷ “Essa tira do Hugo foi a minha tira batidora, ela foi na frente e foi ela que atraiu o olhar de uma querida amiga, Maria Paula, que me escreveu um e-mail dizendo: Eu acho que você possa ser um crossdresser. [...] Muitas vezes eu fiz o Hugo se travestir e todo mundo sabe que até o Pernalonga, não há desenho que não se travista. Não quer dizer que o autor esteja fazendo isso de forma consciente, mas foi a partir daí que eu percebi.” Entrevista Laerte para o Roda Viva. Exibido em 20 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vNT6kWzloWM>. Acesso em: 02 fev. 2022.

tempo, Muriel ganhou seu espaço no blog Muriel Total, que hoje está desativado. Ao entrar em contato com a autora, por e-mail, para perguntar o que houve com o endereço virtual, ela não soube precisar. Disse que imagina que “tiraram do ar” por algum motivo, mas que não sabia exatamente o que aconteceu.

De qualquer forma, as tiras de Muriel passaram a figurar no espaço particular; como trataremos mais adiante, isso diz sobre a Memória que se tem a respeito das pessoas trans, visto que as tiras não foram bem recebidas pelo público do Hugo, do Caderno de Informática; lá, Laerte havia publicado mais de 800 tiras, que foram criadas entre 2008 e 2013/2014. De lá para cá, Laerte não mais publicou as tiras que envolvem a Muriel. Muitas páginas, hoje, em sites e redes sociais, veiculam as tiras de Muriel Total, visto que essa personagem ganhou uma relevada importância entre os militantes da causa transgênera.

Os questionamentos levantados por Muriel eram os vivenciados por muitas pessoas, não só pelas trans. Por meio do humor, a personagem questiona vários pontos do cotidiano de uma pessoa trans, a saber: orientação sexual, identidade de gênero, relacionamentos amorosos, amizades, preconceito, a visão da mídia em relação às pessoas trans, modificações corporais e identidade de gênero, prostituição, entre muitos outros. A maneira como trazia à reflexão tais temas, questionando as imposições do Dispositivo Binário de Gênero, fez com que Muriel ganhasse fãs pelo Brasil. Seu conteúdo foi veiculado em concursos e provas de vestibular, de maneira que muitas pessoas tiveram acesso e conhecimento sobre os temas tratados nas tiras da série.

É importante ressaltar que, nesse momento, 2007, 2008, não havia muita produção sobre as pessoas trans, nem nas mídias, nem na academia. Assim, podemos afirmar que Muriel abriu espaço para discussões que hoje são possíveis, pois era uma tira veiculada em um grande jornal do Brasil, a *Folha de São Paulo*. Esse jornal, ademais, pode ser considerado como filiado a uma FD binarista de gênero, classista, racista, visto que, logo que Muriel começou a aparecer, já houve reclamações por parte de muitos leitores, como nos mostrou Castro (2017). De acordo com Mariani (2019, p. 276), “A imprensa escrita de referência, independentemente da posição discursiva dos jornalistas envolvidos [...]”, ao divulgar essa ou aquela versão sobre qualquer fato, impõe uma filiação a um discurso específico e silencia outros. Dessa maneira, ao apresentar Muriel, mesmo que fosse na seção de quadrinhos, o jornal estava se filiando a um discurso que envolvia a discussão sobre

a causa trans, o que, assim, irritou muitos leitores, a ponto de reclamarem. Isso pode ser considerado como um ato de transgressão, visto que não é prática desse tipo de jornal promover tais discussões. Além disso, há toda a teoria jornalística, como vimos em Mariani (1996), sobre a suposta neutralidade dos fatos apresentados ao público, o que sabemos não ser possível. Entretanto, a autora referida afirma que há a tentativa de controle desses discursos, por parte desses jornais, a fim de efetivar essa suposta neutralidade ao veicular as informações e fatos.

Nesse sentido, Muriel figurou como uma “falha”, em meio aos assuntos veiculados durante esse período; todavia, despertou a revolta de muitos e precisou ser “alocada” em outro espaço, já que estava incomodando. Essa “falha” se configura no fato de que Muriel fura o discurso Binário de Gênero veiculado por esse jornal, como já mostrado anteriormente, tendo em vista que esse meio midiático está filiado a essa FD Binarista de Gênero.

Assim, Muriel também passou a figurar como personagem que discutia a transgeneridade; suas tiras mobilizaram a reflexão sobre como era a realidade vivida por muitas dessas pessoas. Quebrou paradigmas ao discutir identidade de gênero e orientação sexual, pois apresentou que um não está relacionado ao outro. O humor permitiu a transgressão em relação aos discursos filiados ao Dispositivo Binário de Gênero, bem como possibilitou que novos sentidos fossem postos em circulação sobre as vivências da transgeneridade.

2.2 AS TIRAS E OS EFEITOS DE SENTIDOS

As Histórias em Quadrinhos, desde muito tempo, significam uma porta de acesso a variados públicos, muito porque combinam a linguagem verbal com a não verbal, mas também por terem, no geral, a capacidade de discutir assuntos variados de maneira mais despreocupada, usando o humor como mote para a sua produção. Os quadrinhos foram e ainda são, por muitos, vistos como uma arte transgressora, alguns diriam, até, “menor”, mas sua formulação, com base em técnicas de cinema e que aborda a parte visual, chama a atenção do público, por isso, são usados como recursos até em livros didáticos, na atualidade.

Para considerar as HQ's em AD, é preciso observar o funcionamento desses sentidos que são mobilizados, para além dos efeitos de sentido que são produzidos por suas imagens, balões de fala, onomatopeias, legendas, títulos, entre outros

recursos. Portanto, a relação entre

discurso-língua se encontra na história em quadrinhos pensando a língua em funcionamento, que ocorre por meio dos balões, oralidade, onomatopéias, cena narrativa, caracterização dos personagens, tempo, espaço. Todos esses elementos, quando articulados significam e produzem sentido, dentro das HQs (KIMURA, 2013, s/p.)

Assim, como apresenta o autor, esses elementos têm importância, visto que estão relacionados ao funcionamento da ideologia, da constituição do sentido e de como isso está imbricado ao sujeito. Kimura (2013, s/p.) declara: “os elementos faciais ajudam a descrever a emoção que um personagem está sentindo no momento. Não apenas os balões de fala que dão o sentido nas HQs, mas também as imagens atuam de forma igual ou maior do que a escrita dos balões.” Os balões são um recurso usado pelos autores para dar forma ao que querem que os personagens enunciem. Porém, além de não haver apenas um tipo de balão, sendo considerados os de fala, de pensamento, gritos, sonhos, entre outros, ainda há as expressões faciais, corporais e gestuais efetivadas por esses personagens, que também produzem efeitos de sentido e são igualmente relevantes na constituição da história e nos gestos de leitura.

Muriel foi apresentada ao público sob a configuração de tiras, ou seja, uma sequência de três a cinco requadros que buscam veicular sua mensagem. De acordo com a AD, os efeitos de sentidos produzidos são percebidos nos gestos de leitura, o que nos proporciona a interpretação do funcionamento discursivo, que se baseia no funcionamento linguístico e, no caso das representações gráficas, a saber, a tira, também nos elementos variados, como as expressões dos personagens, os personagens, as cores, a ambientação, os balões de fala, os tipos de balões usados, as legendas, títulos, requadros e todos os recursos que possam oferecer ao leitor as pistas para os efeitos de sentido produzidos. Ademais, de acordo com Azevedo (2016), as Histórias em Quadrinhos possuem grande poder de comunicação, tendo em vista que unem as expressões e linguagens, conseguindo atingir mais públicos.

Nesse sentido, lembramos:

não trabalhamos com a origem dos sentidos, mas com suas múltiplas formulações possíveis, no processo de significação; não consideramos o mistério dos sentidos, mas sua opacidade, ou seja, sua não transparência, não evidência. E a interpretação para nós não é reveladora, ao contrário, é parte constitutiva da relação dos sujeitos com os sentidos. Finalmente, não buscamos explicar os sentidos, mas compreender o seu modo de produção e seus efeitos. Além disso, não procuramos escrever a história de como chegamos à origem de um sentido, mas estabelecer o que ocorre para sua determinação histórica no processo de significação (ORLANDI, 2017, p. 36).

A referida autora chama a atenção para o fato de que, ao efetivar a análise das Sequências Discursivas, aqui, Sequências Discursivas Imagéticas, o analista deve estar atento ao fato de que não é a origem do sentido que importa, mas sim os seus processos de significação, condições de produção, sujeitos envolvidos e o funcionamento da ideologia, que constitui o sentido e os sujeitos.

Nesse contexto, ao nos depararmos com as tiras de Muriel Total, observamos as regularidades que envolviam a constituição desse sujeito trans, ali representado pela personagem. Percebemos que havia muitos efeitos de sentido que envolviam a constituição do sujeito trans baseada na modificação corporal, filiada a uma Formação Discursiva biologizante. Mas, também, observamos a regularidade no que se refere à denominação desse sujeito trans, no caso, cheio de dúvidas em relação à sua sexualidade, a como expressar esse novo gênero, como se relacionar, como modificar o corpo ou não, buscando, na verdade, descobrir-se, nesse processo de perguntas e respostas feitas por Muriel. Também, foi possível perceber as Memórias Discursivas mobilizadas, no que diz respeito a esse sujeito. De forma humorada, a personagem questiona padrões filiados às FDs heteronormativa, Binária de Gênero, classista, racista, entre outras. Há uma contradição entre efetivar modificações corporais, por exemplo, para se adequar ao gênero que está sendo performado por ela, o feminino, e não efetivar modificações de nenhuma ordem, permanecendo a performatividade de gênero nas roupas, acessórios, gestos e outras expressões que não solicitem modificações de ordem corporal, física, biológica.

Com base nos estudos efetivados pela Análise de Discurso de orientação francesa, foi possível observar os efeitos de sentido produzidos em relação ao sujeito trans, os quais são veiculados pelas tiras de Muriel Total. Assim, na próxima seção, apresentamos as memórias mobilizadas sobre esses sujeitos nas Tiras de Muriel Total.

3 “ESSE NEGÓCIO DE ROSA E AZUL É COISA DE GENTE CINZA”²⁸

*“Vira! Vira! Vira!
Vira! Vira!
Vira Homem
Vira! Vira!
Vira! Vira!
Lobisomem
Vira! Vira! Vira!
Vira! Vira!
Vira Homem
Vira! Vira!...”
Secos e Molhados*

Esse enunciado surgiu em uma época conturbada para muitos brasileiros. Isso foi expressado pelo amigo André Boniatti, poeta e professor, que respondia a um comentário da Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damaris Alves, do governo Bolsonaro. Ela afirmou, logo no início de sua gestão, que meninos devem vestir azul e meninas, rosa.²⁹ Dessa forma, estaríamos definindo dois grupos bem diversos, em que o vestir-se basearia suas diferenças, ou seja, no bojo da FD binarista de gênero. No entanto, sabemos que não é apenas uma definição baseada na forma como são vestidos. Como já apresentamos, essas práticas, que são também discursivas, definem como o sujeito pode/deve ser, o que deve/pode falar, quem deve/pode namorar, como deve/pode se comportar. Para além das definições de cores, há toda uma prática de comportamentos, considerados adequados dentro dessa FD, que nos coloca em verdadeiras “camisas de força”³⁰, com as quais temos que conviver, ainda que sejam desconfortáveis. Aqui, fazemos alusão ao texto “Quando a escola é de vidro”, de Ruth Rocha³¹, em que a autora conta a história de uma escola em que todas as crianças viviam dentro de vidros e precisavam se adequar ao tamanho deles. Viviam presas, apertadas, sem nem poderem se espreguiçar. E os vidros das meninas eram menores do que os dos meninos. O texto de Ruth mostra o quanto a escola é uma das instituições que, seguindo a ideologia

²⁸ Fala do amigo André Boaniatti, no Facebook, a respeito da declaração da Ministra Damares, do governo Bolsonaro, a qual afirmou que meninos devem usar azul e meninas devem usar rosa.

²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2020.

³⁰ Faço, aqui, referência a uma das tiras produzidas na série Muriel Total (que será trabalhada mais adiante), a qual apresenta as cores rosa e azul em camisas de força, que as crianças devem vestir já na escola.

³¹ Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2021/01/cronica-quando-escola-e-de-vidro.html>. Acesso em: 30 jul. 2021.

dominante, “prende” o sujeito, domando-o para os padrões necessários a serem seguidos. Aqui, afirmamos que estamos filiados à teoria de Althusser (1980), quando, ao falar dos Aparelhos Ideológicos do Estado, apresenta a escola como uma das instituições que serve ao aparato estatal capitalista a fim de adequar os sujeitos ao comportamento para o trabalho. Entretanto, é preciso ressaltar que, na escola, não há apenas espaço para o padrão, visto que há resistências, como afirmou Pêcheux. Ali, há também a quebra, o diferente. Porém, o espaço é voltado mais para o padrão, de maneira que a liberdade, as possibilidades de outras expressões precisam estar sempre resistindo para que não sejam invisibilizadas.

Muitas pessoas passam a vida buscando uma resposta às suas dúvidas sobre quem são. Do que gostam? Como vivem? Como são vistas? Essa definição parece guiar todas as nossas perguntas, vontades, pensamentos, pois é diante disso que vamos nos significando enquanto sujeitos. Nesse sentido, a Análise de Discurso (AD) de orientação francesa é uma teoria crítica dos processos de significação, que se constitui no entremeio das ciências sociais, a qual busca reinvestigar os fundamentos de seu campo de conhecimento. Propõe-se a discutir e definir a linguagem, bem como a natureza da relação que se estabelece com a exterioridade. Reterritorializa conceitos e sentidos, partindo das condições de produção enunciativas, bem como da noção de que o sujeito falante é sempre-já sujeito, inconsciente e atravessado pela ideologia. Fazer AD é estar em uma posição que se quer crítica quanto aos sentidos já-constituídos e dados como óbvios e naturais (MARIANI, 1996).

Para que seja possível efetivar alguns discursos, é essencial pensar em como se concretizam tais sentidos, tendo em vista que, como afirma Mariani (1996), Memória Discursiva é um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para as vivências presentes ou já ocorridas. Há uma predominância de uma de tais interpretações e um esquecimento das demais. Há um efeito imaginário de continuidade. Assim, escolhemos discutir um pouco sobre como a Memória³² é importante nesse processo de significação do sujeito, no nosso caso, do sujeito trans, de maneira a mobilizar conceitos que versem sobre o que seria esse sujeito, dentro das diferentes FDs existentes.

³² Aqui, é preciso ressaltar que fizemos uma diferenciação, quando utilizamos o termo Memória ou Memória Discursiva, para a AD. Grafamos com letra maiúscula, a fim de diferenciar da memória usual, comum, que remonta às lembranças.

3.1 MEMÓRIA DISCURSIVA – PAUSA PARA DEFINIÇÕES

Uma das primeiras memórias que tenho remonta aos meus dois anos de idade. Seria possível? Lembro-me de uma televisão, da sala de nossa casa, em Matelândia, cuja tela era pequena, em preto e branco. A imagem que nela estava sendo divulgada era de um avião, no qual estavam levando um caixão. Lembro-me da bandeira do Brasil e do Hino Nacional, sendo tocado, ao fundo dessa imagem. Seria isso uma real memória ou apenas aquilo que simbolizei, enquanto criança, a partir de um momento muito importante da história de nosso país?

A situação em questão refere-se à morte do presidente Tancredo Neves, que, em 1985, foi eleito por voto indireto, mas não conseguiu assumir a presidência, pois veio a falecer. No lugar dele, assumiu José Sarney. Para além do que representava o mandato dessa figura histórica, Tancredo, num momento de total desespero de uma parte da população brasileira, há a própria simbologia da morte de um presidente. Ademais, o Brasil estava quase saindo de um período de Ditadura Civil-Militar, no qual houve tortura, censura, mortes, desaparecimentos; enfim, por si só, o ato já era significativo. Mas não só. Tancredo representava, à época, uma esperança de um novo país: o fim da Ditadura, das mortes, do medo, do silêncio, das censuras, do cerceamento. A comoção nacional pela morte desse homem foi também veiculada em rede nacional, várias e várias vezes. Esse momento foi repetido, mostrado e muito divulgado durante vários anos. Por isso, não consigo mais saber se essa é uma memória minha ou se ela foi construída pela repetição desse momento, em outras situações, no decorrer dos anos.

Utilizo essa analogia para retomar o sentido de memória, não aquela que é histórica, psicológica, pessoal, mas sim a Memória Discursiva, que também se constitui pela repetibilidade, pela regularização:

há repetição porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida de ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados (INDURSKY, 2011, p. 71).

Entretanto, como afirma a autora, na Memória Discursiva, o sujeito retoma os sentidos como se fossem seus, sem ter, obviamente, consciência de que o que diz

já foi dito. Há um esquecimento, um apagamento de tudo que foi afirmado anteriormente, de maneira que o sujeito se apropria desse discurso. Por isso, a Memória Discursiva é, nesse caso, o resgate dos efeitos de sentido daquilo que já foi afirmado, dentro das possibilidades históricas, sociais e culturais vividas. Ou seja, a Memória é algo que fala sempre antes, em algum lugar.

Dessa maneira, Pêcheux (2020) afirma que a Memória, aqui, deve ser entendida não no sentido psicologista, como uma “memória individual”, mas no “encontro” da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, bem como da memória construída do historiador. Diante disso, a Memória é um processo constituído no social, no todo, na história, na cultura, de maneira que se efetive como um fato que saiu da insignificância e se tornou único a ponto de ser registrado, lembrado: “para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão” (DAVALLON, 2020, p. 25).

Achard (2020) assim define a Memória Discursiva:

o fechamento exercido por todo jogo de força de regularização se exerce na retomada dos discursos e constitui uma questão social. Se situamos a memória do lado, não da repetição, mas da regularização, então ela se situaria em uma oscilação entre o histórico e o linguístico, na sua suspensão em vista de um jogo de força de fechamento que o ator social ou o analista vem exercer sobre discursos em circulação (ACHARD, 2020, p. 19).

A Memória Discursiva não se efetiva de um fato individual, mas de uma complexa rede de sentidos, estabelecida de maneira histórica, social e cultural. A Memória, nesse caso, retoma os sentidos que foram estabelecidos em uma regularização, muitas vezes, tendo sido naturalizados, tidos como verdade. Porém, é importante considerar que a Memória Discursiva se constitui em uma rede de sentidos que é produzida dentro de cada FD, portanto, há muitas possibilidades de Memória Discursiva. Indursky (2011) destaca:

A primeira delas ocorre por uma *operação de encaixe sintático* no interior do discurso do sujeito. E, para ser aí encaixado, o pré-construído mobiliza uma operação sintática que sinaliza a fronteira entre o que veio de outro lugar, o pré-construído, e o que foi produzido pelo sujeito do discurso. No entanto, esse encaixamento, em lugar de ser assim percebido pelo sujeito, produz o efeito de ter sido formulado no seu discurso (INDURSKY, 2011, p. 69).

Assim, o sujeito tem a ilusão de que seu discurso é original, é seu, de sua autoria, quando, na verdade, é estabelecido por conta de uma rede de pré-construídos, por vários sentidos já-lá; temos a falsa noção de que construímos nosso discurso baseados em nossas próprias ideias, quando, na verdade, ele se constitui de tudo que já foi dito, construído, criado, repetido, reiterado: “trata-se ainda da retomada de saberes já-ditos em outro discurso, em outro lugar e cujo eco ressoa no discurso do sujeito” (INDURSKY, 2011, p. 69).

Davallon (2020) afirma: “Há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social” (DAVALLON, 2020, p. 25); assim, para que uma Memória seja “validada”, precisa ser reconhecida pelo coletivo, de maneira que seja considerada com efeito de sentido de verdade. É como se aquela Memória tomasse vida diante de tantas outras e, num jogo de lutas e contradições, ganhasse mais notoriedade diante das outras, apagando-as.

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 2020, p. 53).

Diante disso, para que consideremos uma Memória Discursiva, outros sentidos, outras Memórias precisam ser apagadas, silenciadas: “a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos” (ORLANDI, 2020, p. 59).

Recorremos à seguinte Sequência Discursiva Imagética para mostrar o funcionamento da Memória Discursiva:



FIGURA 4 - Sequência Discursiva Imagética 4

Na SDI 4 acima, o “Clube do Tranco”, assim chamado para ensinar ao Hugo como voltar a ser homem, aparece para acabar com a situação de Hugo estar se vestindo de mulher. Na tira, há três requadros. A marcação da barba por fazer, as expressões de um olhar irascível mostram a agressão que o personagem Rubão deve ter para ser um macho, ou seja algo sujo, bravo, animalesco. Todos os personagens da tira, exceto Hugo, estão desenhados com expressões de raiva, o que remete a essa ideia de como ser um macho. No segundo requadro, os personagens estão sorrindo, menos Hugo, o que efetiva que ele também não se enquadra na definição de macho, que estão descrevendo. Assim, Hugo não seria um “macho”, pois suas feições não estão desenhadas dessa maneira. Ele não expressa agressividade, nem gestos raivosos em sua representação. Está vestindo, inclusive, uma espécie de “bata”, masculina, dessas que muitos hippies usavam e que os praticantes de yoga usam (ou seja, homens que são pacíficos, até por suas crenças e práticas do cotidiano). Ora, isso não remonta ao imaginário de “macho”, raivoso, agressivo; Hugo não é um macho nos moldes da FD Binarista de Gênero. Ele não está vestido de mulher, mas os outros personagens pegam em sua roupa, que consideram como uma roupa que não seja de homem, e dizem que ele vai voltar a se “vestir como homem”. Para os componentes desse grupo, é um verdadeiro absurdo que o personagem esteja performando o seu lado feminino, então, o grupo aparece para, segundo eles: “reeducar você”; que “vai voltar a ser homem”; “se vestir como homem”; “falar como homem”; “peidar como homem” e assim por diante. No último quadrinho, o personagem Rubão está demonstrando como é “ser homem”, emitindo sons próprios de um animal, o cavalo, no caso, peidando e relinchando diante de todos. Ele não só está fazendo a ação de dar um “pinote” no ar, como um cavalo, mas está também com a língua de fora, uma expressão de raiva, ou seja, gestos e feições que remetem ao

animalesco, ao que deveria, no caso, ser um “macho”.

Diante dessa SDI, podemos considerar que há uma Memória Discursiva em relação ao que é ser homem, que, de forma alguma, está em congruência com o que o personagem Hugo está performando. Assim, para Ferrari e Medeiros (2012):

As denominações (palavras, expressões ou locuções) compõem um grande bloco de produção de sentidos em relação ao que elas se referem. Denominar não é escolher aleatoriamente designações, é discurso e, como tal, tem história, determinações que permitem tais nomes e/ou impedem outros (FERRARI, MEDEIROS, 2012, p.84).

Diante disso, a denominação não é um movimento aleatório, em que se escolhem designações a esmo, mas é, sim, discurso, por isso, a definição representa uma história sobre o termo a que se refere; há uma Memória Discursiva mobilizada que possibilita tal definição ou não permite outras.

Os sentidos que são mobilizados para definir o que é ser homem, diante da SDI4, produzem a noção de que “ser homem” não é, em hipótese alguma, “vestir-se” de mulher, como Hugo tem feito. Falar como homem, ser homem, vestir como homem, seria, nesse caso, comportar-se como um animal, sem modos, relinchando e peidando na frente de qualquer um. Inclusive, as expressões faciais do personagem Rubão remontam a um ser que, em nada, se demonstraria delicado, sensível, ou seja, feminino. Diante disso, resgata-se uma Memória Discursiva do que é ser homem, em uma FD determinada, tendo em vista que há outras Memórias possíveis do que seria “ser homem”; por um movimento de lutas e jogos, essa Memória, na história de nossa humanidade, encontrou maior suporte, visto vivermos em uma sociedade patriarcal, machista, heteronormativa. “O ato de denominar, portanto, relaciona linguagem e memória construindo e desconstruindo efeitos discursivos de referencialidade” (FERRARI e MEDEIROS, 2012, p. 84).

Entretanto, esse não é o único sentido de “ser homem”. É, sim, o mais naturalizado, talvez, o que prevaleça, diante de todo o contexto histórico, social, cultural que nos forma como sociedade.

o trabalho da *memória*, no âmbito de uma FD, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento destes elementos de saber quando são formulados pelo sujeito em seu discurso. Ao que eu acrescento: como certos sentidos cristalizados podem se transformar e tornarem-se outros (INDURSKY, 2011, p. 72).

A autora afirma que há outros sentidos possíveis em relação à Memória Discursiva, portanto, apesar de um sentido ser naturalizado em relação aos outros, ele não é, em hipótese alguma, o único. Diante disso, Indursky (2011) afirma que o sujeito, quando toma da palavra e formula seu discurso, o faz sob a ilusão de que “ele é a fonte de seu dizer” (p. 70-71), de maneira que funciona sob o efeito de um esquecimento de que os discursos já estão lá, já existem, são formulados em outro lugar, por outro sujeito; ele apenas os retoma, sem ter consciência dos atravessamentos ideológicos que compõem seu discurso. Assim, a Memória Discursiva constitui-se como uma *regularização* de sentidos, que a compõem, no domínio do regime da repetibilidade, afetando o sujeito pelo esquecimento, pela crença de que ele é origem daquele saber.

Ao definir, na SDI4, o que é “ser homem”, produz-se o efeito de sentido de que “ser homem” é, então, relinchar, peidar, ser grosseiro, cuspir no chão, ou seja, agir com um verdadeiro animal. Essa é uma possibilidade de sentido para “ser homem”, vinculada à FD do patriarcado, machista, heteronormativa. Na série Muriel Total, essa é uma regularidade, ou seja, há uma resistência de Muriel aos sentidos que circulam sobre “ser homem” ou “ser mulher”. Isso porque, de acordo com os sentidos que são mobilizados pelas tiras de Muriel, há outras possibilidades do que seria “ser homem”. Como afirmam Ferrari e Medeiros (2012), na ordem do discurso, as denominações emergem posições-sujeitodos enunciadores, o que possibilita, assim, vinculação às Formações Discursivas às quais se relacionam. “A linguagem e a exterioridade linguageira representam uma posição em relação ao que se denomina, estão na confluência da língua e da história e produzem sentidos” (FERRARI e MEDEIROS, 2012, p. 85).

Por isso, afirma Indursky (2011):

Repetir, para a AD, não significa necessariamente repetir palavra por palavra algum dizer, embora frequentemente este tipo de repetição também ocorra. Mas a repetição também pode levar a um deslizamento, a uma resignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos. Isto se dá porque o sujeito do discurso pode contra-identificar-se com algum sentido regularizado ou até mesmo desidentificar-se de algum saber e identificar-se com outro (INDURSKY, 2012, p. 71).

As diversas possibilidades de sentido, de Memória Discursiva, fazem-se, assim, inerentes ao processo de constituição de sentidos. Há, no processo de repetibilidade, a possibilidade de que os sentidos deslizem, resignifiquem, produzindo uma quebra

em sua regularização. Esse deslizamento propicia novos efeitos de sentidos para o sujeito, visto que ele pode acabar por não se identificar mais com aquele discurso; pode haver identificação e desidentificação nesse processo de constituição do sujeito e dos sentidos. Nesse contexto, Pêcheux (2014, p. 150) explica que o sujeito

se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma [...] enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.

Assim, o sujeito, ao ser interpelado, é filiado a um discurso, a uma FD, de maneira que não tem consciência de que só pode dizer o que é possível dentro daquela FD. Acontece um processo de identificação com essa FD à qual está filiado. Da mesma forma, na SDI4, há a desidentificação, ou seja, o sujeito rompe com a FD à qual estava filiado e passa a se identificar com outra FD. Ao fazer esse movimento de identificação e desidentificação, o sujeito está sempre sob o funcionamento da ideologia, sendo interpelado por uma ou outra FD. Isso porque, para a AD, não é possível estar fora do ideológico, visto que há uma injunção entre ideologia, discurso e sujeito, os quais se constituem mutuamente. Assim, quando Hugo não se identifica mais com o discurso machista, ele passa a se identificar com outros discursos que o representam, para ele, de forma mais completa. Dessa forma, sempre se está assujeitado a uma outra FD.

Consideremos a Sequência Discursiva Imagética 5 para observar os efeitos de sentido efetivados em relação às modificações corporais, em detrimento da performatividade de gênero:



FIGURA 5 - Sequência Discursiva Imagética 5

A referida SDI5 apresenta Hugo, já com intervenções feitas em seu corpo (a saber, silicone nos seios e no bumbum, curvas, típicas de um corpo feminino malhado de academia), conversando com um homem que está vestido com uniforme que parece ser de um policial. Na tira, as cores não são utilizadas, o que pode remeter ao fato de o foco estar mais na mensagem do que no visual. Hugo possui características consideradas de um corpo padrão, na atual sociedade. O suposto policial, outra personagem, é desenhado com um quepe que lhe cobre os olhos, o que pode produzir o efeito de sentido de que as expressões desse personagem não devem aparecer, a fim de causar uma confusão entre o que pensamos que ele está sentindo e o que realmente está expressando. Isso remete ao fato de que os policiais, em nossa sociedade, posicionam-se nas abordagens ao cidadão de forma sisuda, sérios, sem qualquer tipo de sorriso ou contato visual mais demorado com o cidadão abordado. Ao não ter o desenho dos olhos, o policial remonta a uma postura de “não contato”, de não acesso a quem lhe aborda, como se fosse uma estátua, um robô que não pode expressar sentimentos, já que sua abordagem é, normalmente, para averiguar possíveis comportamentos inadequados. Hugo é desenhado de cabelos curtos, que remetem a um corte tido como masculino; ele não está usando peruca. Também, suas expressões estão raivosas, o que remonta ao fato de que ele está, apenas, usando silicone, mas todo o resto não é feminino. Suas expressões faciais, seu cabelo, revelam que ele é um homem com silicone, como afirma na última fala.

Hugo diz que foi “ofendido sobre o seu corpo”; o suposto policial afirma que “qualquer mulher daria tudo por um corpinho desses”, ao que Hugo responde “**Só que eu não sou mulher! Isso é tudo silicone**”. Essa afirmação de Hugo coloca em xeque os sentidos considerados na SDI4, visto que, aqui, já temos um deslizamento do sentido do que é “ser homem”, para essa FD da SDI5. Aqui, Hugo não vincula o corpo

transformado de academia e silicone com o “ser mulher” e continua achando que é homem. Nesse contexto, produz-se, inclusive, uma filiação à outra FD, que mobiliza outro sentido, visto que, em nossa sociedade atual, o corpo tende, sim, a definir nosso comportamento de gênero, tanto que somos nomeados como ‘homens’ ou ‘mulheres’, a partir de nosso órgão genital: “somos sexualmente marcados, em nossa civilização ocidental, letrada, cristã, constituindo uma sociedade de um Estado capitalista” (ORLANDI, 2011, p. 45). Bento (2006, p. 103) também afirma: “O “real” é identificado como a verdade, e a verdade é ditada pelos imperativos do corpo.”

A Formação Discursiva, que produz o sentido de que um corpo com seios é um corpo de mulher, é questionada, produzindo uma contradição, ao que o suposto guarda responde: “Bom, eu não sou guarda. Isso é um uniforme de porteiro”; assim, ele não teria mesmo poder para fazer nada sobre a ofensa que Hugo recebeu. Diante disso, há um deslizamento do sentido, uma quebra, uma ressignificação diante do que seria um corpo “feminino”, “ser homem”, “ser mulher”, que não mais estariam pautados no comportamento, como mostra a SDI4, mas sim baseado naquilo que a personagem afirma, ou seja, no seu discurso: **“Só que eu não sou mulher. Isso é tudo silicone”**. Ou seja, baseado nessa afirmação, uma mulher, que tenha feito intervenções em seu corpo, com uso de silicone, não seria uma mulher. Afinal, não podemos esquecer que o discurso é constituído de ditos e não ditos. Quando se afirma: **“eu não sou mulher. Isso é tudo silicone”**, também se declara que não é o corpo que faz o “ser mulher”. A ideia de “ser mulher” ou “ser homem”, nesse caso, estaria deslocada da característica corporal. A tira produz vários questionamentos em relação aos sentidos do que seria “ser mulher” e “ser homem”, além de colocar em xeque a definição de gênero, feita por nossa sociedade, com base nas características corporais. Michel Pêcheux (1982 [1990, p.8] apud Orlandi (2011, p. 53) afirma que:

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está” e o “nunca estará” da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o além e o indivisível.

Assim, ao afirmar que um corpo não é uma definição da performatividade de gênero, estamos não afirmando várias outras posições-sujeito também, que se confirmam nas redes de sentido propostas para essa FD. Para Grigoletto (2005, p.

07), o lugar discursivo estaria “no entremeio do lugar social, da forma e da posição-sujeito. Portanto, ele não é sinônimo de posição, já que pode abrigar, no seu interior, diferentes e até contraditórias posições de sujeito.” Assim, o sujeito do discurso,

ao se inscrever em um determinado lugar discursivo, vai se relacionar tanto com a forma-sujeito histórica e os saberes que ela abriga quanto com a posição-sujeito. Assim, a relação do sujeito enunciador com o sujeito de saber e, conseqüentemente, com a posição-sujeito é deslocada para as relações de identificação/determinação do lugar discursivo tanto com a forma-sujeito histórica (ordem da constituição/do interdiscurso), quanto com a posição-sujeito (ordem da formulação/do intradiscurso) (GRIGOLETTO, 2005, p. 07).

É preciso considerar que tanto a Muriel como o guarda mudam de posição-sujeito no discurso, já que Muriel assume que é homem, embora a imagem pareça a de uma mulher, e o guarda, de porteiro. Também o guarda, quando fala do corpo, assume a posição-sujeito machista/patriarcado, que trata o corpo da mulher como objeto a ser consumido, visto a maneira como ele se direciona a ela, dizendo que “qualquer mulher daria tudo por um corpinho desses”.

O “ser mulher” ou “ser homem”, nessa FD, seria proposto pela performatividade de gênero, pelo fazer social de “ser homem” ou “ser mulher”, muito mais do que unicamente pela característica física, genital, corporal que, hoje, pode ser feita pela medicina (implante de silicone, cirurgia de redesignação sexual, entre outras intervenções).

não estou pretendendo afirmar que os sentidos, depois de cristalizados/regularizados, não podem mais se alterar. Ao contrário. Os sentidos, à força de se repetirem, podem acabar por se modificar, de modo que as *redes discursivas de formulação*, formadas a partir de um regime de repetibilidade, vão recebendo novas formulações que, ao mesmo tempo em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória. Tais formulações podem trazer o mesmo sentido e, nesse caso, produzem uma *relação de metáfora* em que *uma palavra é tomada pela outra, mas produzindo o mesmo sentido*, tal como ocorre em uma *família parafrástica* que funciona como uma *matriz de sentido* (INDURSKY, 2011, p. 76).

Assim, a autora afirma que os sentidos construídos não estão cristalizados, de maneira que é possível haver esse deslizamento de uma Memória Discursiva para outra. As formulações, as redes de sentido vão recebendo novas intervenções, de forma que são ressignificadas, questionadas, contrariadas, para formar um novo

sentido, uma outra memória.

Ferrari e Medeiros (2012) ressaltam:

As denominações caracterizam-se pela capacidade de condensar um substantivo, ou em um conjunto parafrástico de sintagmas nominais e expressões, os pontos de estabilização de processo resultantes das relações de força entre formações discursivas em concorrências em um mesmo tempo. Elas tornam visíveis as disputas, as imposições, os silenciamentos existentes entre a formação discursiva dominante e as demais (FERRARI e MEDEIROS, 2012, p. 87).

Denominar-se mulher ou homem, portanto, na SDI5, não está relacionado ao corpo. A tira produz um deslizamento de sentido, uma ressignificação no que se refere à definição de gênero com base na característica corporal, além de colocar em xeque essa Memória Discursiva, que remonta ao corpo como definição para a performatividade de gênero. Ora, hoje, diante dos estudos de gênero, da revolução feminista e das modificações sociais, que têm acontecido em nossa sociedade, essa afirmação de performatividade de gênero baseada na característica corporal, e pior, genital, apenas, tem sido muito criticada. Os sujeitos transgêneros, em sua luta por respeito para que possam ficar vivos, têm efetivado um rico debate em torno desse tema, questionando nossas definições, baseadas em discursos que já estão sendo ressignificados, deslizados; isso produz uma contraidentificação, uma desidentificação em relação a tais sentidos e, em contrapartida, efetiva uma identificação com outros sentidos. As possibilidades vão sendo reconsideradas e há esse deslizamento de uma FD para a outra, com a qual o sujeito mais se identifique.

Como afirma Indursky (2011, p. 86): “Não dá para interpretar uma atualidade sem mobilizar a memória.” Camargo (2019, p. 179) também assevera: “sem memória não há discurso”. Diante disso, afirma-se que o discurso só é possível com a Memória Discursiva, visto que o sujeito retoma outros discursos quando produz o seu. A ilusão de que seu discurso é original é um processo de esquecimento efetivado, a fim de que seja possível discursivizar, afinal, se lembrássemos, o tempo todo, de tudo que já foi dito, antes de nosso dizer, seria impossível formular um discurso.

Indursky (2011) afirma, ainda, que tudo que já foi dito inscreve-se no Interdiscurso, o qual é constituído por um complexo de formações discursivas. “Ou seja: todos os sentidos já produzidos aí se fazem presentes, e não apenas os sentidos que são autorizados pela Forma-Sujeito” (p. 86). De acordo com a autora, o Interdiscurso não possui lacunas, é saturado. “Esta é a natureza do interdiscurso:

reunir todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas. E é por comportar todos os sentidos que ele se distingue da memória discursiva” (p. 86).

Diante disso, Memória Discursiva e Interdiscurso não teriam o mesmo funcionamento. É fato que estão imbricados e um só é possível com apoio/existência do outro, entretanto, diferem-se.

A memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e, por essa razão, é esburacada, lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD. Ou seja, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada (INDURSKY, 2011, p. 87-88).

O Interdiscurso corresponde, assim, a uma Memória ampla, por isso, ele dá conta de todos os sentidos que já foram construídos e considerados, de contextos diversos, de diversas condições de produção, assim como de diversas FD. Dessa forma, o Interdiscurso apresenta-se saturado, completo; ele preenche os vazios, as lacunas. Indursky (2011), ao analisar um quadro da primeira missa no Brasil, ilustra o funcionamento do Interdiscurso e da Memória Discursiva em relação ao “descobrimento do Brasil”:

*Este imaginário é, de certa forma, o imaginário fundador de uma memória discursiva sobre a chegada dos portugueses à nova terra, o qual ficou impresso no discurso da “descoberta” do Brasil. Esse discurso apresenta-se revestido do que estou chamando de *regime de repetibilidade* devido ao fato de ter sido repetido com persistência através dos tempos e, em função disso, ganhou regularização, passando a fazer parte da *memória coletiva* dos brasileiros (INDURSKY, 2011, p. 75).*

Esse trabalho de repetição foi feito pelos historiadores, livros didáticos de história, pela própria imprensa (jornais e notícias) e pela história oral (contada de geração em geração). Ao contarmos e recontarmos a chegada dos portugueses, repetimos e reiteramos uma Memória Discursiva sobre aquele momento histórico. Esquecemos, também, das outras possíveis narrativas sobre esse momento, que poderiam ter sido contadas por outros personagens que tenham vivenciado tal situação, como os indígenas. A chegada dos portugueses, assim, inaugura uma Memória sobre o momento histórico, contada pela perspectiva dos colonizadores, brancos, que é recontada no decorrer dos tempos, mas que desconsidera as outras

possibilidades discursivas para aquela situação. Há um apagamento, um esquecimento de outras perspectivas, a fim de que essa Memória esteja no coletivo social; ela é naturalizada, tida como verdade, com sentidos cristalizados em relação àquela vivência.

Consideremos a seguinte Sequência Discursiva Imagética 6, a fim de observar o funcionamento da Memória Discursiva sobre o lugar das pessoas trans nessa sociedade:



FIGURA 6 - Sequência Discursiva Imagética 6

A referida SDI6 apresenta Muriel tentando usar um banheiro público. A tira é constituída de quatro requadros. O balão de fala vem de outro lugar, de maneira que não vemos quem fala, o que produz o efeito de sentido de que seria “a sociedade” a falar, no caso, baseada no Discurso Binarista de Gênero. Em cada porta, há uma letra, correspondente, às definições de gênero naturalizadas pela Formação Discursiva Binarista de Gênero, ou seja, masculino e feminino. Na terceira porta, apontada com o lugar de Muriel, agora, há a Letra T, correspondente a “transgênero/transsexual/travesti”. Isso também está naturalizado na tira em questão, visto que a série aborda os temas referentes às pessoas trans. Então, conclui-se que se trata da representação das pessoas trans. A personagem abre a porta e se depara com uma parede de tijolos. De acordo com Bocchi *et al.* (2018), em uma análise sobre portas de banheiro:

ao dizerem que um banheiro é feminino e outro é masculino, funcionam como uma forma de realização da ideologia dominante de matriz heterossexual, no atravessamento de diversos aparelhos ideológicos (como a escola, a instituição médica, a Igreja, a família, ou seja, diferentes aparelhos que compartilham a mesma ideologia acerca dos gêneros). Os banheiros e suas portas [...] ratificam os modos de pensar e viver os corpos centrados na matriz heterossexual e cisgênera (BOCCHI, et al., 2018, p. 282).

Nesse sentido, não se trata apenas de portas de banheiro, mas sim daquilo que se discursiviza a respeito dos gêneros, das identidades, baseado em uma Formação Discursiva Binarista de Gênero, que impõe um ou outro gênero, mas nada além.

Diante dessa SDI, podemos perceber o funcionamento de uma Memória Discursiva a respeito do sujeito trans (aqui, transgênero, travesti, transexual); é o não lugar que ele ocupa na sociedade, representado pela parede de tijolos. Não se aceita que esse sujeito circule nos espaços femininos, nem nos masculinos. Para esses sujeitos, é essencial haver um terceiro lugar, que, na verdade, não existe. A divisão em gêneros, empreendida pelo dispositivo binário de gênero, já discutido, anteriormente, neste texto, mobiliza Memórias a respeito do sujeito trans, que não permitem que ele ocupe o lugar do feminino ou do masculino. A ele, é relegado esse terceiro local, que, em verdade, não existe.

a memória reconstrói-se a partir de lacunas, que são preenchidas pelo imaginário, interiorizado pelo sujeito, através das vivências forjadas nessa experiência do comum. Essas vivências assumem sentido de veracidade, mas não possuem possibilidade de serem remontadas de forma completa, já que têm relações diretas com o esquecimento. O discurso sobre passado se estabelece fragmentado e com necessidades de completude, preso a consensos formulados e impostos aos sujeitos que compartilham do mesmo tempo e discurso, portanto, é forjado e moldado pela Memória Discursiva (CAMARGO, 2019, p. 174).

Dessa forma, como aponta Indursky (2011, p. 69), é possível observar “como elementos provenientes do interdiscurso são inscritos no discurso do sujeito. Estamos diante de práticas discursivas no interior das quais saberes circulam e são apropriados/discursivizados em diferentes discursos.” Ademais, além de não existir, a parede da tira também representa que Muriel não pode se expor; assim, a porta do banheiro também seria uma porta de “armário”, de onde ela não deve sair. Ela precisa ficar presa, escondida (lugar relegado aos homossexuais e trans). Ou seja, é um lugar intransponível na sociedade, que não pode ser visível. Assim, a Memória Discursiva que é, aqui, movimentada, baseia-se no fato de que a sociedade heteronormativa impõe uma das duas performatividades de gênero: masculino e feminino. Tudo que está fora disso, para essa FD, estaria à margem ou, sequer, deveria existir. Esse discurso, infelizmente, fomenta atos de violência contra as pessoas trans, como é possível verificar em diversas notícias, que remontam a agressões e, quase sempre, assassinato dessas pessoas. ““Abjeção” torna-se uma potente categoria heurística

nos estudos voltados para a compreensão do lugar reservado socialmente aos corpos sem inteligibilidade social, a exemplo das pessoas trans” (BENTO, 2017, p. 49). As mortes, em geral, são cruéis, com processos de tortura, exposição da violência, que demonstram, além do horror da situação, um asco, um sentimento de nojo em relação a tais pessoas: “Quando se mata uma travesti, a motivação do crime está na negação daquele corpo em coabitar o mundo humano, que é dividido em homens-pênis e mulheres-vagina” (BENTO, 2017, p. 24).

Esse “não lugar”, como mostra a tira, expande-se para as instituições, como a família e a escola, visto que não há lugar para esses sujeitos nesses âmbitos. Todavia, como já ressaltamos, todo ritual possui falhas, por isso, tais sujeitos, apesar de toda a dificuldade, fazem-se presentes nesses locais, por meio da resistência. Consequentemente, ficam impedidos de trabalhar, pois não receberam formação e, quase sempre, recorrem à prostituição para que possam viver. A vida passa à margem da sociedade. Tudo isso é fomentado por esse discurso binarizante, como resalta Lanz (2015):

Dar nome e definir a identidade de gente como eu implica mexer – e mexer profundamente – no imenso castelo social que está erguido sobre o dispositivo binário de gênero, do qual a sociedade, tal como conhecemos, depende para o seu “perfeito funcionamento”, para continuar de pé. Por colocar em risco esse mesmo dispositivo, ameaçando a estabilidade de toda a imensa estrutura social, política, cultural e econômica sobre ele erguida, gente igual a mim tem sido considerada infratora da ordem vigente, tratada como doente mental e rotulada de coisas como perversa, depravada e delinquente (LANZ, 2015, p. 19).

Assim, a autora apresenta que o dispositivo binário de gênero, Memória Discursiva que é colocada como coletiva, única, cristalizada e naturalizada como verdade, impõe um comportamento de gênero, baseado na genitália. Diante disso, toda a performatividade tem que estar adequada ao corpo. Ao nascer, somos “nomeados”, pelo discurso médico, baseado na biologia, como “homens” ou “mulheres”. Os sujeitos que não se adequam a essa imposição, a esse discurso, são os sujeitos trans (também, no caso, pois são os que questionam essa “normalidade” com a vida, com o corpo), os quais tendem a pagar com sua vida por essa resistência ao Dispositivo Binário de Gênero. É preciso lembrar, entretanto, que parece não haver escapatória para essa definição, nomeação que nos é dada antes ainda do nascimento. Seria possível ser constituído como sujeito se não houvesse essa

rotulação? Não é justamente a simbolização que nos é dada que nos torna assujeitados e interpelados por essa ideologia? No caso, é a simbolização e nomeação como feminino ou masculino que nos interpela como sujeitos de uma sociedade patriarcal, capitalista, classista, racista, heteronormativa, por fim, Binarista de Gênero.

Quando o saber médico nomeia a experiência transexual a partir da naturalização, está citando as normas que fundamentam e constroem os gêneros a partir do dimorfismo. Quando se definem as características dos transexuais, universalizando-as, determinam-se padrões para a avaliação da verdade, gerando hierarquias que se estruturam a partir de exclusões (BENTO, 2006, p. 46).

Inclusive, nesse sentido, até mesmo a noção do que é “ser trans” receberia a intervenção desse discurso binário de gênero, o que definiria como pode e deve ser uma pessoa trans, o que pode e deve dizer, como pode e deve se comportar, o que pode e deve fazer, com o que pode e deve trabalhar, e assim por diante.

E no caso dos gays e lésbicas, é comum escutarmos pessoas heterossexuais afirmando que não têm nada contra “essas pessoas”, desde que elas se comportem devidamente. O que isso significa? Que não podem cometer nenhum “excesso” na demonstração de afeto (por exemplo: beijos, mãos dadas) em espaços públicos (BENTO, 2017, p. 57).

Assim, é preciso, além de corporificar o gênero, comportar-se dentro do que a heteronormatividade considera como “adequado”. Esse movimento discursivo também é efetivado quando o médico afirma “é um menino” ou “é uma menina”, pois aí, nessa afirmação, são mobilizados vários sentidos do que pode ou não pode aquele sujeito.

Se uma mulher de verdade é discreta na forma de se maquiar e nos modelos das roupas, se fala baixo e gesticula comedidamente e tem uma voz que não lembra os falsetes das travestis, há então todo um conjunto de intervenções para construir um sujeito transexual que não tenha em suas performances de gênero nenhum sinal que os cite (BENTO, 2006, p. 61).

Como afirma a autora, o gênero que se quer performar é construído, baseado numa série de características corporais, mas também em adequações de comportamento, dentro do que significa a feminilidade ou a masculinidade em nossa sociedade. Se a Memória Discursiva de “ser mulher” remonta a um sujeito com tais

características (delicadeza, discrição, beleza, ser magra, maquiada, ser gentil e doce, entre outras), constrói-se essa imagem, por meio de intervenções cirúrgicas, que atuam no corpo (que também é um discurso) e na performance de gênero. Assim, é preciso, inclusive, para ser trans, estar em congruência com esse dispositivo binário de gênero, que nos categoriza, nos coloca em caixas de definição. Caso não esteja, esse sujeito está relegado à parede, ao não lugar, como mostra a SDI6. A “passabilidade” (termo já explicado neste trabalho) é condição para que um sujeito trans possa viver em nossa sociedade, sem correr tantos riscos por desafiar o dispositivo binário de gênero. Isso porque, ao performar, ao discursivizar seu corpo e suas atitudes, com base no gênero que quer vivenciar, a pessoa trans acaba por se “curvar” ao dispositivo binário de gênero, cujas imposições trabalham com um padrão a ser seguido, que guia a Memória coletiva de como deve ser, inclusive, um corpo trans.

Consideremos a próxima SDI, para pensarmos um pouco mais sobre a Memória coletiva em relação ao sujeito trans:



FIGURA 7 - Sequência Discursiva Imagética 7

A SDI7 mostra Muriel saindo do banheiro, quando encontra uma mulher, que a questiona sobre o fato de o banheiro em que ela está ser um banheiro “feminino”. A expressão facial da outra personagem, ao questionar Muriel, é de raiva e indignação. Ela não só está com as sobrancelhas arqueadas, demonstrando raiva, como também está de braços cruzados, em posicionamento de contrariedade à presença de Muriel no banheiro em questão. Isso porque, para essa mulher, Muriel não está “habilitada” a usar o banheiro feminino, já que é, para a FD Binarista de Gênero, à qual essa personagem está filiada, um homem. Inclusive, Muriel não está usando peruca, tampouco demonstra seios ou marcação de uma cintura mais fina, características de uma mulher biológica. Muriel rebate, perguntando se a mulher quer ver a operação

dela, a qual responde, rapidamente, que não. A personagem responde, fazendo um sinal com as mãos para confirmar que não quer ver mesmo, o que remonta ao medo de ter que, de repente, ver o órgão sexual operado de Muriel. Esse órgão é que habilitaria Muriel a usar o banheiro feminino, entretanto, ao mesmo tempo em que a outra personagem questiona e quer controlar a identidade de gênero alheia, sente medo e repulsa, quando é colocada em xeque sua postura de questionamento. Muriel sai do banheiro e revela que a operação, da qual estava falando, era de amígdalas, visto que a personagem não fez nenhuma cirurgia de redesignação sexual. Para além do jogo de sentidos com a palavra “operação”, percebemos aí o funcionamento de uma Memória Discursiva baseada na biologia, na medicina, pois uma intervenção cirúrgica é que poderia “habilitar” Muriel a usar o banheiro feminino. A partir de uma operação, no caso, de redesignação sexual, Muriel poderia estar apta a usar o banheiro das mulheres e não mais os dos homens. “A utilização de uma ancoragem discursiva baseada no biológico significa uma forma de negociar com as normas de gênero que legitimam como normais as práticas referenciadas no discurso da determinação natural das condutas” (BENTO, 2006, p. 63). Assim:

o hospital tenta organizar as subjetividades apropriadas para “um homem/uma mulher de verdade”. No hospital, realiza-se um trabalho de “asepsia de gênero”, retirando tudo que sugira ambiguidades e possa pôr em xeque um dos pilares fundantes das normas de gênero: o dimorfismo natural dos gêneros (BENTO, 2006. p. 68).

Ou seja, é o discurso médico, baseado na biologia, que pode ser responsável pela permissão de existência de um corpo trans (e, se pensarmos de maneira mais aprofundada, de todos os corpos). Ainda que não aceito pela binaridade de gênero, há uma necessidade de “validação” das práticas performativas, também para o corpo trans, que é baseada no discurso médico. É necessário, nesse sentido, que esse corpo seja “validado” por meio de intervenções cirúrgicas. Isso, sim, habilita o sujeito trans a “existir” nessa sociedade. Dessa forma, percebemos o funcionamento de uma Memória biologizante, médica, para a efetivação dos discursos performativos de gênero, no caso, dos sujeitos trans.

Nessa perspectiva, não existe um referente natural, original, para se vivenciarem as performances de gênero. O original, segundo as normas de gênero, está referenciado no corpo (corpo-vagina-mulher, corpo-pênis-homem). Aí residiria a verdade dos gêneros, e aqueles que constroem suas performances fora do referente biológico são interpretados como uma cópia mentirosa do homem/da mulher de verdade. Nesse processo, os gays, as lésbicas, os/as transexuais, as travestis, a mãe “desnaturada” são excluídos daquilo que se considera humanamente normal. Para uma concepção essencializadora, essas práticas performativas não passam de cópias burlescas das mulheres e dos homens de verdade (BENTO, 2006, p. 103).

Diante disso, Bento (2006) afirma que a vivência das subjetividades, em um mundo marcado pela polarização naturalizada dos gêneros, tende a “criar um conjunto de subjetividades e sexualidades divergentes do modelo estabelecido pelas normas de gênero, mas que serão recuperadas por essas mesmas normas à medida que se estruturam explicações patologizantes para essas subjetividades e sexualidades divergentes” (p. 132), de forma que se opera uma inversão, pois o problema não estaria nas normas de gênero, mas sim no indivíduo que tem dificuldade de se adequar a elas.

Nesse contexto, percebemos que a Memória Discursiva, alusiva à binaridade de gênero, é naturalizada como verdade, considerada como a única possível. Nessa Memória, os sentidos mobilizados consideram que o corpo é que define a performance de gênero, havendo apenas duas possibilidades, masculino e feminino. Qualquer performatividade, para além disso, estaria à margem, é vista como aberração, como errada, como sem lugar.

Entretanto, afirma Indursky (2011):

sentidos cristalizados podem se repetir, mas que nem sempre reaparecem exatamente da mesma forma; que, à força de serem repetidos e, em função das condições de produção em que essa repetição ocorre [...], os sentidos vão se modificando, se resignificando, produzindo contradiscursos. Ou seja: a regularização dos sentidos, decorrente de sua repetição, não impede a movência dos mesmos (*sic*) (INDURSKY, 2011, p. 79).

Dessa maneira, faz-se possível a existência de outras FDs, para além dessa que é “dominante”, cristalizada e tida como natural. Pêcheux (2020, p. 49) afirma que:

a memória tende a absorver o acontecimento como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa "regularização" e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior.

Por isso, por esse deslizamento de sentido, é que se torna viável haver outros discursos em relação aos sujeitos trans, que não sejam apenas os mobilizados por essa FD, da biologia. Nesse sentido, temos um corpo trans, de um sujeito que resiste à norma da imposição binária de gênero. É um corpo que existe, é possível e que se constrói e reconstrói, diante de suas necessidades performáticas, inclusive, sem nenhuma intervenção cirúrgica ou de outra ordem. Mais do que existir, o sujeito trans, nessa outra FD, resiste, pois é um corpo que não deveria estar ali, que não seria possível sob o jugo do dispositivo binário de gênero, na sociedade heteronormativa. Assim, abordamos, na próxima seção, as análises que mobilizam os sentidos elencados pelas tiras de Muriel Total, a fim de demonstrar esse funcionamento discursivo para pensar o sujeito trans e suas vivências.

4 “EU ACHO QUE DIFICILMENTE UM CORPO TÁ RESOLVIDO PARA TODO SEMPRE.”³³

*“Não há resistência sem sujeito,
 Não há sujeito sem ideologia,
 Não há ideologia, sem linguagem,
 Não há linguagem sem equivocidade,
 Não há equivocidade sem
 historicidade,
 Não há historicidade sem sentido,
 Não há sentido sem interpretação,
 Não há interpretação sem gesto de
 leitura,
 Não há gesto de leitura sem desejo,
 Não há desejo sem falta,
 Não há falta sem discurso,
 E não há análise do discurso sem
 R.E.S.I.S.T.Ê.N.C.I.A”
 Maria Leandro Ferreira*

Um corpo trans é um corpo que resiste. E resiste à vida, à morte, à família, à escola, à vergonha, à exclusão, à dor, à prostituição, à raiva. Nesta seção, tratamos sobre os efeitos de sentido a respeito dos sujeitos trans e os questionamentos elencados por essa série, Muriel Total, em relação à pessoa transgênera em nossa sociedade. Para iniciar a discussão, é importante abordar sobre a Memória Discursiva a respeito desse sujeito trans/homossexual, a fim de perceber quais são os efeitos de sentido que falam sobre esse sujeito.

4.1 MEMÓRIA DISCURSIVA SOBRE O SUJEITO TRANS/HOMOSSEXUAL

Seria difícil pensar os efeitos de sentido produzidos em relação aos sujeitos trans/homossexuais sem considerar os estudos de Foucault. Em sua História da Sexualidade, o autor fez um retorno ao início de nossa vivência enquanto sociedade, buscando perceber como se abordava a questão da sexualidade em diferentes civilizações e em momentos diversos. Foucault (1988) retoma a maneira como lidamos com a sexualidade, buscando compreender como tais processos foram, num primeiro momento, silenciados para, mais tarde, serem esmiuçados e controlados. O discurso sobre a sexualidade, segundo o autor, foi controlado e organizado em várias

³³ Fala de Laerte Coutinho, autora das tiras da série Muriel Total, em seu documentário “Laerte-se”, veiculado pela Netflix. Laerte-se. Documentário lançado em 19 de maio de 2017. Produzido por Eliane Brum. Direção de Lygia Barbosa da Silva. 1h41m. Disponível na Netflix.

instâncias de nossa vida, a fim de que houvesse um maior controle sobre ele. Criou-se todo um aparato a fim de regular as práticas sexuais possíveis, considerando, principalmente, sua efetivação dentro do lar, sob o jugo do casamento, da família e visando à procriação. A Igreja, por meio da confissão, a medicina, por meio do controle sobre o corpo com a justificativa da doença, foram algumas das instâncias que dominaram o discurso sobre a sexualidade, efetivando sobre os sujeitos um controle, um poder, em relação ao que podia ou não ser dito em termos de sexualidade.

Da mesma forma, foram instauradas quais eram as sexualidades “permitidas”, consideradas corretas. De forma muito minuciosa, Foucault, em seus três livros da História da Sexualidade, faz essa retomada em relação ao comportamento sexual, mostrando, por exemplo, que a prática de sexo do homem com outro homem não era vista como prática de uma sexualidade homossexual ou homoafetiva, como pensamos essas vivências na atualidade. Ele utiliza o exemplo da sociedade grega para perceber como eram efetivadas essas sexualidades, a saber: o homem tinha toda a liberdade de tomar um mancebo para se satisfazer sexualmente, mesmo sendo casado. Suas práticas sexuais com outro homem tinham uma série de regras a serem seguidas, ainda que ele tivesse maior liberdade do que mulheres e servos (FOUCAULT, 1988).

Nesse contexto, não é correto afirmar que o sexo ou os discursos sobre o sexo foram, nesse momento, silenciados, apenas. Houve, pelo contrário, uma discursivização excessiva a respeito das práticas sexuais, entretanto, com intenção de controlar tais experiências.

trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana. Daí o fato de que o ponto essencial (pelo menos, em primeira instância) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso” (FOUCAULT, 1988, p. 16).

Foucault (1988) afirma que, a partir do século XVI, houve uma “colocação do sexo em discurso”, o qual, ao invés de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetido a um crescente mecanismo de incitação. Assim, as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa,

todavia, contrariamente, foram disseminadas e implantadas as sexualidades polimorfas, de maneira que a vontade de saber sobre o sexo ganhou visibilidade, diante de um grande tabu.

filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discricção: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais (FOUCAULT, 1988, p. 21-22).

Diante disso, o que aconteceu não foi uma discursivização a respeito de todas as práticas sexuais, mas sim um controle sobre quais práticas, quando e como poderiam ser efetivadas, sob que justificativas, em que idade, com quais sujeitos, enfim, regulou-se tudo quanto foi possível sobre a sexualidade. Da mesma maneira, as práticas foram hierarquizadas, o que colocou alguns sujeitos em situações de “doença”, “loucura” para explicar determinados comportamentos. “Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram” (FOUCAULT, 1988, p. 29).

Algumas vivências sexuais foram relegadas ao espaço do “proibido”, do tabu; como já abordado, na Grécia, por exemplo, a prática de sexo entre homens era algo comum. Entretanto, não era visto esse comportamento como expressão de uma sexualidade homo ou afetividade homo. Essas relações eram reguladas, controladas, ou seja, era permitido ao homem, casado, senhor da casa e dos servos, tomar a quem quisesse para se satisfazer. Entretanto, como afirma Foucault (1983), isso não era feito à revelia, pois tal senhor deveria ter um comportamento moral impecável; acima de tudo, os gregos consideravam que não se podia ceder aos prazeres, deixando-se dominar por eles. O senhor poderia, sim, relacionar-se com um outro homem, desde que fosse mais jovem, que a relação não durasse por muitos anos, que houvesse ajuda desse homem mais velho em termos de aprendizado em relação ao mais novo. Era uma espécie de iniciação à vida pública, mas era necessário respeitar todas as regras. Dessa maneira, não se tratava de uma relação de amor, como as que vemos hoje entre pessoas do mesmo sexo (FOUCAULT, 1988).

Entretanto, as relações homossexuais, durante nossa história, foram

discursivizadas como problemáticas, doentes, perversas. O sujeito que não era heterossexual tendia a ser considerado, antes de mais nada, por sua sexualidade (e assim é até hoje), como afirma Foucault (1988).

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual porém como natureza singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada (FOUCAULT, 1983, p. 43).

Ou seja, antes de ser um sujeito, ele é um “sujeito homossexual”, o que determinaria toda a sua vida, suas práticas, sua realidade, seus gestos, condutas, enfim, tudo que diz sobre ele. Katz (1996) chama a atenção para o fato de que a heterossexualidade, como termo, foi discursivizada apenas a partir de um determinado momento de nossa história.

A heterossexualidade, afirma a nossa hipótese dominante, definitivamente não é apenas uma norma, uma visão possível do lugar do eros nas intimidades dos sexos diferentes, uma ideia que deveria ou não continuar a ser dominante na prática. Não é apenas um sistema erótico de sexo diferenciado histórico e particular. O discurso de que a heterossexualidade *simplesmente* é nega a política e a história dessa produção da verdade. Finalmente, esse discurso afirma que, como a heterossexualidade *simplesmente* é, não há nada que possamos fazer em relação a isso (KATZ, 1996, p. 184).

Nesse contexto, o sujeito homossexual ou o sujeito heterossexual são construídos por vias discursivas, a partir de determinado momento da história, com base em específicas condições de produção, o que coloca um e outro em diferentes lugares sociais, culturais e históricos. Há, a partir disso, uma produção da “verdade” sobre os comportamentos sexuais, que tenta naturalizá-los, conseqüentemente, produzindo exclusões, inclusões, respeito, desrespeito, direitos ou não direitos. Isso porque os discursos sobre as sexualidades apresentam, em seu conjunto, uma hierarquização dessas práticas, o que é baseado em vários conceitos, por exemplo: procriação, pecado, crime, perversidade, entre outros sentidos que são mobilizados.

Não haveria um motivo para a divisão hetero/homo se os heteros não estivessem acima dos homos em uma hierarquia social de prazeres superiores e inferiores. Se os homossexuais conquistassem a igualdade social com os heterossexuais, não haveria um motivo para distingui-los. A distinção homossexual/heterossexual cairia em desuso, do mesmo modo como foi um dia inventada (KATZ, 1996, p. 189).

Tais divisões, de acordo com o autor, consideram como base que a sexualidade é algo estático, não fluido, de maneira que nos orientaríamos naturalmente para o sexo oposto, como uma ordem divina, um instinto. Entretanto, de acordo com esse e outros teóricos, aos quais nos filiamos, as vivências sexuais são fluidas, dinâmicas e, de forma alguma, manter-se-iam sempre as mesmas durante toda a vida. Pior do que isso é a categorização, a hierarquização feita entre uma sexualidade e outra, como se houvesse, dessa forma, uma melhor do que a outra. Esse tipo de discurso fomenta preconceito, exclusão, negação a direitos, agressões físicas, verbais, emocionais e, quase sempre, morte.

Somente a extrema arrogância do olhar heterossexualizador nos permite ver a divisão hetero/homo da sociedade ocidental moderna como baseada na biologia, na natureza ou na evolução, e as categorias, os sexos e os prazeres de outros tempos como construções superficiais. A ideia de que a biologia determinou a nossa heterossexualidade e homossexualidade historicamente particulares é infundada e nega as diferenças (KATZ, 1996, p. 191).

Ademais, segundo o mesmo autor, a heterossexualidade é um discurso construído pela medicina, pela religião, pelas instâncias estatais de direito, ou seja, não há nada de biológico, determinado, instintivo ou natural nisso. Também, é preciso questionar quais os motivos de a heterossexualidade ser considerada a vivência sexual “modelo”, diante de uma infinidade de possibilidades que se apresentam em outras sexualidades. Katz (1996) chama a atenção para o fato de que, contrariamente ao que se pensa, essa divisão heterossexual/homossexual não está na natureza, na biologia, mas sim é construída de forma social, portanto, pode ser desconstruída. “Com a abolição da escravatura, as relações de domínio indicadas pelos termos *senhor* e *escravo* perderam a sua proeminência imediata e pouco a pouco se tornaram arcaicas, embora o racismo continue a existir” (KATZ, 1996, p. 191).

Nesse contexto, considerando que as práticas sexuais foram discursivizadas dessa ou daquela maneira, Foucault (1983) chama a atenção para o fato de que há

uma “implantação” de perversões a respeito das práticas sexuais. De um lado, a medicina, com as ciências biológicas e psi (Psicologia, Psiquiatria...), pratica uma nomeação das vivências sexuais como perversas, doentes, erradas, ou seja, que precisam de “cura”; de outro lado, a religião ensina que a prática sexual não heterossexual é considerada pecado, vergonha, erro, de maneira que não deve ser efetivada. Também, o discurso jurídico resgata “verdades” sobre as práticas sexuais não heterossexuais, colocando a homossexualidade, o hermafroditismo, por exemplo, como passíveis de punição. Bento e Pelúcio (2012) afirmam:

As performances de gênero, a sexualidade e a subjetividade são níveis constitutivos da identidade do sujeito que se apresentam colados uns aos outros. O masculino e o feminino só se encontram por intermédio da complementaridade da heterossexualidade. Quando há qualquer nível de deslocamento, deve haver uma intervenção especializada, principalmente de algum especialista nas ciências psi, para restabelecer a ordem e a “coerência” entre corpo, gênero e sexualidade. É esse mapa que fornecerá as bases fundamentais para a construção do diagnóstico de gênero (BENTO e PELÚCIO, 2012, p. 571).

Essas são “Memórias” construídas em torno da sexualidade homo/trans, de maneira que há uma dicotomia centro/margem quando se pensa tais vivências. As vivências que não são heterossexuais são consideradas à margem, são “patologias”, são passíveis de cura; e assim permanecem na sociedade, seja como pecadores, depravados, criminosos, doentes ou loucos. São os chamados “anormais”, “não naturais”, “desviantes”. Diante disso, as possibilidades de vivências sexuais para além da heterossexualidade foram colocadas em lugar de exclusão, sendo, em sua maioria, relegadas aos “cantos” da sociedade, de onde não devem sair. Uma dessas vivências é a transgeneridade, sobre a qual abordaremos na próxima subseção.

4.1.1 Sujeito trans – transformar para se enquadrar

Começamos essa subseção, citando Foucault (1983): “A implantação das perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas” (FOUCAULT, 1983, p. 48). Assim, o autor mostra como a sexualidade, ao longo do século XIX, situa-se inscrita em dois registros diversos, a saber, a biologia da

reprodução, baseada na ciência geral, e a medicina do sexo obediente “a regras de origens inteiramente diversas” (FOUCAULT, 1983, p. 54-55). Por meio de um discurso baseado na prevenção a doenças, no controle da biologia, as sexualidades, para além da heterossexual, foram condenadas como problemáticas, consideradas erradas, criminosas e antinaturais. Uma dessas vivências é a transgeneridade, aqui, considerada como um termo guarda-chuva para todas as possibilidades de experiência sexual, que transcendem a heteronormativa (LANZ, 2015).

O sujeito trans, aqui, transgênero, transexual, travesti, enfim, histórica e socialmente, enfrenta preconceitos para efetivar sua vivência. Como já abordamos em outro momento deste texto, o desejo sexual não está vinculado, automaticamente, à identidade de gênero, tampouco ao sexo genital. Essa congruência (sexo-identidade de gênero-heterossexualidade) é pregada como verdade, natural, instintiva, entretanto, isso não se efetiva de forma completa, fechada para todas as pessoas, o que só prova, mais e mais, que tal “instinto” não é absoluto, que tal “verdade” pode ser questionada. Para os adeptos da vivência heteronormativa, cisgênera, heterossexual, qualquer vivência, para além disso, é percebida como problema, doente, pecado, crime. Isso porque a pessoa trans resiste, burla e transgride uma importante regra: o “dispositivo binário de gênero”.

Dessa maneira, Bento (2008) ressalta que, para ser uma mulher, de acordo com a discursivização do dispositivo binário de gênero, é necessário ter uma vagina, gostar de homens (sexo oposto), bem como comportar-se como uma mulher: ser frágil, delicada, passiva, doce, meiga, submissa, mãe, prestativa, amorosa etc. Esses sentidos são resgatados, considerando essa Formação Discursiva, todas as vezes que pensamos na figura de uma mulher. Da mesma forma, há uma ideia pré-concebida de como deve ser o homem, para essa FD: ter um pênis, ser forte, viril, sexualizado, líder, não chorar, não cuidar dos outros, gostar de mulheres (sexo oposto). As pessoas trans, nesse caso, estariam incongruentes a esse dispositivo, pois, ao não se identificarem com o gênero que lhes foi imputado ao nascer, baseado em seu genital, estariam resistindo a uma “norma”, a uma “verdade” universal, sagrada, natural, instintiva.

Observemos a Sequência Discursiva Imagética 8 para perceber o funcionamento dos sentidos em relação ao Dispositivo Binário de Gênero:



FIGURA 8 - Sequência Discursiva Imagética 8

Na referida SDI8, Muriel, após ter sido assassinada por transfóbicos, vai para o céu (Nosso Lar, como na doutrina espírita kardecista); o outro personagem, que conversa com ela, veste branco, o que remete ao imaginário de que, no céu, as vestimentas são de cores claras, confortáveis e largas. Essa representação está calcada no imaginário social, veiculado por filmes e outras obras que mostram os personagens mortos, em outro plano, no céu, enfim, vestidos com roupas de cores claras e largas. Na conversa, Muriel é chamada a reencarnar, pois diz que **“é horrível ficar aqui sem poder fazer nada!”**, em relação à perseguição e ódio contra aqueles que são considerados “diferentes”. Isso pode ser percebido no segundo quadrinho, em que são desenhadas essas pessoas “diferentes”, com formas diversas, tamanhos de corpos diferenciados, cabelos e roupas que são considerados fora do padrão para a FD Binarista de Gênero. Ela diz que quer reencarnar; faz uma expressão de alegria, com os braços levantados para o ar, em sinal de empolgação por conta da nova possibilidade. Mas, em seguida, o espírito que a acompanha ergue duas roupinhas, uma rosa e outra azul, e pergunta: **“Menino ou menina?”** ao que ela responde: **“Só tem isso?”** A insatisfação de Muriel é percebida pela falta de possibilidades que o Dispositivo Binário de Gênero apresenta. Sua expressão facial e corporal remete a um desinteresse, de quem não se anima diante de tão poucas opções. As cores rosa e azul representam os gêneros feminino e masculino, respectivamente, em que temos que “caber”, nos adequar, de acordo com essa FD Binarista de gênero. Só ha duas possibilidades. Essa desidentificação de Muriel em relação a esses sentidos é uma das regularidades percebidas em nosso *corpus*. Ademais, tal norma invisibiliza as outras vivências, diante de apenas duas: menino ou menina; mulher ou homem. Entretanto, não é apenas isso que existe; mesmo com todo o funcionamento desse discurso, que nos aponta tais práticas como únicas, possíveis, normais, corretas, há

furos, falhas no funcionamento discursivo da ideologia, o que permite a existência de vivências outras, para além dessas duas. “[...] nos processos discursivos há sempre “furos”, falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência. Os discursos - onde se articulam sistemas significantes e ideologia - não são máquinas discursivas perfeitas” (ORLANDI, 2017, p. 213-214). Dessa forma, o sujeito trans se faz “possível”, pois não se vincula à FD do dispositivo binário de gênero, não se vincula à Memória Discursiva resgatada para esse sujeito trans, mas sim efetiva-se na resistência a tais normas, ao mesmo tempo em que também tenta se enquadrar no processo discursivo dessa norma. É um processo que imbrica tentativa de enquadramento/resistência.

A grande “barreira” para tais sujeitos, os trans, seria, então, o corpo. Se nasci com uma vagina, mas não me identifico com o comportamento vinculado a esse sexo, posso “produzir” um corpo que esteja adequado/enquadrado.

Consideremos a Sequência Discursiva Imagética 9 para perceber o funcionamento dos sentidos em relação às modificações corporais ou hormonizações efetivadas por muitas pessoas trans:



FIGURA 9 - Sequência Discursiva Imagética 9

Para que o corpo deixe de ser um “problema”, as pessoas trans podem recorrer a diversos processos e modificá-lo: hormonização para diminuir pelos, aumentar pelos, retirar seios ou colocar próteses de silicone, formular curvas, fazer academia para ganhar músculos, perucas, deixar o cabelo crescer, cortar o cabelo, fazer cirurgia para retirar o “pomo de adão” ou modificar nariz, mandíbula, enfim, uma infinidade de procedimentos que permitem o “enquadramento” ao gênero que se quer performar. Muriel, na SDI9, vivencia um processo de hormonização, que lhe produz várias consequências. Essas consequências são representadas por uma montanha-russa, de maneira que há altos e baixos, assim como na brincadeira dos parques de diversão.

O processo de harmonização que Muriel vivencia produz altos e baixos, representados pela subida e descida da montanha-russa. Esse recurso também é utilizado em músicas e outras produções artísticas, a fim de vincular o sentido de viver muitas mudanças com um passeio em uma montanha-russa. Inclusive, quando feito sem acompanhamento médico, pode até gerar doenças e diversas complicações. Dessa forma:

Como sabemos nem os sujeitos, nem os corpos, pensando-se a significação, são evidentes. Ainda é sempre a opacidade, a não transparência da linguagem, que se apresenta quando pensamos discursivamente. Ou, dito de outra forma, o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. O que redundava em dizer que, assim como as nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado (ORLANDI, 2017, p. 92).

Diante disso, afirma-se que o corpo “fala”, discursiviza, para além das práticas e performances de seu gênero. É no corpo que estão instaurados os procedimentos de construção dessa “verdade” do gênero, baseada no Dispositivo Binário de Gênero (já explicado no decorrer desta tese). Bento (2008) ressalta:

A mulher transexual demandaria uma vagina para receber o pênis e o homem transexual só teria sua masculinidade garantida com a produção de um pênis. Se a mulher é passiva, emotiva, frágil, dependente, e se o homem é ativo, racional, competitivo, logo se esperará que as mulheres e os homens transexuais implementem este padrão. Estas convenções orientam os médicos e os profissionais da saúde mental quando se aproximam das pessoas transexuais (BENTO, 2008, p. 21).

Constrói-se, dessa forma, o corpo para estar adequado a essa norma; performa-se o gênero também dentro dessa FD, a fim de se estar “enquadrado”, ser aceito, considerado, amado, respeitado, visto. Lanz (2015, p. 41) afirma que o gênero, além de ser uma performance, é uma instituição jurídica que dá suporte “a todo o arcabouço sociopolítico e cultural da sociedade. E juridicamente, como sabemos, só existem duas categorias de gênero – homem e mulher, ou masculino e feminino.” Assim, quando uma pessoa nasce, por meio da inscrição jurídica, que é a Certidão de Nascimento, enquadra-se o sujeito em uma das duas possibilidades: macho/fêmea.

Diante disso, a pessoa trans nem mesmo teria “validade” jurídica, por estar no entremeio dessas duas possibilidades ou para além delas.

Para validar esse sujeito, é preciso recorrer à medicina, com cirurgias, hormonização, ou seja, intervenções de um “profissional habilitado”, que, somente assim, irão autenticar esse sujeito como “verdadeiro”. Da mesma forma, habilita-se todo o aparato de performance de gênero para se enquadrar no que é ser uma/um “mulher/homem de verdade”, já que o corpo com o qual se nasceu não valida isso. Recorre-se ao aparato científico para estar adequado. Também, há o aparato jurídico, que valida essa performance de gênero, aceitando a modificação do nome e do gênero nos documentos pessoais.

Atualmente, para recorrer a esse processo, há suportes do Sistema Único de Saúde (no Brasil) e em vários países. Isso já é uma prática: para validar o corpo trans, é preciso produzir interferências nele, a fim de que se adeque ao Dispositivo Binário de Gênero. Apesar de haver já uma facilidade jurídica em relação à mudança de nome, ainda é necessário passar por uma medicinalização do corpo, seja nas ciências PSI ou na medicina tradicional, para “validar” seu gênero. Essa FD baseia a performance de gênero no corpo do sujeito, que precisa, nesse caso, ser modificado, mas, acima de tudo, adequado ao gênero. É daí que vêm as afirmações variadas, elencadas por pessoas trans, quando afirmam que “nasceram no corpo errado” (BENTO, 2008/2017/LANZ, 2015).

Consideremos as seguintes Sequências Discursivas Imagéticas, 10 e 11, para observar os efeitos de sentido sobre “ser mulher”:



FIGURA 10 - Sequência Discursiva Imagética 10



FIGURA 11 - Sequência Discursiva Imagética 11

As SDI10 mostra um homem, que vai à procura de ajuda psicológica porque tem desejo de se transformar em uma mulher. Ele busca Beth, ex-namorada de Hugo, agora Muriel, pois ela é psicanalista e pode ajudar a resolver o seu “problema”. No consultório, ele mostra uma revista, em cuja capa há uma mulher maravilhosa, cheia de curvas, vestindo lingerie. Seria a Gisele (em alusão à übermodel Gisele Bündchen). A psicanalista pergunta qual seria o impedimento para ele se tornar uma mulher; a tira apresenta, como personagem, um homem muito grande, alto, corpulento, com feições agressivas, que, em nada, lembrariam as características consideradas para uma mulher: delicadeza, leveza, meiguice, curvas. Ele questiona, mostrando a revista: **“Eu pareço mulher? Pareço com...com...isto?”** – o quadrinho seguinte mostra a capa com a maravilhosa Gisele. Em seguida, aparece a Dra. Beth, frente à capa da revista, que em nada se compara, também, à maravilhosa Gisele. Os efeitos de sentido produzidos por essa SDI10 chamam a atenção para o fato de que, para essa FD, “ser mulher” não compreende apenas o ser em si, mas ser um tipo específico de mulher, no caso, magra, alta, loira, com curvas, feminina, produzida, linda, malhada, seios fartos, bumbum grande. Ou seja, não apenas o sujeito trans quer ser uma mulher, mas quer, muito mais, ser uma mulher “de verdade”.

Se a diferença não está fundamentalmente na forma como se vive individualmente o gênero, pois no campo da subjetividade vamos encontrar uma gama de respostas que são articuladas como desdobramentos de vivências pessoais, tampouco se podem ancorar nas performances de gênero esta resposta, pois ambas as experiências identitárias negociam e transitam na ordem de gênero, sendo incorreto afirmar que uma está mais próxima da “mulher de verdade”, pois a própria “mulher de verdade” carece de originalidade (BENTO, 2006, p. 76-77).

Entretanto, como a própria SDI10 apresenta, ser uma mulher, nesses moldes,

não é muito fácil nem para quem nasceu com o sexo genital vagina. A construção do corpo dentro de um parâmetro, que considera uma FD específica, é uma imposição de prática para todas as mulheres, além das mulheres trans. Estar enquadrado no modelo de Gisele é um desafio para todas as mulheres. Esse é o trabalho que o Dispositivo Binário de Gênero, juntamente com outros discursos extremistas, faz ao impor que, para ser mulher, é preciso, por exemplo, ser mãe/bonita/magra/doce/meiga/passiva/loira/seios fartos/bumbum grande/corpo malhado de academia. É por isso que muitas mulheres vivem transtornos de alimentação, paranoias com seus corpos, tentando se enquadrar em um tipo específico de “ser mulher” que não é possível para todas, pois demanda um aparato de profissionais (cirurgias, dietas, malhação) que nem todos podem ter. Ao fazer modificações em seus corpos, o sujeito trans, nesse caso, transgride a norma de gênero, mas, paradoxalmente, tenta se enquadrar nela (em seus extremos).

A SDI11 mostra o personagem referido, enfurecido, indo até a casa de Gisele, pois quer ser igual a ela. Entretanto, ao chamá-la, ela abre a porta e, ironicamente, não se parece em nada com o que está na revista. Poderíamos afirmar, assim, baseado nos efeitos de sentido produzidos, que nem Gisele é Gisele. Não o tempo todo. Isso porque, para ser aquela Gisele, ela precisa de maquiagem, produção de cabelo, a roupa certa, a luz certa, poses sensuais e isso não é possível 24 horas por dia, todos os dias. Aquela Gisele nada mais é do que uma “imagem” do que uma mulher pode ser, com todo esse aparato que produz esse corpo, dessa mulher específica. A Gisele mãe, esposa, filha, irmã, amiga não conseguiria ser a *übermodel* da capa, 24 horas por dia. Assim, os efeitos de sentido produzidos nos chamam a atenção para o fato de que a norma, o modelo de gênero para homem ou mulher não pode ser performado em sua totalidade, o tempo todo, pois seria impossível. Mesmo ao transformar seus corpos, os sujeitos trans não conseguirão adequar suas expectativas de gênero em 100% dentro daquela performance, 24 horas por dia, pois isso é humanamente impossível.

Lanz (2015, p.126) ressalta:

É sabido que, em nome de obter e manter a conformidade com os estereótipos de gênero, a pessoa transgênera empreende uma jornada frenética em busca de mudanças corporais através de terapia de reposição hormonal, cirurgias plásticas estéticas e cirurgia de reaparelhamento genital. Sendo o corpo um espaço totalmente pessoal e intransferível, essas mudanças são plenamente legítimas, embora o caráter corretivo em que são realizadas denuncie o sentimento geral de inadequação – e, portanto, neurótico – da pessoa em relação aos estereótipos do gênero com o qual ela se identifica.

Para essa autora, ao tentar se enquadrar dentro do “modelo” considerado por essa FD, a pessoa trans não estaria, em nada, transgredindo a norma; trata-se, como já apresentamos, de um paradoxo, pois, ao efetivar mudanças corporais, a pessoa trans não está aceitando a imposição que lhe foi feita. Todavia, ao alterar seu corpo, buscando como modelo “a mulher/homem de verdade”, em nada estaria alterando a ordem social vigente, o que faria do sujeito trans apenas mais um reprodutor dessas normas tão exclusoras e, por vezes, assassinas. O sujeito trans, dessa forma, estaria apenas tentando se filiar ao discurso dominante, que impõe determinadas características para um e outro gênero, de acordo com esse ou aquele genital.

4.1.2 Sujeito trans – corpos que resistem

Haveria apenas uma forma de vivência da transgeneridade? Seria possível se definir como “trans” e não modificar nada no corpo? Não fazer cirurgia alguma? Não efetivar modificações? Os sentidos possíveis para o sujeito trans seriam infinitos. Isso porque, apesar de uma tentativa médica de produzir um “transexual de verdade”, os discursos mobilizados, principalmente nos espaços de militância, apresentam, sim, possibilidades diversas para a vivência trans.

Em se tratando de identidade de gênero, é possível, sim, que a pessoa troque de identidade quantas vezes quiser ao longo da vida. É como o ator, que vive inúmeras personagens, sem deixar de ser ele mesmo. Identidade de gênero não é um dado inflexível e imutável, mas um dado absolutamente fluido (LANZ, 2015, p. 223).

Diante disso, as vivências tanto de identidade de gênero quanto de sexualidades (orientação, por exemplo) seriam fluidas, dinâmicas, nada fixas. Para essa FD, a vivência trans é uma resistência, uma transgressão à norma binária de gênero; ela coloca o sujeito trans no centro de seu mundo, retirando-o da margem a

que foi relegado. Esse discurso baseia-se nos estudos da teoria *queer*, que possibilita a inversão do olhar negativo, transformando-o em positivo. Uma ofensa, nesse caso, “viado”, por exemplo, foi ressignificada para se tornar uma definição, uma nomenclatura, uma nomeação de orgulho dentro dessa FD. Não seriam mais, as pessoas trans, criminosas, pecadoras, pervertidas, doentes, anormais, erradas, nascidas em “corpos errados”, mas sim haveria a necessidade de desconstruir os discursos efetivados por essa norma, por esse dispositivo. Diante disso, não seriam os corpos os errados, tampouco as performances desse ou daquele gênero, porém, seria errada a imposição de uma norma tão excludente quanto o Dispositivo Binário de Gênero.

Politização é a capacidade de o sujeito sair do concreto vivido para uma abstração onde percebe que sua condição de excluído não está em uma característica individual, mas nas articulações de poder que o produzem como ser anormal. Ele passa a perceber que enquanto as normas de gênero não forem questionadas, os discursos hegemônicos localizados nas instituições continuarão seu trabalho de produção de seres abjetos (BENTO, 2008, p. 78).

A transgressão, nesse caso, seria uma resistência, uma força contrária a toda essa imposição imperceptível do funcionamento ideológico.

As experiências que constituem a travestilidade têm na transformação do corpo e do gênero um fator que desestabiliza a ordem binária dos sexos. O fato de estarem subvertendo uma ordem tida como natural e, por isso, tomada como “normal”, tende a tornar suas vidas inabitáveis. Assim, é pela força da exclusão que elas têm se constituído (SILVA, 2007, p. 34).

Obviamente, esse sujeito trans, que desafia a norma, sofre mais do que aquele que tenta se adequar a ela; relembramos o conceito de “passabilidade”, aqui, pois, ao adequar seu corpo “errado” às normas impostas para cada gênero, o sujeito trans tenta “passar” por mulher/homem, nos moldes impostos. Quanto mais “passabilidade”, menos exclusão, sofrimento, preconceito, desrespeito. Quanto menos “passabilidade”, mais sofrimento, exclusão, desrespeito e preconceito. A “passabilidade”, inclusive, seria considerada como uma forma de proteção, para muitas pessoas trans (LANZ, 2015).

Junior (2008), em sua tese de doutorado, fez toda uma retrospectiva, minuciosa, para demonstrar a visão a respeito do sujeito trans na história e os sentidos

que estão colados a ele, os discursos que são mobilizados. O autor inicia usando o termo hermafrodita, para, mais além, considerar os sujeitos transgêneros. O que não pode deixar de ser considerado é que, assim como os outros autores que, aqui, utilizamos, Junior (2008) chama a atenção para o fato de que a categoria “hermafrodita/transexual/transgênero” foi construída como pessoa “pecadora/doente/errada”, ou seja, a mera transgressão à norma de gênero colocou essas pessoas num lugar em que os discursos as diminuem, são pejorativos e excludentes.

O antigo monstro síntese da punição contra os desvios sexuais (troca de gênero e seus papéis culturais, incesto, blasfêmia, interação erótica entre pessoas do mesmo sexo, classe social ou “natureza” – como animais ou demônios), sofre uma dessacralização pela moderna medicina e passa a representar o novo paradigma da completa diferenciação dos corpos e gêneros masculino e feminino. O hermafrodita é um ser intermediário, a incômoda ambiguidade sexual que clama por resolução para se conseguir romper definitivamente com (sic) o antigo conceito de apenas um corpo com dois gêneros e o possível *continuum* entre eles (JUNIOR, 2008, p. 60).

O autor apresenta como, pelo discurso médico, religioso, científico, a visão da pessoa “hermafrodita” foi construída sob um véu de mistério, magia e, conseqüentemente, medo. Por isso, justifica-se a recorrência de nomear tais pessoas como “monstros”. Infelizmente, na atualidade, como prova Vieira Junior (2018), os sujeitos trans ainda são intitulados como abjetos, monstros, aberrações. Esse não lugar continua sendo relegado às pessoas trans, portanto, muitas deixam de se filiar à FD do Dispositivo Binário de Gênero e buscam maior aceitação, resistência na militância pela causa, o que as coloca contrárias a essa norma, em outra FD.

Consideremos a Sequência Discursiva Imagética 12, a fim de que possamos observar os efeitos de sentido produzidos sobre a necessidade de se definir:



FIGURA 12 - Sequência Discursiva Imagética 12

Na SDI12, discute-se a necessidade de não se enquadrar; considera-se a possibilidade de uma expressão de gênero e sexualidade mais fluidas. Muriel não quer ser isso ou aquilo; ela quer ter a possibilidade de descobrir, variar, fluir, contrariar, transgredir, ultrapassar as normas. A definição, nesse caso, engessaria a vivência, pois, se me defino como “isso ou aquilo”, preciso experienciar apenas aquilo que é “permitido”. Assim: “Transgênero não é uma categoria identitária de gênero, mas a condição sociopolítica-cultural do indivíduo que transgredir o dispositivo binário de gênero, ou seja, que se desvia das normas oficiais de conduta de gênero, - homem/mulher ou masculino/feminino” (LANZ, 2015, p. 70). As definições, nesse caso, engessam porque, ao enunciar algo, deixamos de afirmar outras coisas. Muriel parece querer estar além das definições, como uma transgressora de toda essa norma.

Pensemos na Sequência Discursiva Imagética 13 para observar os efeitos de sentido produzidos em relação à expressão “verdadeira mulher”:



FIGURA 13 - Sequência Discursiva Imagética 13

Na SDI13, Muriel é interpelada por uma personagem que diz: “**Desista, querida! Você não é uma verdadeira mulher!**” A discussão sobre ser ou não ser uma verdadeira mulher volta à tona, mas Muriel faz movimentos com a mão e diz:

“Faça comigo”. A personagem fica tentando imitar os movimentos, mas não consegue e diz: “Não consigo!” ao que Muriel responde: “Tudo bem, querida... **você não é uma verdadeira Muriel!**”. Aqui, temos a inversão de um discurso ofensivo, que é, constantemente, reiterado, para mobilizar uma memória sobre o sujeito trans, na qual ele não seria “verdadeiro” homem/mulher. Muriel inverte os papéis, afirmando que a personagem não consegue ser uma “verdadeira Muriel”, colocando-se em vantagem diante da ofensa que a outra tentou lhe direcionar.

São múltiplas as violências cometidas contra as pessoas transexuais. A patologização da experiência talvez seja a mais cruel, pois irradia a convicção de que são pessoas inferiores. Cruzar os limites dos gêneros é colocar-se em uma posição de risco. Quando se afirma que existe uma norma de gênero, deve se pensar em regras, leis, interdições e punições (BENTO, 2006, p. 163).

A tentativa de abjetar os sujeitos trans é uma realidade. Essa visão surge da transgressão efetivada por esses sujeitos. Por que se vestir assim? Por que querer respeito? Sair do gueto e desejar um trabalho? Por que querer um nome? Você já não tem um? Contentar-se com o que lhe foi imposto seria mais fácil, entretanto, tais sujeitos resistem, por meio de suas performances de gênero, em suas práticas diárias, em seus atos mínimos do dia a dia. Orlandi (2017, p. 93) afirma:

O corpo do sujeito é, nas condições sócio-históricas em que vivemos, parte do corpo social tal como ele está significado na história. Isto quer dizer, entre outras coisas, que o sujeito relaciona-se com o seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza. No entanto, sempre há a incompletude, a falha, o possível. E os sentidos, como tenho repetido, sempre podem ser outros.

A autora ressalta, ademais, que os corpos dos sujeitos não falam, eles significam (ORLANDI, 2017). Diante disso, mesmo sem efetivar modificações em seus corpos, esses sujeitos estariam resistindo, pois transgridem a norma de gênero, não se identificando mais com aquela FD que os coloca como errados, doentes, anormais. Não se vinculam, dessa forma, à Memória Discursiva que é mobilizada quando se fala deles; aquela FD não os representa, pois se percebem como transcendentem a esse dispositivo normativo e exclusor. Ao não efetivar mudanças de ordem cirúrgica ou hormonal em seus corpos, resistem, pois estão negando que o corpo é que define o gênero.

Bento e Pelúcio (2012, p. 577) afirmam:

O silêncio diante de uma produção e reprodução de uma cidadania precária e deficitária, intencionalmente implementada pelo Estado, nos retira da posição de vítimas para a de cúmplices. Concordar que o gênero continue sendo diagnosticado, em vez de questionado, é permitir que os seres construídos como abjetos devam continuar habitando as margens do Estado.

Ou seja, ao concordar com as modificações corporais, para se enquadrar a um gênero definido pela medicina, baseada no genital, estaríamos relegando as pessoas que não se identificam com essas definições a esse lugar de abjeção, ofensa, doença, pecado, crime.

a memória que se estabiliza sobre qualquer manifestação que não seja a heterossexual, isto é, a sexualidade hegemônica, se relaciona, imediatamente, à doença, ao desvio, ao erro, à falta de vergonha, à escolha, ao pecado. Resistir a essas associações é da ordem de uma luta sem intervalo, porque a todo e qualquer instante é necessário (com)provar que, apesar de ser homossexual, pode-se ser, também, bom aluno, bom filho, honesto, não ser pervertido, não ser pedófilo, não ser um doente; essas afirmações aparecem nos discursos sobre a homossexualidade, seja na forma de negação, seja na produção de sentido estabilizado. Essa é a memória que nunca esquece, essa é a memória sobre a qual é preciso resistir constantemente: realizar a dissociação de tudo aquilo que nos parece sempre-lá (SOARES, 2015, p. 22).

Diante disso, ao negar essa Memória e esse lugar (ou não lugar), o sujeito trans, nessa FD, estaria resistindo a um discurso hegemônico, que mobiliza uma memória dominante sobre ele. Soares (2015, p. 34-35) ainda afirma que tal Memória, sobre a qual não se resiste se (re)instala “nos discursos religiosos-pentecostais atravessados por aqueles sentidos médicos e legais dos séculos passados. Essa FD religiosa guarda um resíduo de outras FDs sobre a homossexualidade e faz reverberar, ainda que ressignificados, velhos dizeres sobre o sexo e a sexualidade não hegemônica”. Tais discursos colocam o sujeito homo/trans à margem da sociedade, de maneira que a ele só resta resistir, com seu corpo, sua vida, sua performatividade de gênero.

Na próxima seção, abordamos outros efeitos de sentido que são mobilizados sobre o sujeito trans, nas tiras de Muriel Total.

5 “BICHA ESTRANHA, LOUCA, PRETA, DA FAVELA”³⁴

*“Ques bicha estranha, ensandecida
Arrombada, pervertida
Elas tomba, fecha, causa
Ela é muita lacração”
Linn da Quebrada*

Nesta seção, abordamos outros efeitos de sentido produzidos nas tiras de Muriel Total, de maneira que os gestos de leitura nos possibilitaram perceber as Memórias mobilizadas sobre os sujeitos trans, bem como os discursos que são veiculados a respeito deles.

5.1 TRAVECO, VIADO, BICHA E OUTROS

Iniciamos apresentando a seguinte Sequência Discursiva Imagética:



FIGURA 14 - Sequência Discursiva Imagética 14

A Sequência Discursiva Imagética 14 remete ao conceito de FD, tendo em vista o comentário efetivado pelo personagem representado como policial. A postura desse personagem em relação às travestis, na tira, é de agressão. Ele ergue o cacetete e as coloca dentro do camburão, na parte de trás. Isso se reporta à Memória sobre esses sujeitos: a marginalidade, criminalidade, a pecha negativa que envolve, também, a prostituição. Isso foi discutido no texto de Silva (2017), em que apresenta, por meio da análise de notícias divulgadas em um portal de jornalismo, os sentidos mobilizados a respeito desse sujeito, a travesti. Diferentemente dos demais sujeitos, que são inocentes até que se prove o contrário, as travestis são culpadas, até que se prove o

³⁴ Música de Linn da Quebrada, cantora trans: “Bixa Preta”.

contrário. Ao falar com Muriel, sua expressão está mais suave. Muriel apresenta feições raivosas, aponta o dedo para o policial, ao falar com ele, o que demonstra sua indignação por ter sido separada de seu grupo, como “diferente”. Muriel pode colocar o dedo “na cara” do policial, o que é um gesto de afronta, justamente por ser considerada “diferente”; ela não foi tratada como as outras travestis, mas ela também não se porta como as outras, ao enfiar o dedo na cara do policial, em claro questionamento em relação à conduta dele. De seu lugar, Muriel pode dar de dedo na cara do policial, o que não se concretiza em relação às outras travestis. E mais, já dizia Butler (2018) que os corpos, o gênero e a sexualidade são mediados pelas práticas discursivas. O que o termo “traveca” determina? Quem enuncia tais discursos em relação às pessoas trans? Por que Muriel é considerada, pelo policial, como “diferente”? O que seria ser “diferente” em relação às pessoas trans? Ferreira (2013, p. 78) afirma:

Para a análise do discurso o corpo surge estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. Mais do que objeto teórico o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível.

Esse corpo, de acordo com Ferreira (2013), não sendo apenas biológico, efetiva-se como um discurso, com todos os elementos que o compõem, que o determinam, com seu gênero, sua história, sua cultura, sua classe social. Ora, não se trata de um sujeito homem, visto que está vestindo roupas de mulher. Entretanto, não se trata de uma “traveca”, visto que é um corpo branco, de classe média alta, por isso, é diferente. Para pensar em tais conceitos, consideremos a definição de Kulick (2008)³⁵, em relação às travestis:

³⁵ Sociólogo que estudou as travestis moradoras de Salvador, Bahia, Brasil.

O termo 'travesti' deriva do verbo 'tranvestir', que pode ter o sentido de vestir roupas do sexo oposto (ou cross-dress, em inglês). Porém, as travestis não se caracterizam apenas por usar roupas de mulher. A principal característica das travestis de Salvador, e de todo o Brasil, é que elas adotam nomes femininos, pronomes de tratamento femininos, além de consumirem grande quantidade de hormônios femininos e pagarem para que outras travestis injetem até vinte litros de silicone industrial em seus corpos, com o objetivo de adquirir aparência física feminina, com seios, quadris largos, coxas grossas e, o mais importante, bundas grandes. A despeito de todas essas informações, muitas das quais irreversíveis, as travestis não se definem como mulheres. Isto é, apesar de viverem o tempo todo vestidas como mulher, referindo-se umas às outras por nomes femininos, e sofrendo dores atrozes para adquirir formas femininas, as travestis não desejam extrair o pênis e não pensam em 'ser' mulher. Elas não são transexuais. Ao contrário, afirmam elas, são homossexuais – homens que desejam outros homens ardentemente (KULICK, 2008, p. 21-22).

Ora, considerando essa definição, as travestis (brasileiras, no caso) seriam uma "categoria" de sexualidade, não existente em nenhum outro lugar do mundo. A definição oferecida pelo autor chama a atenção para o fato de que são pessoas que se travestem, principalmente para a prostituição. Essas pessoas, não raro, tendem a entrar em contato com o mundo policial, com a drogadição, com o submundo, morando em pensionatos e locais nem sempre considerados de grande prestígio. Elas prostituem-se para ganhar a vida, pois muitas sequer tiveram a possibilidade de estudar ou formar-se profissionalmente em outras áreas, tendo, em sua grande maioria, sido expulsas de casa ainda muito jovens.

Não é difícil ouvir o termo "Traveca" por aí. Assim como outras palavras, esse termo carrega um efeito de sentido negativo, pejorativo, agressivo, tendo em vista que é, na maioria das FDs, sempre utilizado para se referenciar às pessoas trans que ganham dinheiro por meio da prostituição. É, ademais, uma maneira de desqualificar a pessoa, como se ela estivesse apenas tentando ser uma mulher; seria um arremedo, na verdade. Os policiais, por muitas vezes, não recebendo o devido treinamento, e sem ter o mínimo de empatia, maltratam as travestis, como evidencia Kulick (2008):

Essa maioria – que muitos brasileiros veem apenas de relance, à noite, em pé ao longo de avenidas e nas esquinas mal iluminadas ou nas páginas policiais – forma um dos grupos mais marginalizados, temidos e menosprezados da sociedade brasileira. Em quase todas as cidades, incluindo Salvador, travestis são de tal forma discriminadas que muitas evitam aventurar-se nas ruas durante o dia. Elas são vítimas frequentes de violência policial e de assassinatos. A maioria é proveniente de famílias muito pobres. Muitas continuam pobres por toda a vida, levando uma existência miserável, morrendo antes dos 50 anos, em virtude da violência, do uso de drogas, de problemas de saúde relacionados a aplicações de silicone ou, em número cada vez maior, em decorrência da síndrome de imunodeficiência adquirida (KULICK, 2008, p. 240).

Assim, o termo “traveco” ou até “traveca” é usado para desqualificar, é um xingamento, uma pecha pouco feliz de ser atribuída a uma pessoa trans. A despeito de outras palavras, que também evidenciam o sufixo “eco” como diminutivo, usado pejorativamente ou para ofender (jornaleco, timeco, livreco, entre outros)³⁶, o termo “traveco” é recorrentemente usado, até mesmo em jornais, revistas, programas televisivos, para se referenciar, de forma desrespeitosa, às travestis. Não estamos falando, aqui, de jornais de circulação nacional, nos quais, há uma mera tentativa de respeito a esses sujeitos; mas sim, dos jornais e mídias de circulação regional, dos programas de casos policiais, tão famosos já em várias regiões do país. Nesses, é usual ouvir tais termos em relação às travestis, as quais são, em sua maioria, expostas e desrespeitadas, sendo constantemente ridicularizadas pelos veículos de informação.

O policial, diante de toda essa realidade, usa o termo para as outras travestis, mas não o utiliza para se reportar à Muriel. Ao ser questionado, diz que ela é “diferente”. Ora, a diferença entre as travestis e Muriel poderia ser de que ordem? Todas estão travestidas, não? Todas estavam na rua, não? Baseado em que fatos o policial faria essa afirmação? Aqui, consideramos o conceito de FD, pois o policial usa os termos que considera unicamente corretos, tendo em vista sua visão de mundo, condições de produção, lugar que ocupa dentro da sociedade capitalista, ou seja, a sua posição enquanto enunciador desse discurso, filiado a uma FD (assalariado, funcionário do Estado, com baixos salários e horríveis condições de trabalho – risco de morte, violência, desrespeito da população – branco, morador de zona urbana, etc.); ao conviver com a violência, esse profissional se brutaliza e, para eles, é usual

³⁶ LIMA; BARBOSA (2011).

ligar as travestis a problemas de violência, confusões de ordem generalizada, roubos, drogas e assassinatos. “Não obstante, em Salvador, as travestis são unânimes em afirmar que os policiais militares são os mais violentos e os que mais praticam abusos, cometendo estupros ou coagindo-as ao ato sexual, achacando-as e mesmo assassinando-as” (KULICK, 2008, p. 49).³⁷

Como evidencia Orlandi (2009): “Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. [...] o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 38). E mais:

Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente (ORLANDI, 2009, p. 43).

Muriel é “diferente”, para o policial, pois não trabalha como profissional do sexo, na rua³⁸. Seria só isso? A própria personagem não utiliza o termo “travesti”, em sua fala. Ela prefere os termos “crossdresser” e “crossdresser selvagem”, em que o primeiro seria a palavra que produz o efeito de sentido referente a ela e o segundo seria em relação às travestis que trabalham como profissionais do sexo. Kulick (2008) chama a atenção para a realidade das travestis, o que revela a forma como são nominadas na sociedade vigente:

Todavia, em nenhum outro lugar a violência é tão ubíqua quanto no cotidiano das travestis. A violência é o eterno pano de fundo de suas vidas. Apesar de viverem habitualmente em trajes femininos, usarem cortes de cabelo, maquiagem, acessórios femininos, a maioria das travestis não passa por mulher, é evidente, sobretudo quando se apresenta à luz do dia. Em vez disso, elas parecem provocar uma impressão incongruente, que faz com que as pessoas reparem e comentem. Assim, uma travesti andando pelas ruas da cidade durante o dia certamente chama a atenção. E elas não são objeto apenas de

³⁷ Para reiterar, vale citar a fala de Amora Moira, travesti, prostituta: “Geral da polícia, coisa que nunca levei durante os meus 29 anos de homem cis, branco, barbado, classe média, cara de heterossexual, bastou um mês de travesti para me acontecer pela primeira vez. E com requintes de crueldade, eles esfregando o RG na minha cara, me obrigando a dizer em voz alta o nome que estava ali, para todo mundo ouvir, me chamando de “senhor” como forma de humilhação, aí ameaçando voz de prisão se eu não deixasse um deles, homem, me revistar. Deixei chorando e ele veio, apalpou minha bunda e peito na frente de todo mundo, ainda dizendo depois “nem foi tão ruim, foi?”. Todos rindo, eu em frangalhos, acolhida por minha melhor amiga” (MOIRA *et al.*, 2017, p. 54).

³⁸ Para afirmar isso, é preciso conhecer a série. Ela até passa um tempo fazendo programas, mas apenas para saber como seria viver uma “crossdresser selvagem”, termo que ela utiliza para se referenciar às travestis de rua.

olhar crítico. Muito pelo contrário, uma coisa que sempre me impressionou quando eu saía à rua, de dia, ao lado de travestis, era a verdadeira corrente de olhares libidinosos lançados para elas sem nenhuma vergonha por muitos homens, das mais diferentes idades. Isso acontecia mesmo nas ocasiões em que a travesti não estava agindo de maneira deliberadamente provocativa ou sedutora, mas apenas, por exemplo, comprando pãezinhos na padaria da esquina ou olhando sandálias nas vitrines de lojas (KULICK, 2008, p. 47).

Ao se nominar “crossdresser”, apesar de, na época, a autora (Laerte) ainda não fazer uso do termo “transgênero” - hoje, considerado por ela como mais adequado -, Muriel mobiliza muitos sentidos, ligados à FD na qual está/estava inscrita. A autora afirmou, retomando citação aqui já utilizada, que “O crossdresser é um travesti. Só que de classe média. Se lhe aplicarem a pecha de travesti, ele morre. Eu? Sou fina. Sou educada, não faço barraco na rua!”³⁹ Ou seja, diante dessa afirmação, podemos dizer que Muriel está inserida numa FD que lhe impõe algumas definições: homem (biológico e, por muitos anos, tendo performado o gênero masculino), branco, de classe média alta, morador de zona urbana – a saber, grandes cidades, como São Paulo. Usar o termo travesti seria se colocar na vida como uma travesti. Seria definir-se como uma travesti e, com elas, viver todas as agruras pertinentes a essa definição. Nesse momento, podemos afirmar que a ideologia está em funcionamento na constituição desse sujeito, pois, apesar de não perceber, Muriel está inserida em uma FD que não lhe permite se nominar como “travesti”.

Em contrapartida, podemos inferir o que o enunciado não diz, a respeito das travestis - por meio das palavras -, mas pelo silêncio: “O silêncio do sentido torna presente não só a iminência do não-dito que se pode dizer mas o indizível da presença: do sujeito e do sentido” (ORLANDI, 2007, p. 70). Muriel diz ao policial, quando não é levada no carro, no primeiro quadrinho da tira: “Crossdressers e crosdressers selvagens têm 99.4% de D.N. A em comum, sabia?” Assim:

- A) O crossdresser é uma travesti, mas uma travesti não é um crossdresser. É um crosdresser selvagem.
- B) Muriel, segundo o policial, é “diferente”.
- C) Muriel autodenomina-se como crossdresser e chama assim as amigas, não se filiando ao termo “traveca”, que o policial usou.

³⁹ (REVISTA *piuí*, 2013, p. 18).

D) Muriel baseia-se na ciência “99.4% de D.N.A em comum” para justificar que elas são, na verdade, muito semelhantes. Ainda que não admita o termo “traveca” ou travesti; ainda que não sejam iguais. Aqui, o discurso científico efetiva-se como uma argumentação, visto que teria maior valoração em relação a uma simples afirmação.

Assim como o policial, Muriel sabe que é “diferente”, pois ela mesma utiliza os termos “crossdresser” e “crossdresser selvagem”; ela não é uma crossdresser selvagem, o que surge em sua fala, quando diz que o DNA de ambas as classificações é muito parecido. Não são iguais. Apesar disso, ela quer ser tratada como uma crossdresser selvagem; vai juntamente no carro da polícia, desejando viver o que as outras também vivem.

Nesse sentido, Muriel representa, nessa tira, as pessoas que fazem crossdresser no Brasil: homens brancos, de classe média, que vivem uma vida dupla (no sentido de que não expressam à sociedade, livremente, sua vontade de travestir-se no gênero feminino), heterossexuais, casados com mulheres, cultos, educados, ou seja, pessoas que não são iguais às travestis, mas, de alguma forma, querem estar com elas, no mesmo grupo. Por isso, ser travesti seria uma definição específica; obviamente, também, e como afirmou Kulick (2008), não podem ser travestis, pois as travestis vivenciam sua expressão de gênero vinte e quatro horas por dia⁴⁰:

A combinação singular de atributos físicos femininos e a subjetividade homossexual masculina é o que faz as travestis serem quase únicas no mundo. Embora existam muitas culturas em que indivíduos, em graus variados e por diferentes meios, cruzam as fronteiras de gênero, travestis parecem ser um dos poucos casos em que se altera o corpo irrevogavelmente para que este se assemelhe ao do sexo oposto, sem contudo reivindicar a subjetividade própria ao sexo oposto. Longe de demandar uma subjetividade feminina, as travestis de Salvador manifestam, de maneira quase unânime, sua incompreensão diante de homens que o fazem. Há um consenso entre elas: qualquer indivíduo biologicamente masculino que pretenda ser mulher sofre de um desequilíbrio psicológico e, portanto, precisa de ajuda profissional (KULICK, 2008, p. 22).

⁴⁰ “Em algum momento você pode se perguntar: então existe diferença entre transexuais e travestis? O ativismo trans, como é chamado o grupo que briga pelos direitos dessa população, não tem uma resposta única e coesa sobre isso. “Transgeneridade” é uma espécie de “termo guarda-chuva”, ou seja, abriga em si as várias identidades trans, como travestis, transexuais e pessoas não binárias, por exemplo. Mas não é fácil traçar limites rígidos que separem essas várias identidades, pois isso pode acabar estabelecendo novas normas de como a pessoa deveria ser, o que volta a segregar quem não se encaixa, quem não quer se encaixar” (MOIRA, et al., 2017, p. 09).

Ademais, como afirma o autor, as travestis, de acordo com essa definição, não aceitam a “transexualidade”⁴¹, ou seja, pessoas que, de alguma forma, façam alterações em seus corpos de ordem definitiva (retirada do pênis, dos órgãos reprodutores masculinos ou femininos). Elas vivem sua expressão de gênero de forma única, como uma categoria específica no mundo, de acordo com os estudos do autor.

Diante disso, ao utilizar para ambas o termo “crossdresser”, Muriel estaria efetivando uma sensação de pertencimento ao grupo no qual quer se inserir, nesse momento em que está transicionando do gênero masculino para o feminino. O discurso, nesse caso, funcionaria como uma forma de normalizar seu pertencimento ao grupo; ela não quer ser “diferente”, de modo algum. É, ademais, uma estratégia para regular e controlar a vida dos sujeitos, ainda que seja uma falsa noção de pertencimento, de autonomia, uma vez que Muriel, na realidade, é uma crossdresser e não uma travesti, como são suas amigas, na tira.

Nesse contexto, Mariani (1996, p. 136) afirma:

Denominação é a determinação de um sentido. A utilização de uma outra expressão pode provocar no ouvinte representações diferentes. Os muitos sentidos das palavras, expressões e enunciados não apontam para questões individuais, mas sim, para as determinações históricas de sua constituição em termos das relações de forças sociais.

Ao se denominar como “crossdresser”, de acordo com Mariani (1996), Muriel estaria tentando burlar as Memórias que são mobilizadas quando se usa a palavra “travesti”: prostituição, drogas, brigas, confusão, problemas com a polícia, visto que essa foi a Memória que colocou no imaginário social.

Consideremos a próxima Sequência Discursiva Imagética, a fim de pensar na forma como a mídia veicula notícias sobre o sujeito trans:

⁴¹ Aqui, para elas, a transexualidade, de acordo com o que explica no decorrer do livro o autor Kulick (2008), seria alterar o sexo biológico, fazendo a cirurgia de redesignação sexual. É importante ressaltar que essas travestis, pesquisadas pelo autor, não se veem como pessoas trans.



FIGURA 15 - Sequência Discursiva Imagética 15

Na Sequência Discursiva Imagética 15, podemos perceber os efeitos de sentido produzidos em relação ao tema mídia e transgeneridade. Sabemos que a mídia busca audiência, pois, quanto mais um programa é visto, mais publicidade ele vende e mais dinheiro gera. Dessa forma, há a tendência de sensacionalizar as atrações, a fim de conquistar mais público. Assim, Muriel aparece, no último quadrinho, após ser recebida pelo personagem apresentador de televisão, com uma legenda nada respeitosa em relação às pessoas trans. Há, inclusive, o desenho de um “diabinho” rindo, ao lado da expressão “Bichona se veste de mulher!”. Esse símbolo, do diabo, é usado para se remeter ao mal, tanto nos filmes, livros, séries, teatro como em outras expressões artísticas, como músicas. E esse “diabinho”, além de representar o mal, ainda está rindo, divertindo-se da situação divulgada pela televisão em questão. Não há, nesse sentido, um compromisso com a seriedade, neutralidade e respeito a quem é entrevistado, mas sim uma necessidade de chamar a atenção para poder ter mais audiência. E isso é feito por meio da ridicularização, com a legenda, com o “diabinho” rindo, o que representa a naturalização em relação às pessoas trans na mídia, em papel de espetacularização, estereotipação, sendo ridicularizadas.

Nesse sentido, Muriel não é uma pessoa trans, mas sim uma “bichona”, que se veste de mulher. Há, aí, uma Memória mobilizada sobre as pessoas trans, que as coloca como “bichona”, que não é mulher, mas que “se veste de mulher”. Há uma clara contradição no que diz respeito aos termos, visto que sabemos, por tudo que já foi discutido neste texto, que a orientação sexual não tem relação com a identidade de gênero. O termo “bichona” é voltado aos homossexuais, no geral, aos afeminados, e tem uma pecha pejorativa, quando filiado à FD da heteronormatividade. “Se vestir de mulher”, nessa filiação, não é ser mulher. Bento (2008, p. 44) afirma: “Os regimes de verdades estipulam que determinadas expressões relacionadas com o gênero são

falsas, enquanto outras são verdadeiras e originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmos os sujeitos que não se ajustam às idealizações.” Portanto, vemos como a tira mobiliza os sentidos para criticar a maneira como a mídia tem sensacionalizado os termos que envolvem a transgeneridade, além de produzir um discurso que fomenta o ódio, a intolerância e o desrespeito, que culminam em agressões físicas, psicológicas, verbais e até em morte.

O insulto, um dos dispositivos mais eficazes para produção de seres abjetos que devem ser postos às margens, se transforma em fundamento para construir uma nova identidade marcada na e pela disputa. Assumir o insulto enquanto um elemento identitário é falar da margem ao centro, construir uma concepção pós-identitária. Ao mesmo tempo explicita a violência posta em jogo no processo de nomeação e hierarquização das identidades (BENTO, 2008, p. 53-54).

Ao usar o termo “bichona”, a mídia não está apenas desrespeitando Muriel, mas está, também, efetivando uma forma de abjeção, ao desumanizar aquela pessoa, a fim de estabelecer, como lei, que só se pode ser “homem, com pênis” ou “mulher, com vagina”.

Como já apresentado aqui, Mariani (1996), em sua tese de doutorado sobre o discurso comunista veiculado pela mídia, mostra que a imprensa possui efetivamente grande poder de convencimento e articulação. Dessa forma, quando a mídia faz esse tipo de denominação, em relação às pessoas trans, ela não está apenas denominando, mas mobiliza teor de verdade, por todo o aparato de argumentação, teorias sobre “imparcialidade” no jornalismo e o poder que possui, simplesmente por seu alcance.

Denominar é significar, ou melhor, representa uma vertente do processo social geral de produção de sentidos. O processo de denominação não está na ordem da língua ou das coisas, mas organiza-se na ordem do discursivo, o qual, lembrando mais uma vez, consiste na relação entre o linguístico e o histórico-social, ou entre a linguagem e exterioridade (MARIANI, 1996, p. 138).

A referida autora afirma que denominar não é apenas dizer algo sobre alguém, mas sim significar esse alguém. Além disso, a denominação efetiva-se com base em uma Memória Discursiva, que é histórica, como já vimos, e que envolve o social, o cultural, para muito além do termo mobilizado. Os efeitos de sentido produzidos, quando a mídia chama Muriel de “bichona que se veste de mulher”, estão para além

do que o sujeito trans, em si, é. Esses sentidos mobilizam uma Memória sobre esse sujeito, vinculados à FD Binarista de Gênero, que, de forma alguma, consegue diferenciar a orientação sexual da identidade de gênero; além disso, colocam as pessoas trans num lugar de ridicularização, espetacularização, sensacionalização, o que a mídia tem feito recorrentemente em relação a tais sujeitos. Isso pode ser confirmado pela quantidade de vídeos no site Youtube, por exemplo, em que travestis ou pessoas trans são ridicularizadas por pseudojornalistas, em programas de pseudojornalismo, em situações de prisão, drogadição ou envolvimento com roubo.⁴²

Dessa maneira, a Sequência Discursiva Imagética 15 produz o efeito de sentido de uma crítica à forma como são denominadas, divulgadas as notícias e temas que envolvem as pessoas trans.

Consideremos a próxima Sequência Discursiva Imagética:



FIGURA 16 - Sequência Discursiva Imagética 16

A tira que compõe a Sequência Discursiva Imagética 16 possui três quadros, sendo que o último é maior do que os dois primeiros. Muriel, no primeiro quadrinho, entra em um banheiro que, por suas características, é naturalizado como do gênero masculino. Isso pode ser percebido pelos mictórios, próprios de banheiros para homens, bem como pelo símbolo na porta, que indica uma figura masculina. As expressões dos personagens masculinos, ao verem Muriel adentrando o banheiro, não são amigáveis, o que pode ser percebido pelas faces raivosas e sobrancelhas arqueadas para baixo. No segundo quadrinho, um dos personagens verbaliza, por

⁴² Vanessão 20 reais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BwTiF1jyeDU>. Travesti é abusado e deixado na mão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VKKas8s16TA>. Sem meias palavras, testemunha animada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f57MjYYtUdw>. Travesti Randaram obriga o boy a assumir namoro: <https://www.youtube.com/watch?v=p5JQIX7gFEQ>. Há vários outros casos, mas não vamos nos estender nos exemplos, visto não ser esse o tema da nossa discussão.

meio de balão de fala, que “Azar, teu banheiro é o outro”; isso em resposta ao fato de Muriel ter dito que “só estou vestido de mulher”. Embaixo da palavra “vestido”, há uma marca de sublinhado, o que produz o efeito de sentido de que essa palavra está visando chamar a atenção do leitor. Afinal, estar vestido de mulher não é ser mulher, se esse discurso está filiado à FD Binarista de Gênero. No último quadrinho, diante de uma porta de banheiro com placa indicando o gênero feminino, Muriel aguarda com outras mulheres a sua vez de poder usar o sanitário.

O banheiro feminino, em festas e eventos ou em locais públicos, tende a ser sempre o mais cheio, tendo em vista que as mulheres precisam tirar a roupa para poder usar o sanitário, o que não se efetiva com os homens, que podem urinar em pé, sem se despir. Ademais, a maioria das casas públicas possui banheiros em número igual para ambos os gêneros, o que é absurdo, diante dessa diferença. Se as mulheres demoram mais, por sua condição de ter que fazer xixi sentadas, sem a roupa, deveria haver mais banheiros. Entretanto, nem sempre isso acontece. Dessa forma, Muriel tenta usar o banheiro masculino, apropriando-se do discurso de outra FD, à qual não está filiada, para dizer que pode usar o banheiro de homem, afinal, ela está apenas “vestida de mulher”; o ato não funciona e ela vai para a fila do banheiro feminino. Observemos:

Pensando também nas identidades de gênero, há, pelo funcionamento de uma ideologia dominante, um discurso que binariza as identidades dos sujeitos em masculino e feminino e justifica seus corpos. Isto é, por exemplo, no campo da biologia, a FD se materializa em dizeres como “homem tem pênis, logo, é masculino”, “mulher tem vagina, logo, é feminina”. Em um discurso que tem como elo o órgão sexual à identidade de gênero, a mulher trans que não fez a cirurgia de transgenitalização, logo que tem um pênis, não é considerada mulher, pois seu corpo não traz uma vagina, mas sim uma marca, vista pelo discurso da biologia, como masculina. Do mesmo modo o homem trans que não tem pênis e sim a vagina como órgão sexual (BOCCHI *et al.*, 2018, p. 287).

Os autores referidos acima, na citação, chamam a atenção para o fato de que, na FD Binarista de Gênero, só é possível ser homem ou mulher. Além disso, essa divisão está baseada na determinação biológica, no sexo, no genital: pênis ou vagina. Os discursos produzidos sobre “ser homem” ou “ser mulher”, nessa FD, baseiam-se sobremaneira na biologia, no saber médico, na ciência, na genitalização. Bento (2006, p. 87) afirma: “Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo

determinado. Ainda quando se é uma “promessa”, um devir, há um conjunto de expectativas estruturadas numa complexa rede de suposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se supunha causa.” Trata-se de interpelar o sujeito a ser mulher ou homem, com base em seu genital, concretizando atitudes, pensamentos, gestos, vestimentas, enfim, um aparato complexo discursivo que faz seu trabalho ideológico de convencimento.

Assim, sabemos que “ser homem” ou “ser mulher” são construções efetivadas discursivamente, pelo atravessamento ideológico, pela interpelação do sujeito a uma FD, que o signifique e, assim, o constitua. Nesse sentido, a esse sujeito, é permitido dizer e viver apenas o que está filiado a tal FD; Muriel, em suas tiras, performa o gênero feminino e se nomeia com nome pertinente a uma mulher. Ela, nesse sentido, tem atitudes consideradas femininas, veste roupas, acessórios e sapatos femininos, gesticula como uma mulher deve gesticular, usa o banheiro feminino, considerando todos os sentidos que são mobilizados quando se diz: “Eu sou mulher”. Mas, para a FD Binarista de Gênero, para ser mulher, é preciso apresentar o genital, os órgãos reprodutores femininos, o que Muriel não tem. Ela não se submeteu a nenhuma cirurgia de redesignação sexual, a fim de obter a “permissão médica” para ser uma mulher, ainda que não tenha nascido assim.

Nesse contexto, a tira trabalha com uma contradição de valores, difundidos e filiados à FD binarista, tendo em vista que a própria Muriel diz estar apenas “vestida” de mulher, o que está sublinhado. Ela não é uma mulher. Por isso, tem permissão para usar o banheiro masculino, já que possui o órgão genital que a habilita para isso. A contradição efetiva-se no fato de que os homens, presentes no banheiro masculino, não aceitam que ela use o espaço, ainda que ela diga que “só está vestida de mulher”. O espaço do banheiro público mobiliza sentidos que discursivizam o sujeito para além do seu corpo biológico, atingindo sua performance de gênero: “ao marcar-se nas portas dos banheiros “o masculino” e “o feminino”, há uma tentativa de controle das identidades de gênero, impondo aos sujeitos, em sua relação eu-outro, normas para o convívio social” (BOCCHI *et al.*, 2018, p. 290). Ainda que Muriel dissesse que só estava “vestida de mulher”, diante de sua performance feminina, os integrantes do banheiro masculino não permitiriam que ela usasse tal espaço. E, mais além, podemos pensar nos sentidos não ditos, nesse contexto. Produz o efeito de sentido como se os homens dissessem a Muriel que ela precisa usar o banheiro feminino, já que performa o gênero feminino, e que precisa ficar com todas as “aguras” de ser

mulher, inclusive, as filas enormes de banheiros públicos. Isso porque, nesse caso, Muriel estaria negando o privilégio de ter nascido homem. Dessa forma, tem que “aguentar” tudo que o gênero feminino implica no seu cotidiano. Ademais, usar esse ou aquele banheiro também faz parte da significação do sujeito, como nos mostra Mariani (1996, p. 138-139):

Do nosso ponto de vista, as denominações funcionam designando, descrevendo e/ou qualificando. As denominações significam não apenas pelo que se diz com elas, ou pelo modo como se diz, mas também pelo que não se diz (i.e., o conjunto das denominações não ditas, mas implicadas) bem como pelo que se depreende das relações que elas mantêm entre si. As denominações vão, assim, organizando regiões discursivas de sentidos que podem se repetir ou se transformar a cada período histórico, em correspondência com as relações sociais de força em jogo. Ou seja, elas são instaladas no interdiscurso, impedindo outras significações, disfarçando as tensões, mas ao mesmo tempo e, contraditoriamente, tornando evidente a fuga dos sentidos.

Nesse sentido, há um aparato de denominação desse sujeito, que envolve, inclusive, o fato de usar o banheiro tal ou tal; o sujeito está significado, denominado, se entra na porta do “masculino” ou do “feminino”, o que o capacita para outras performances, que envolvem a efetivação da categoria de gênero.

Observemos a seguinte Sequência Discursiva Imagética:



FIGURA 17 - Sequência Discursiva Imagética 17

Na Sequência Discursiva Imagética 17, Muriel está num bar, com amigas, tomando bebidas. Os efeitos de sentido, produzidos pelos diferentes usos de balões, possibilitam que percebamos que, nos primeiros momentos, Muriel está pensando, falando consigo mesma sobre o que irá acontecer no bar entre ela e um desconhecido. Quando o homem se aproxima, é usado um balão de fala para expressar o que ele

tem a dizer, que não agrada Muriel; no último requadro, a resposta mal humorada de Muriel é concretizada por meio do balão de “grito”. Também, são mobilizados recursos visuais, como dois riscos, próximos ao braço/mão de Muriel, que simbolizam um tapa, que ela teria dado no homem. Ademais, as expressões faciais de Muriel mostram raiva. Isso se confirma, ademais, porque vemos apenas o pé do homem, no caso, porque ele teria caído ao chão; também, vemos o copo de drink, que Muriel tomava, voando na cena, um pouco mais acima do braço da personagem.

O que teria causado a irritação de Muriel seria justamente o fato de o homem ter se interessado por sua amiga e não por ela; isso porque Muriel estava, nos primeiros quadrinhos, cheia de dúvidas sobre seu comportamento em relação a um homem se interessar por ela. Se ela correspondesse ao interesse, seria como homem? Seria como mulher? Seria Hugo ou Muriel? Nesse sentido, Muriel não resiste à FD Binarista de Gênero, está filiada a ela, pois só consegue considerar essas duas performances possíveis para sua expressão. Será vista como homem ou como mulher? Ou seja, mesmo tentando resistir à imposição Binarista de Gênero, questionando padrões com sua performance, ela acaba por se filiar a essa referida FD. Vemos, nessa tira, um tema também recorrente em outros momentos da série de Muriel Total, visto ser uma preocupação constante que aparece nas tiras. Que comportamento devo ter nas relações? Se estou expressando minha identidade feminina, como Muriel, agora, devo estar e me relacionar com homens cis? As dúvidas de Muriel surgem e, no geral, são sanadas com humor, assim como nessa Sequência Discursiva. Os conflitos são pertinentes à sua identidade e performatividade de gênero, mas também em relação à sua orientação sexual, relacionamentos. Ou seja, Muriel sente uma necessidade, expressada em muitas tiras da série, de se denominar ou ser denominada pelo outro.

Vejamos o que afirma Mariani (1996):

As denominações significam, e do ponto de vista de uma análise, podemos dizer que elas ‘iluminam’ a natureza das relações de forças existentes numa formação social, ou, em outras palavras, tornam visíveis as disputas, as imposições os silenciamentos, etc., existentes entre a formação discursiva dominante e as demais. Elas materializam esse cruzamento de discursos no qual atuam os domínios da memória, da atualidade e da antecipação (MARIANI, 1996, p. 138).

A autora referida chama a atenção para o fato de que as denominações

significam o sujeito, filiado a uma FD, bem como à sua historicidade, condições de produção, constituição enquanto sujeito interpelado pela ideologia, atravessado por ela e se constituindo nesse imbricamento. Para ser mulher, Muriel precisa ser denominada como mulher e esse movimento acontece no discurso, na relação com o outro. Se ela é denominada como mulher, não é homem. Há silenciamentos de sentidos quando se denomina algo ou alguém como isso ou aquilo (MARIANI, 1996). Por isso, surgem os conflitos de Muriel em relação aos seus relacionamentos e performatividade. Se eu me relaciono com homens, sou mulher. Se me relaciono com homem, sendo homem, sou homossexual. Se sou mulher e me relaciono com homem, sou heterossexual. Ou seja, sendo uma coisa, não pode ser a outra.

Essa necessidade de ser denominar e ser denominada, num jogo de sentidos que constitui esse sujeito trans, é confirmada por Bento (2008, p. 45), quando afirma:

Através das performances de gênero, a sociedade controla as possíveis sexualidades desviantes. Será a heterossexualidade que justificará a necessidade de se alimentar/produzir cotidianamente os gêneros binários, em processos de retroalimentação. Os gêneros inteligíveis estão condicionados à heterossexualidade e esta precisa da complementaridade dos gêneros para justificar-se como norma.

Quando Muriel se questiona sobre como agir, diante de um possível relacionamento, está mobilizando os sentidos que a definem, como uma pessoa vivendo a transição de gênero. Assim, o que é permitido expressar, diante da FD Binarista de Gênero, para que se confirme que ela é uma mulher? Deve se relacionar, nesse caso, apenas com homens cis? Deve agir apenas como mulher, em sua expressividade de gênero e nas relações sexuais? O controle efetivado por essa FD Binarista de Gênero está para além da performance de gênero e chega à orientação sexual, visto que tal FD está baseada num discurso heteronormativo, em que o desviante não é possível. Bento (2008) afirma que a heteronormatividade regula e determina “a impossibilidade fora dos seus marcos”, ou seja, é preciso, além de performar o gênero feminino, por exemplo, no caso de Muriel, também ser heterossexual. Os conflitos, as orientações fluidas, as vivências efêmeras da sexualidade não são permitidas para esse controle, visto que a heteronormatividade constitui-se como “um lugar que designa a base de inteligibilidade cultural através da qual se naturaliza corpos/gênero/desejos e definirá o modelo hegemônico de inteligibilidade de gênero, no qual supõe que para o corpo ter coerência e sentido deve

haver um sexo estável expresso mediante o gênero estável (masculino expressa homem, feminino expressa mulher)” (BENTO, 2008, p. 51).

Bento (2008, p.69) reitera:

A complexidade do processo de instauração social de uma identidade se anuncia quando um sujeito se põe em um discurso. Definir e explicar o que “eu sou” é inaugurar disputas implícitas com outras identidades, com alteridades que povoam a “minha subjetividade”. Este é o mecanismo mediante o qual os sujeitos incorporam aspectos e os transformam, total ou parcialmente, enquanto elementos constitutivos de suas identidades.

Diante disso, como afirma a referida autora, Muriel está passando por essa “instauração social de uma identidade”, de maneira que se põe em discurso, sendo também denominada pelos outros. Seus desejos, atos, vontades, sua subjetividade, a forma de se vestir, de se portar, de se relacionar; tudo isso faz parte de sua constituição como novo sujeito, um sujeito trans. Tais sentidos estão mobilizados em seu corpo, em seus gestos, em sua forma de agir, de pensar, de vestir, de se relacionar e são constantemente vigiados para que não haja um desvio dessa expressão de identidade. Há uma necessidade de questionamento por parte de Muriel, que está tentando se enquadrar na performance de gênero feminina; filiada à FD Binarista de Gênero, Muriel só consegue pensar que tem duas possibilidades: ser Hugo ou Muriel; agir como homem ou mulher. Não há um caminho do meio, em que haveria uma quebra desses paradigmas e conseqüente desfiliação dessa FD. Sua preocupação, nessa tira e em outros momentos da série (não apresentados neste texto por conta da falta de tempo e espaço para isso), envolvem a necessidade de ser denominada e se denominar dentro dessa FD Binária: sou homem ou mulher? Gosto de homem ou de mulher? Se fico com uma mulher, sendo mulher trans, sou lésbica? Ou, já que essa FD se embasa no discurso biológico, no genital, sou apenas um homem vestido de mulher ficando com outra mulher?

Esses e outros questionamentos são mobilizados nas tiras de Muriel Total e percebemos que fazem parte da constituição desse sujeito, dividido, inconsciente, assujeitado, que se filia a uma FD, mas logo se filiará a outra. Os sentidos são moventes, bem como sua interpelação ideológica vai se efetivando, por meio da filiação ou não a determinadas FDs; a ideologia vai fazendo seu trabalho, no silêncio do que não é dito e no que se diz, com o corpo, com os gestos, com o sexo, com a alma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve como intenção perceber os efeitos de sentidos mobilizados pelas tiras da série Muriel Total, da autora trans, Laerte. Para isso, mobilizamos a teoria de Análise de Discurso, de orientação francesa, baseada em Michel Pêcheux, Eni Orlandi e outros, que considera que o sujeito é constituído em seu discurso, o qual é atravessado pela ideologia, que o interpela como sujeito. Dessa forma, o sujeito não controla o que diz, tendo apenas a falsa ideia de poder em relação ao seu discurso. Assim, buscamos responder à seguinte pergunta: quais são os sentidos mobilizados e que Memória é aventada em relação ao sujeito trans, nas tiras de Muriel Total?

A fim de efetivar o estudo, fizemos o levantamento da teoria sobre conceitos que foram mobilizados pelo *corpus*, como Formação Discursiva, sujeito, sentido, ideologia, Memória Discursiva, Denominação, entre outros. Também, embasamo-nos em autores que discutem os temas veiculados pelas tiras da série, a saber, transgeneridade, identidade de gênero, orientação sexual, heterossexualidade, heteronormatividade, entre outros.

O percurso de estudo permitiu que percebêcemos o funcionamento discursivo a respeito dos sujeitos trans, nas tiras de Muriel Total, de maneira que tais discursos estariam filiados a uma FD, que nomeamos como Binarista de Gênero, termo apresentado por Leticia Lanz, em seu livro “O corpo da roupa”. Também, baseamo-nos em Bento, Foucault e Butler, estudiosos do tema gênero, visto que suas abordagens versam sobre o discursivo enquanto constituição dessas identidades.

Nesse contexto, foi possível perceber os sentidos que circulam em relação a esse sujeito trans, bem como as Memórias que são mobilizadas quando se fala em transgeneridade. Em muitas tiras, a personagem principal discute os temas que envolvem sua transição de gênero, de Hugo Baracchini para Muriel. As regularidades percebidas no *corpus* apontam para uma resistência de Muriel, sujeito trans, à necessidade de se denominar, de ser denominada, considerando a filiação à FD Binarista de Gênero. Essa FD pressupõe que há, apenas, duas possibilidades de identidade de gênero, as quais são baseadas no sexo biológico, no genital, a saber: masculino e feminino. Diante disso, Muriel vivencia o processo de transição de identidade de gênero masculina para feminina; nesse contexto, apresenta as dificuldades e dúvidas vivenciadas por uma pessoa trans, durante esse processo. Percebemos que há uma contradição entre querer se adequar ao gênero que se

deseja performar, no caso, o feminino, bem como há um movimento de transgressão em relação a esse padrão de adequação, o que se efetiva como uma resistência desse sujeito, configurada em um corpo que resiste à FD Binarista de Gênero. Ademais, percebemos, pela regularidade do *corpus*, uma busca por se denominar em aspectos como orientação sexual, comportamentos, relacionamentos com o outro. Isso põe em xeque a naturalização em relação às pessoas trans, que, ao fazerem a transição, devem também se relacionar com o gênero oposto (no caso, filiada à FD Binarista de Gênero). Isso concretiza uma filiação, também, à heteronormatividade, em que as relações heterossexuais são consideradas como padrão a ser seguido. Muriel, em muitas tiras, mobiliza sentidos a respeito de uma resistência em relação a essas naturalizações, bem como questiona suas próprias vivências enquanto pessoa trans. É preciso ressaltar, ademais, que Muriel é uma pessoa trans branca, de classe média, que fez a transição já pela meia idade. Isso também condiciona os sentidos que são mobilizados em relação a ela, o que pode não se efetivar com outras pessoas trans (pretas, periféricas, pobres, por exemplo). Temas, como o uso do banheiro feminino ou masculino, são presentes. Fazer ou não a hormonização, modificações corporais de várias ordens, relacionar-se com essa ou aquela pessoa, com esse ou aquele gênero são assuntos recorrentes nas tiras da série analisada, de maneira que pudemos perceber os sentidos mobilizados em relação a esse sujeito.

Dessa maneira, no primeiro capítulo, apresentamos as noções básicas de conceitos da AD francesa, a fim de ter embasamento conceitual para efetivar as análises. Escolhemos mobilizar os sentidos apresentados no *corpus* já na primeira seção, tendo em vista que intencionávamos perceber esse funcionamento já nos gestos de leitura. Assim, pontuamos conceitos sobre Formação Discursiva, sujeito, ideologia, sentido, interpelação ideológica, individuação pelo Estado, já efetivando análises da série Muriel Total, de maneira a perceber os sentidos que são mobilizados a respeito desse sujeito trans, filiado à Formação Discursiva Binarista de Gênero. Observamos os sentidos que envolvem o “ser mulher de verdade”, o que, na contramão, também determinaria o que é “ser um macho de verdade”; assim, as regularidades no *corpus* apontam para o fato de que há uma resistência, promovida pela série, em relação a tais denominações, que envolvem as diversas vivências da masculinidade e feminilidade. Há um questionamento em relação à FD Binarista de Gênero, que interpela esse sujeito em masculino ou feminino, apenas, não possibilitando outras vivências e identidades.

No segundo capítulo, versamos sobre o percurso metodológico, bem como sobre a historicidade do *corpus* em questão, a fim de esclarecer como nosso trabalho foi concretizado. Nesse momento, apresentamos as tiras que foram relevantes na constituição da personagem Muriel, ainda figurando como Hugo Baracchini, na *Folha de São Paulo*. Ademais, ressaltamos que o jornal, em que Muriel começou a circular, efetiva-se como filiado à FD Binarista de gênero, de maneira que as tiras não foram bem recebidas pelo público, como aponta Castro (2017). A personagem começou a figurar nas tiras de Hugo Baracchini, personagem que estava alocado no Caderno de Informática do referido jornal, o qual discutia temas vinculados à informática, tecnologia e relação com o homem. Hugo, para fugir da máfia, começa a se vestir de mulher e, então, Muriel rouba o espaço por um período de tempo, saindo do quadro apenas por conta das reclamações, ganhando um espaço específico, em um site, que hoje está fora do ar.

Já no terceiro e quarto capítulo, mobilizamos os conceitos de Memória Discursiva e Interdiscurso, visto ser necessário perceber quais são os sentidos percebidos sobre esse sujeito trans, nas tiras de Muriel Total. Com esses conceitos, pudemos observar que há, nas tiras analisadas, uma regularidade a respeito de uma Memória mobilizada, em que o sujeito trans, filiado à FD Binarista de Gênero, ora quer se enquadrar ao padrão de gênero imposto por essa FD, ora pensa transgredir esse aparato ideológico, resistindo às transformações corporais que, normalmente, são efetivadas em seu corpo, mas também em sua performance de gênero: gestos, roupas, acessórios, modo de falar, de andar, etc. Ao não efetivar modificações de ordem corporal, como hormonização, implante de silicone e outras, esse sujeito transgredir a norma de gênero imposta por essa FD Binarista; da mesma forma, ao efetivar tais modificações, ele busca estar enquadrado às imposições dessa FD, de maneira que isso se efetiva em uma contradição na constituição desse sujeito. Tal contradição vem ao encontro da teoria de AD francesa, visto que o sujeito, nesse sentido, é dividido, clivado, inconsciente e assujeitado à ideologia, que produz seu funcionamento por meio da interpelação à FD Binarista de Gênero.

No quinto e último capítulo, ao perceber as regularidades no *corpus*, mobilizamos os conceitos de Denominação e, ainda, de FD, visto que há, nos gestos de leitura efetivados, os efeitos de sentido de uma necessidade de se denominar como sujeito trans. Assim, observamos como esse sujeito, representado por Muriel, sente a necessidade de se denominar dentro de uma FD Binarista de Gênero. Muriel

apresenta questionamentos que envolvem a vivência de sua sexualidade, bem como o comportamento que deve ter em relação ao outro; há conflitos sobre o uso do banheiro, determinado, nessa FD Binarista, de acordo com cada identidade: masculina ou feminina. Percebemos os efeitos de sentidos produzidos sobre as performances de gênero; isso mobiliza denominações como “ser mulher” ou “ser homem”, “ser homossexual” ou “ser heterossexual”, o que determina a forma como se pode ou não agir, com que se deve ou não relacionar, filiado a essa referida FD.

O estudo nos permitiu ter maior conhecimento sobre os conceitos da AD francesa, bem como sobre as questões de gênero, mobilizadas pelas tiras da Série Muriel Total. O material de análise não se esgota com este trabalho, tampouco as possibilidades de interpretação, de maneira que há, ainda, muito a ser desvendado e observado, discursivamente, sobre este objeto de estudo. Considerando-se que o tema abordado pelo *corpus* tem sido recorrentemente reiterado na sociedade atual, sugere-se que outros trabalhos sejam feitos, sob outros viéses e perspectivas, tanto na AD francesa como com base em outras teorias, a fim de analisar e perceber os sentidos mobilizados por esse material.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. *In: ACHARD, Pierre et al. O papel da memória*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p.13-21
- AIUB, Giovani Forgiarini. Quando o sujeito fal(h)a: reflexões a partir das noções de ideologia e formação discursiva. **Domínios de lingu@gem.**, Uberlândia, v. 9, n.3, p.104-119, jul./set., 2015.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- AQUINO, Liliane Silva de. **Discursos midiáticos sobre a homofobia: as formações discursivas oriundas da morte do estudante Itamar Ferreira de Souza**. 2017. 107 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual da Bahia, Bahia, 2017.
- AZEVEDO, Illa Pires de. **Da vila Aboborinha para Nova Esperança: a construção discursiva do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento**. Orientador: Lícia Maria Bahia Heine. 2016. 160f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- AZEVEDO, Kele Rejane Lima. **Sentidos sobre gênero e sexualidade nos gibis da Turma da Mônica Jovem: uma análise discursiva**. 2016. 57 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Franca, Franca, 2016.
- BATISTA, Donizete Aparecido. **Entrelaçamento discursivo em quadrinhos publicados na Internet: humor, religião e sexualidade**. Orientador: Lígia Negri. 2016. 217 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice. **O que é a transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, mai./ago., 2012.
- BOCCHI, A. F. de A.; GARCIA, D. A.; PEREIRA, F.; POLTRONIERI, K.; LOZANO, M. F.; SOUSA, L. M. A. e. WC e gênero: discursos em movimento. **RUA**, Campinas, SP, v. 24, n. 1, p. 281-304, 2018. DOI: 10.20396/rua.v24i1.8652518. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8652518>. Acesso em: 18 jan. 2022.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the Discursive Limits of Sex**. Tayllor & Francis e-Library, 2011.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMARGO, Cássio Michel dos Santos. Memória discursiva e a Análise do Discurso na perspectiva pecheuxtiana e sua relação com a memória social. **Saber Humano**, Rio Grande do Sul, v. 9, n.14, p.167-181, jan./jun., 2019.

CAMPOS, Maria Teresa de Assis. **Família, gênero e sexualidade: uma análise do discurso de pais de meninos e meninas**. Orientador: Rafael De Tilio. 2017. 84 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2017.

CASTRO, Aline Fabiana de. **Travestir e Resistir: lutas, microlutas e resistência nas tirinhas da Muriel**. Orientador: Carla Reis Longhi. 2017. 179p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, Universidade Paulista, São Paulo, 2017.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie. Que objeto para a análise de discurso? In: **Materialidades discursivas**. Organização: Bernard Conein et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

COUTINHO, Laerte. **Hugo para principiantes**. São Paulo: Editora Devir, 2005.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre et al. **O papel da memória**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p.23-35

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Espaços de Circulação da Linguagem**, Rio Grande do Sul, n., 27, p. 39-46, dez., 2003.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. O corpo como materialidade discursiva. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FILHO, Emanuel Raiff Gomes da Nobrega. **História das multiplicidades travestis**

em Muriel Total, de Laerte Coutinho: cartografias discursivas da estética de si por um devir transgênero. Orientador: Maria Angélica de Oliveira. 2016. 245p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional.** Vitória: UFF-IESAE/FGV, 1987.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. Seminário de Estudos em Análise do Discurso (2. : 2005 : Porto Alegre, RS) **Anais do II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico]** – Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2022.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. *In:* INDURSKY, Freda *et al.* **Memória e história na/da análise do discurso.** Campinas: Mercado de Letras, 2011. p.67-89.

JUNIOR, Jorge Leite. **Nossos corpos também mudam.** Sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. Orientador: Maria Celeste Mira. 2008. 230f. Tese (doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

KATS, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KIMURA, Hugo Hajime. Pererê: discursos e produção de sentidos. **IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação Múltiplos Olhares** 05, 06 e 07 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/200t.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

KULICK, Don. **Travesti:** prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAGAZZI, Suzi. **O desafio de dizer não.** Campinas: Pontes, 1988.

LAGAZZI, Suzi. Pelas mãos de Carne: a luta do corpo na arte de viver. **Raled – Revista Latinoamericana de estudos do discurso**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 136-148, s/m., 2020.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa.** Curitiba, Editora Transgente, 2015.

LEITE, Samyr Alexssander Farias. **Sapatões, Gays, baitolas, meninas, bonecas, travestis e gilete:** os discursos da heteronormatividade nos jornais O Rio Branco e Gazeta do Acre/A Gazeta (1980-1990). Orientador: Francielle Maria Modesto Mendes.

2018.160p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2018.

LIMA, Bruno Cavalcanti; BARBOSA, Maria Fernanda M. O Sufixo –eco sempre forma diminutivos com valor pejorativo no PB? **Domínios da linguagem**, Revista Eletrônica de Linguística, v. 5, n° 2, s/p, 2° Semestre, 2011 - ISSN 1980-5799. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 06 jan. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes pós-modernos. *In: Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Marcas do corpo, marcas de poder. *In: Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Uma política pós-identitária para a Educação. *In: Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT. Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda, 2015. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.

MARIANI, Bethania. Nome próprio e constituição do sujeito. **Letras**, Santa Maria, v. 24, n. 48, p.131-141, jan./jun. 2014.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 – 1989)**. Orientador: Eni Puccinelli Orlandi. 1996. 256f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MARIANI, Bethania. As formas discursivas e a ameaça comunista. **Líng. e Instrum. Linguíst.**, Campinas, SP, n. 44, p. 270-289, jul./dez. 2019.

MOIRA, Amara *et al.* **Vidas Trans**. Bauru: Astral Cultural, 2017.

OLIVEIRA, Francine Natasha Alves de. **Queer em quadrinhos: representações brasileiras contemporâneas**. Orientador: Adelaine Laguardia Nogueira. 2014. 136p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Silêncio, Sujeito, História: significando nas margens. *In: As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p.61-92.

ORLANDI, Eni. Maio de 1968: os silêncios da memória. *In: ACHARD, Pierre et al. O*

papel da memória. Campinas: Pontes Editores, 2020. p.55-65

ORLANDI, Eni. Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas consequências sujeito/histórica e indivíduo/sociedade. *In: INDURSKY, Freda et al. Memória e história na/da análise do discurso.* Campinas, Mercado de Letras, 2011. p.37-53

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, tu, ele –** Discurso e o real da história. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PATERMAN, Carole. **O Contrato Sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Análise do discurso.** Campinas: Fontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Editora Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In: ACHARD, Pierre et al. O papel da memória.* Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 45-53

PÊCHEUX, M. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PEREIRA, Lidia Noronha. **A (des)estabilização de sentidos para corpo-e-sujeito inscritos pela sexualidade e pelo gênero:** efeitos de ruptura. Orientador: Telma Domingues da Silva. 2017. 164p. Tese (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2017.

PEREIRA, Lidia Noronha. **Sentidos (tra)vestidos:** o político e o ideológico no discurso sobre o travesti Pouso Alegre, MG 2014. Orientador: Telma Domingues da Silva. 2014. 71p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2014.

Revista **piuí.** N° 79 – Abril, 2013.

SANTOS, Andreia Aparecida Thibes dos. **Corpo transexual em (in)visibilidades discursivas na mídia.** 2017. 133p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

SILVA, Jonathan Chasko da. **Um dos homens seria travesti:** análise do discurso jornalístico sobre as travestis em Cascavel – PR. Orientador: Alexandre Sebastião Ferrari Soares. 2017. 90p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

SILVA, Larissa Mués Pelúcio. **Nos nervos, na Carne, na Pele:** uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids. Orientador: Marina Denise

Cardoso. 2007. 312f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. A construção de identidade sexual: travesti, a invenção do feminino. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, s/v., n.2, p. 5-14, mai., 2012.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari; MEDEIROS, Vanise. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício. **Revista da Anpoll**, Brasília, v. 1, n. 32, p. 1-208, Jan./Jul., 2012.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari *et al.* Como resistir à memória que nunca esquece? – dos médicos higienistas à AIDS, da doença como merecimento ao discurso da bancada evangélica. *In*: FERRARI, Alexandre *et al.* **Discurso, resistência e...** Cascavel: Edunioeste, 2015. p.21-36

SOUSA, Lucília Maria Abirão. Dizeres de resistência em rede: é (também) de impossível que se trata. *In*: FERRARI, Alexandre *et al.* **Discurso, resistência e...** Cascavel: Edunioeste, 2015. p.135-141

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. Ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai. **“Quantas curtidas merece essa trans?”**: a recepção da transexualidade nas mídias digitais. Orientador: Larissa Maués Pelúcio Silva. 2018. 280f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista/UNESP, Universidade Paulista, Marília, 2018.

Entrevista Laerte Coutinho ao programa De frente com Gabi. Exibido em 12 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uxD1xXvQWYM>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Entrevista Laerte Coutinho. Programa Gabi Quase Proibida. Exibido em 16 de outubro de 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Ylesk_rb9LY. Acesso em 29 ago. 2018.

Entrevista Laerte para o Roda Viva. Exibido em 20 de fevereiro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5hXQDThUiA&t=49s>. Acesso em: 17 jan. 2020.

Laerte-se. Documentário lançado em 19 de maio de 2017. Produzido por Eliane Brum. Direção de Lygia Barbosa da Silva. 1h41m. Disponível na Netflix.

<http://murieltotal.zip.net/>. Acesso em 21 de agosto de 2018.

SITES

<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=BwdLhttps://piaui.folha.uol.com.br/a-revista/>
<https://medium.com/singular-plural/a-piauí-de-moreira-salles-46938cb2bffb>

GLOSSÁRIO

Performance de gênero - “Como efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantástico” (BUTLER, 2018, p. 253).

Pessoas trans – De acordo com Lanz (2015): “O que caracteriza a pessoa transgênera é a transgressão de normas do dispositivo binário de gênero – homem/mulher ou masculino/feminino. Tal desvio, não importa em que grau ou de que forma ocorra, é sempre duramente rechaçado, reprimido e castigado por atingir frontalmente o principal pilar da organização sociopolítica do mundo em que vivemos: a divisão dos seres humanos em dois e somente dois grupos de pessoas, homens e mulheres. Essa divisão, conhecida como “divisão por gênero”, é antes de tudo um sistema de controle dos indivíduos e, como tal, quem escapa da sua órbita coercitiva será “gentilmente convidado” a voltar para a “normalidade”, ou seja, para o cumprimento cego e totalmente acrítico das normas de conduta vigentes” (LANZ, 2015, p. 19).

Transformista - De acordo com Manual de Comunicação LGBT: “O indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas” (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT, 2015, p. 17).

Passabilidade - Para Lanz (2015), com quem nos identificamos em termos de teoria: “Tão essencial quanto polêmico dentro dos Estudos Transgêneros, o tema da passabilidade focaliza o quanto uma pessoa transgênera consegue expressar os estereótipos da categoria de gênero que deseja expressar ao mundo. Ou seja, o quanto a pessoa se parece ou não com o que a sociedade diz que um homem, uma mulher ou outra identidade qualquer tem que ser. Trata-se de uma equação simples em que passar é igual a ser reconhecida e aceita pela sociedade. Quanto mais passável, mais habilitada ao convívio “normal” no mundo cisgênero-heteronormativo e menos chance de ser estigmatizada e violentada como transgressora de gênero. Passar teria, assim, também uma função protetora, na medida em que pessoas transgêneras que não passam convincentemente ficam teoricamente muito mais expostas à violência real e simbólica por parte da população cisgênera” (LANZ, 2015, p. 285).

Binarismo de gênero - De acordo com Lanz (2015), o binarismo de gênero ou dispositivo binário de gênero seria a imposição da performatividade de apenas dois gêneros, a saber, masculino e feminino. Esses gêneros, além do mais, estão vinculados de forma imbricada ao sexo biológico, para a sociedade vigente, de maneira que não sobra brecha para uma pessoa que não possua essa congruência entre sexo e gênero se expressar de qualquer outra forma. O dispositivo binário de gênero é considerado tóxico, tendo em vista que impõe padrões – os quais jamais poderão ser cumpridos em sua totalidade -, efetivando exclusões e preconceitos a quem não se identifica com seus estereótipos. Ainda: “A regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” (BUTLER, 2018, p. 47).

Gênero - Para Lanz (2015): “Vamos combinar uma coisa, de novo e de novo e quantas vezes ainda forem necessárias: sexo é uma coisa, gênero é outra coisa e orientação sexual é outra coisa ainda. Sexo é genital: macho e fêmea (além de intersexuado e nulo). Gênero é social: homem e mulher ou masculino e feminino. Orientação sexual é erótico-afetivo: homo, hetero, bi, assexual, pansexual, etc. Não é porque alguém nasceu macho (i.e., com um pinto) que tem que ser homem (gênero masculino) e querer a companhia de mulher (heterossexual), como consta da regra chamada heterossexualidade compulsória, em pleno vigor na nossa sociedade. A pessoa pode nascer com um pinto e descobrir (identidade de gênero) que não tem a menor afinidade com o gênero masculino pessoa transgênero = transgressora de gênero, no qual, por possuir um pinto, a pessoa é compulsoriamente classificada ao nascer e, ainda assim, gostar de mulher para namorar e fazer sexo. Assim como há muitos machos de nascimento (portadores de pintos) que se sentem bem enquadrados na condição de homem mas que sentem atração não por mulheres (como estabelece a regra da heterossexualidade compulsória, já mencionada antes) mas por homens. Da mesma forma, se um macho sente atração por outro macho não quer dizer que ele está necessariamente em conflito com a sua categoria de gênero (homem) e que, portanto, deve mudar de gênero” (LANZ, 2015, p. 38). Ao mesmo tempo, para Butler (2018): “[...] o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. [...] o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é” (BUTLER, 2018, p. 56).